PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

ROSÂNGELA SOARES DE ALMEIDA RIBEIRO

EDUCAÇÃO, LITERATURA E MEMÓRIA: NARRATIVAS SOBRE A EDUCAÇÃO E A ESCOLA A PARTIR DO OLHAR DE MACHADO DE ASSIS E CORA CORALINA

GOIÂNIA-GO
2024

ROSÂNGELA SOARES DE ALMEIDA RIBEIRO

EDUCAÇÃO, LITERATURA E MEMÓRIA: NARRATIVAS SOBRE A EDUCAÇÃO E A ESCOLA A PARTIR DO OLHAR DE MACHADO DE ASSIS E CORA CORALINA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial, para obtenção do título de Doutora em Educação.

Área de concentração: Educação e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Educação, Sociedade e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida.

GOIÂNIA-GO

2024

R484e Ribeiro, Rosângela Soares de Almeida
Educação, literatura e memória: narrativas sobre a educação e a escola a partir do olhar de Machado de Assis e Cora Coralina / Rosângela Soares de Almeida Ribeiro.-- 2024.
177 f.: il.

Orientadora: Profª Dr.ª Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida.
Tese (doutorado) -- Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Formação de Professores e Humanidades, Goiânia, 2024
Inclui referências: f. 140-148.

1. Transmissão textual - Estudo e ensino. 2. Educação - História. 3. Ponto de vista (Literatura) - Estudo e ensino I. Almeida, Maria Zeneide Carneiro Magalhães de. II. Pontifícia Universidade Católica de Goiás - Programa de Pós-Graduação em Educação - 27/08/2024. III. Título.

CDU: 37.015.31:82(043)

Melany Barbosa Borges Xavier / CRB1-1356

Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Pontifical Catholic University of Goias
Av. Universitária, 1069, Setor Universitário
Caixa Postal 86 - CEP 74.605-010
Goiânia – Goiás – Brasil

ATA Nº 209/2024
SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DOUTORADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM EDUCAÇÃO DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

No dia **27 de agosto de 2024**, às **08:30** , foi realizada no auditório da área II, PUC Goiás , a sessão pública de Defesa de Tese de **ROSÂNGELA SOARES DE ALMEIDA RIBEIRO** , discente do curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em **Educação** da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, com trabalho intitulado "EDUCAÇÃO, LITERATURA E MEMÓRIA: NARRATIVAS SOBRE A EDUCAÇÃO E A ESCOLA A PARTIR DO OLHAR DE MACHADO DE ASSIS E CORA CORALINA". A Banca Examinadora foi composta por: Profa. Dra. Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida / PUC Goiás (Presidente); Prof. Dr. Divino José Pinto / PUC Goiás; Prof. Dr. Junior César Ferreira de Castro/ PUC Goiás; Profa. Dra. Leandra Vaz Fernandes Catalino Procópio / Universidad Autónoma de Madrid - Espanha; Profa. Dra. Maria Luiza Gomes Vasconcelos /FACMAIS; Profa. Dra. Maria José Modesto Silva / PUC Goiás (Suplente) e Prof. Dr. Lizandro Poletto / FACMAIS (Suplente) . O trabalho da Banca Examinadora foi conduzido pelo(a) Presidente da Banca que, inicialmente após apresentar os docentes integrantes da Banca Examinadora, concedeu 30 minutos ao(a) discente para que este(a) expusesse seu trabalho. Após a exposição o(a) Presidente da Banca concedeu a palavra a cada membro para que estes arguissem o(a) discente. A banca examinadora deliberou pela manutenção do título original do trabalho apresentado, . Durante a arguição os membros da banca apresentaram suas contribuições ao trabalho, com sugestões para conclusão do estudo e apresentação dos resultados da pesquisa. Após o encerramento das arguições a banca examinadora, reunida isoladamente, avaliou o trabalho desenvolvido e o desempenho do(a) discente, considerando sua trajetória no curso e o trabalho produzido. Como resultado a Banca Examinadora deliberou pela **APROVAÇÃO da Tese** . Proclamado o resultado pelo(a) Presidente da Banca, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente Ata que é assinada pelos membros da banca e pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação.

Goiânia, GO, 27 de agosto de 2024

Assinam esta Ata,
Banca Examinadora

Profa. Dra. Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida / PUC Goiás (Presidente); Prof. Dr. Divino José Pinto / PUC Goiás; Prof. Dr. Junior César Ferreira de Castro/ PUC Goiás; Profa. Dra. Leandra Vaz Fernandes Catalino Procópio / Universidad Autónoma de Madrid- Espanha e Profa. Dra. Maria Luiza Gomes Vasconcelos /FACMAIS.

Profa. Dra. Cláudia Valente Cavalcante – Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação

Dedico esta tese a duas pessoas que sempre me incentivaram a estudar: Dona Julieta Feitosa e ao meu pai Gercino (*in memorian*).

Tenho certeza de que vocês estão orgulhosos de mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus e a Nossa Senhora por me ter concedido a bolsa TAXA CAPES/PROSUC para cursar o meu Doutorado.

O meu muito obrigada a minha querida orientadora, Profa. Dra. Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida, por não ter medido esforços para orientar em qualquer dia da semana. Saiba que nunca esquecerei da senhora por ter a honra de conhecer e tê-la como minha amiga. Eterna gratidão.

Ao professor José Maria Baldino *(in memorian)*. Recordo-me bem das suas palavras de encorajamento e carinho. O senhor não está entre nós, mas tenho a certeza de que está torcendo por mim. Muito obrigada pela proteção e por ter apresentado a minha professora orientadora. Gratidão.

Aos componentes da banca formada pelos docentes doutores Divino José Pinto, Junior César Ferreira de Castro, Leandra Vaz Fernandes Catalino Procópio, Lizandro Poletto, Maria Luíza Gomes Vasconcelos e Maria José Modesto Silva. Tenham o meu agradecimento pelas ricas contribuições.

A todos os professores e professoras do Programa de Doutorado em Educação da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, PUC Goiás, os quais tive a oportunidade de aprender e compartilhar experiências durante essa jornada. A turma de 2021-1 por ter compartilhado ótimos momentos juntos, uma vez que nunca esquecerei pela amizade de Cristiano, Diana, Diane, Diogo, Gineygledson, Gustavo, Marco Antônio, Maria José, José Gabriel, Meire, Norma, Nívea, Sônia e Roberta. Em especial, a Cristiane Rueffer e a Daniele Gross pelo fato de ter o conhecido durante a jornada das aulas, sobretudo, a minha amiga e irmã Cíntia que sempre esteve comigo desde a primeira graduação, gratidão pela amizade.

A minha família por ser o meu porto seguro. Eterna gratidão a minha mãe pelas orações. Obrigada ao meu esposo Walter e filhos Betinho Pedro por me compreender nesse percurso das minhas pesquisas. Amo vocês.

Eu não posso desistir

Eu não posso desistir da minha rotina,
porque ela faz parte da minha vida.
Eu não posso desistir de acordar bem cedinho,
é mais um dia chegando, mais uma oportunidade de crescer.
Eu não posso desistir do meu trabalho,
pelo fato de amar a minha profissão
e poder dar a minha contribuição na prática docente.

Eu não posso desistir dos obstáculos,
porque eles servem para me tornar mais forte.
Eu não posso desistir dos meus amigos,
pois compartilhamos momentos bons e ruins,
sei que posso contar com eles em todos os momentos.
Eu não posso desistir da minha família,
pois ela me apoia em tudo, é o meu porto seguro.

Eu não posso desistir do meu doutorado,
porque a caminhada foi longa para chegar até aqui.
Por isso:
E eu nunca desisti,
E com muita força e persistência, cheguei até aqui.

Rosângela Soares de Almeida Ribeiro

O rei se alegra em tua força, SENHOR; e na tua salvação grandemente se regozija.

Cumpriste-lhe o desejo do seu coração, e não negaste as súplicas dos seus lábios (Selá).

Salmos 21,1-2.

Poeta, não somente o que escreve.
É aquele que sente a poesia,
se extasia sensível ao achado
de uma rima, à autenticidade de um
verso.

Cora Coralina

Umas coisas nascem de outras, enroscam-se, desatam-se, confundem-se, perdem-se, e o tempo vai andando sem se perder de si.

Machado de Assis

Desistir? Eu já pensei seriamente nisso, mas nunca me levei realmente a sério. É que tem mais chão nos meus olhos do que cansaço nas minhas pernas, mais esperança nos meus passos do que tristeza nos meus ombros, mais estrada no meu coração do que medo na minha cabeça.

Cora Coralina

A ficção é o caminho privilegiado da redescrição da realidade.

Paul Ricoeur

RESUMO

A presente tese “Educação, literatura e memória: narrativas sobre a educação e a escola a partir do olhar de Machado de Assis e Cora Coralina”, enquadra-se na linha de pesquisa de Educação, Sociedade e Cultura do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Goiás ao investigar sobre o modelo de educação do século XIX e XX pela obra machadiana e da poética coralina. O objetivo geral é buscar nas narrativas de Machado de Assis e nos poemas de Cora Coralina a representação da história da educação e da memória da escola desse período por meio da escrita literária. Os objetos de análises concentram-se no “Conto de Escola”, “Teoria do Medalhão” e “Um cão de lata ao rabo” e, ainda, nos poemas “Beco da escola”, “A escola da mestra Silvina” e “Mestra Silvina”. Logo, o trabalho se justifica ao estabelecer uma relação entre a história da educação e a construção imagética da escola pela literatura onde os textos literários trazem toda uma representação da forma de ensino, à maneira de como se mediava a construção do saber e, acima de tudo, o contexto educacional do século XIX e XX. A temática abordada tanto por Machado de Assis quanto em Cora Coralina, apesar de estar ligada, respectivamente ao Realismo e Modernismo, ainda permanece contemporânea pela gama de conhecimento devido a visão cientificista voltada ao comportamento humano, do mundo e do país que professavam, sobretudo, um padrão de escola com modelos de pessoas e uma vida cotidiana. Como fundamentação teórico-metodológica, foi necessário recorrer a pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo com base em Triviños (1987), partindo-se do método da história cultural com a contribuição de Roger Chartier (1988). Para isso, convoca-se no que tange à educação, os preceitos teóricos de Umberto Eco (1993), Hannah Arendt (1995), Franco Cambi (1999), Paul Ricoeur (2000), Antonio Candido (2004), Gabriel Perissé (2006), John Gledson (2006), Dermeval Saviani (2008), Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida (2009) e Paulo Freire (2009). Já o referencial teórico voltado à literatura se concentra em Machado de Assis (2011), Cora Coralina (2013), Paulo Ghiraldelli Junior (2015) e Harold Bloom (2017). Portanto, o trabalho é resultado de uma pesquisa histórico-educacional e literária que discute a questão da memória, da cultura e da narrativa escolar. A produção literária deixada por Machado de Assis e Cora Coralina remete-nos a um mundo em que aborda a sociedade de forma atemporal e com seus valores humanos.

Palavras-Chave: História da educação. Literatura. Memória. Narrativa escolar.

ABSTRACT

This thesis, "Education, literature and memory: narratives about education and school from the perspective of Machado de Assis and Cora Coralina", fits into the line of research on Education, Society and Culture of the Postgraduate Program in Education at PUC-Goiás, investigating the education model of the 19th and 20th centuries through Machado's work and Coralina's poetry. The general objective is to seek in the narratives of Machado de Assis and in the poems of Cora Coralina the representation of the history of education and the memory of the school of that period through literary writing. The objects of analysis are concentrated in "Conto de Escola", "Teoria do Medalhão" and "Um cão de lata ao rabo" and, also, in the poems "Beco da escola", "A escola da mestra Silvina" and "Mestra Silvina". Therefore, the work is justified by establishing a relationship between the history of education and the imagery of the school through literature, where literary texts provide a complete representation of the form of teaching, the way in which the construction of knowledge was mediated and, above all, the educational context of the 19th and 20th centuries. The theme addressed by both Machado de Assis and Cora Coralina, despite being linked to Realism and Modernism, respectively, remains contemporary due to the range of knowledge due to the scientificist vision focused on human behavior, the world and the country that professed, above all, a school pattern with models of people and daily life. As a theoretical-methodological foundation, it was necessary to resort to qualitative bibliographical research based on Triviños (1987), starting from the method of cultural history with the contribution of Roger Chartier (1988). To this end, the theoretical precepts of Umberto Eco (1993), Hannah Arendt (1995), Franco Cambi (1999), Paul Ricoeur (2000), Antonio Candido (2004), Gabriel Perissé (2006), John Gledson (2006), Dermeval Saviani (2008), Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida (2009) and Paulo Freire (2009) are used in education. The theoretical framework focused on literature focuses on Machado de Assis (2011), Cora Coralina (2013), Paulo Ghiraldelli Junior (2015) and Harold Bloom (2017). Therefore, the work is the result of historical-educational and literary research that discusses the issue of memory, culture and school narrative. The literary production left by Machado de Assis and Cora Coralina takes us to a world in which society is approached in a timeless way and with its human values.

Keywords: History of education. Literature. Memory. School narrative.

RESUMEN

Esta tesis, "Educación, literatura y memoria: narrativas sobre educación y escuela desde la perspectiva de Machado de Assis y Cora Coralina",se inscribe en la línea de investigación sobre Educación, Sociedad y Cultura del Programa de Posgrado en Educación de la PUC-Goiás al investigar el modelo educativo de los siglos XIX y XX a través de la obra de Machado y la poética coralina. El objetivo general es buscar en las narrativas de Machado de Assis y los poemas de Cora Coralina la representación de la historia de la educación y la memoria de la escuela de ese período a través de la escritura literaria. Los objetos de análisis se concentran en "Conto de Escola", "Teoria do Medalhão" y "Un dog de tin aotail" y, también, en los poemas "Beco da Escola", "A Escola da Mestra Silvina" y "Mestra Silvina". Por lo tanto, el trabajo se justifica al establecer una relación entre la historia de la educación y la construcción imaginaria de la escuela a través de la literatura, donde los textos literarios traen toda una representación de la forma de enseñar, la forma en que fue mediada la construcción del conocimiento y, sobre todo, todo, el contexto educativo de los siglos XIX y XX. El tema abordado tanto por Machado de Assis como por Cora Coralina, a pesar de estar vinculado, respectivamente, al Realismo y al Modernismo, aún permanece contemporáneo por la amplitud de conocimientos debido a la visión científica centrada en el comportamiento humano, el mundo y el país que profesaban. , sobre todo, un patrón escolar con modelos de personas y de vida cotidiana. Como fundamento teórico-metodológico fue necesario recurrir a la investigación bibliográfica cualitativa basada en Triviños (1987), partiendo del método de la historia cultural con el aporte de Roger Chartier (1988). Para ello, en materia de educación, se denominan los preceptos teóricos de Umberto Eco (1993), Hannah Arendt (1995), Franco Cambi (1999), Paul Ricoeur (2000), Antonio Candido (2004), Gabriel Perissé (2006). upon), John Gledson (2006), Dermeval Saviani (2008), Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida (2009) y Paulo Freire (2009). El referente teórico centrado en la literatura se centra en Machado de Assis (2011), Cora Coralina (2013), Paulo Ghiraldelli Junior (2015) y Harold Bloom (2017). Por tanto, la obra es resultado de una investigación histórico-educativa y literaria que aborda la cuestión de la memoria, la cultura y la narrativa escolar. La producción literaria que nos deja Machado de Assis y Cora Coralina nos traslada a un mundo en el que abordan la sociedad de forma atemporal y con sus valores humanos.

Palabras clave: Historia de la educación. Literatura. Memoria. Narrativa escolar.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABL: Academia Brasileira de Letras

BNCC: Base Nacional Comum Curricular

BDTD: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CNPQ: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

DCE: Diretório Central dos Estudantes

EHMCES: Educação, História, Memórias e Culturas em diferentes espaços sociais.

GO: Goiás

HISTEDBR: História, Sociedade e Educação no Brasil

INEP**:** Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

PUC- Pontifícia Universidade católica de Goiás

TO: Tocantins

UEG: Universidade Estadual de Goiás

UFT: Universidade Federal do Tocantins

UFG: Universidade Federal de Goiás

UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFTM: Universidade Federal do Triângulo Mineiro

UFSC: Universidade Federal de Santa Catarina

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Machado de Assis.....47
Figura 2 - Morro do Livramento no Rio de Janeiro.....52
Figura 3 - Conto de escola.....54
Figura 4 - Conto “Teoria do medalhão”.....65
Figura 5 - Conto “Um cão de lata ao rabo” 74
Figura 6- Cora Coralina.....87
Figura 7- Casa da Cora Coralina.....96
Figura 8- O beco da escola.....100
Figura 9- Escola da mestra Silvina.....106
Figura 10- Poema Mestra Silvina.....115

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....19

INTRODUÇÃO.....22

1. O PAPEL DA LITERATURA PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO E DA FORMAÇÃO HUMANÍSTICA NA ESCOLA.....25

1.1. História, educação e literatura: um caminho de possibilidades.....29

1.2. História da educação e a narrativa ficcional.....34

1.3. O papel da literatura na formação de leitores críticos.....37

2. MACHADO DE ASSIS: A EDUCAÇÃO DO SÉCULO XIX.....46

2.1. Contexto histórico da construção do conto de escola.....50

2.2. Conto de escola: metodologia educacional do século XIX.....53

2.3 Teoria do medalhão: o realismo social e a educação de classe.....65

2.4. Um cão de lata ao rabo: a educação pelos manuais retóricos.....74

3. UM OLHAR HISTÓRICO- CRÍTICO DA EDUCAÇÃO E DO ENSINO EM CORA CORALINA.....87

3.1. Contexto histórico da produção dos poemas de Cora Coralina.....95

3.2. O beco da escola: um lugar de lembranças no contexto social e educacional de Cora Coralina.....99

3.3. A escola da mestra Silvina: a educação disciplinar do século XX.....105

3.4. Mestra Silvina: as lembranças de uma educação tradicionalista.....…115

4 - MEMÓRIA, NARRATIVAS, EDUCAÇÃO E ESCOLA: RETOMANDO AOS AUTORES MACHADO DE ASSIS E CORA CORALINA.....120

4.1. Tempo e história na narrativa escolar de Machado de Assis e Cora Coralina.....122

4.2. Memória e História: a imagem da escola pela escrita literária.....124

4.3. Cultura escolar: presente e passado.....128

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....136

REFERÊNCIAS.....140

ANEXOS.....149

APRESENTAÇÃO

> Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação.
>
> (BRANDÃO, 1985, p. 5).

A presente tese é fruto de muitos sonhos, vindo de uma vontade imensa de prosseguir com meus estudos e pela forte influência de duas pessoas que me impulsionaram a nunca parar de estudar. O primeiro foi meu pai "Gercino" (*In memoriam*) que, desde criança, sempre me falou da transformação que os estudos fazem na vida de cada um, e depois, quando veio a falecer, tive o privilégio de conhecer a dona "Julieta Feitosa" (*In memoriam*), pois por incrível que pareça, tinha os mesmos pensamentos. Ela deu avante com as suas sábias palavras de encorajamento, pensamento positivo e dizia: "ainda vou te ver lá no pódio". E agora eis me aqui, na minha pesquisa de doutoramento. Para De Certeau (1990, p. 131), a memória é a arte construída por clarões, fragmentos e detalhes que são relembrados. Para o autor, a memória é móvel e cada lembrança é modificada em momentos lembrados, até porque "longe de ser relicário, ou a lata de lixo do passado, a memória vive de crer nos possíveis, e de esperá-los, vigilante, à espreita".

Encantada é a palavra que me define nesse instante e ouso, na incerteza de ser esta a expressão adequada para iniciar uma apresentação de tese, mas certa de que é aquela que melhor designa a minha relação com o ensino da leitura das obras literárias. O deslumbre presente nos rostos dos meus alunos durante uma aula de leitura "parecia ter dado certo" foi o motivo que mais me instigou pelos estudos, pesquisa e o aperfeiçoamento da minha prática docente. Vejo-me aqui outra vez na sala de estudos e de pesquisa de doutorado iniciada em 12 de janeiro de 2023 e passa um filme pela minha cabeça. Desde a infância, em uma cidade pequena do interior (Estrela do Norte-Goiás), a menina mais tímida da sala de aula, tinha até insegurança de tirar alguma dúvida com a professora, mas sempre teve a sua mãe como uma grande aliada que me auxiliou nas tomadas de decisões enquanto criança, adolescente e até na idade adulta. Mas, de uma coisa me recordo muito bem: o carinho pelos livros e os cadernos que sempre gostei muito de ler, pois sou, extremamente, curiosa e tirava minhas dúvidas lendo. Lembro-me que nunca destacava as folhas do caderno para que durasse o ano inteiro. As férias escolares pareciam não

terminar nunca. A viagem mais longa que fiz foi para a chácara dos meus pais ou nas rezas do terço acompanhada da minha mãe nas fazendas aos arredores da cidade.

No primeiro dia de aula levantei bem cedo para se arrumar, visto que era uma felicidade retornar às aulas. Recordo-me muito bem onde sentava, das cores das carteiras, das paredes, da lousa, do uniforme e do lanche, bem como da professora dona Nilva (disciplina de geografia), do Antelino (de matemática), do Deuszélio (de história), da maioria das colegas e do degrau onde os professores ficavam para ministrarem as aulas. As duas professoras que marcaram meu percurso escolar no ensino fundamental II foram duas irmãs, sendo elas a dona Marília e Marlene. Esta era de Língua Portuguesa, mulher sempre séria, explicava muito bem e de vários ditados de palavras. A dona Marília (como a chamávamos) ministrava aulas de Língua Inglesa e ambas eram as únicas da cidade que tinham o curso magistério. Já na escola Ministro Petrônio Portella, onde estudei o ensino fundamental II, não havia biblioteca. Era comum alguns rapazes visitarem a instituição para venderem dicionário. Meu pai comprou um, ficando muito feliz com o presente e, até hoje, o tenho comigo por ser uma grande recordação de toda a minha vida.

A maior parte dos estudos foram realizados no matutino. À tarde ajudava com alguns afazeres de casa, resolvendo o dever da escola e, ainda, brincava com as colegas de escolinha na função de professora. Fiz o ensino fundamental II e, posteriormente, concluí o ensino médio com uma certa contrariedade, pois tive consciência de que não havia estudado o suficiente e até pensei em cursá-lo novamente. Havia faculdade só na capital. Sempre fui encantada por pessoas formadas e procurava uma maneira para poder conversar e aprender algo novo. Meu pai sempre aconselhou os seus filhos a estudarem e, ao proferir a frase, “Estude, porque estudar é algo que ninguém te rouba, pois podem até te roubar outras coisas, mas a sua aprendizagem essa é só sua”, a recordação vem à tona e, quando o corrigia em algumas das falas, sempre dizia “como é bom ter professora em casa” (essas palavras me emocionam).

Após seis anos, iniciei o curso superior na Faculdade de Letras da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Neste curso, despertei a paixão pelos estudos e a amar os livros. Li quase todos sugeridos pelos professores, e o que mais gostava eram os de Machado de Assis. Logo após, iniciei a especialização em língua portuguesa e, no ano seguinte, fui aprovada no ano de 2003 no concurso municipal da cidade de Alvorada-TO. Já morando no Tocantins, busquei me qualificar cada vez mais e, constantemente, sempre sonhei em avançar nos meus estudos. Fiz a segunda graduação em Pedagogia e, ao realizar vários cursos na área da educação pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), fiquei sabendo do mestrado na PUC-Goiás através da amiga irmã (Cíntia). Esta, por sua vez, criou o meu lattes, fez a minha inscrição e me motivou a cursar o mestrado, tendo o suporte do meu esposo ao acreditar no meu potencial. Nunca havia

estudado na capital e, com isso, pensei que não iria conseguir, visto que em nenhum momento havia saído do interior para estudar. Todavia, Deus colocou anjos nas nossas vidas, e um deles foi o meu orientador do mestrado, o professor Dr. Divino José Pinto. O doutorado veio logo em seguida. Participei do processo seletivo em 2020 pela linha de pesquisa em Educação, Sociedade e Cultura. Os estudos iniciaram no ano de 2021 e fui contemplada com a bolsa Taxa Capes/Prosuc, tendo como orientadora a professora Dra. Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida e, ainda, participo como membro atuante do grupo de Pesquisa Educação, História, Memórias e Culturas em diferentes espaços sociais com a sigla EHMCES/CNPQ/PUC-GOIÁS/ HISTEDBR.

Há vinte anos que trabalho e resido em Alvorada-TO. Ministro aulas de Língua Inglesa e Língua Portuguesa na mesma instituição, sendo ela a Escola Municipal Professora Filomena Rocha Soares. A cada dia ensinamos mais, mas aprendemos bastante com os alunos, pois como afirma Paulo Freire (1967, p. 68), "não há saber mais ou saber menos: Há saberes diferentes". Sempre podemos aprender uns com os outros e a escola nos proporciona esse aprendizado todos os dias. O estudante é uma caixinha de surpresa e sempre crescemos com ele. As disciplinas de Língua Inglesa e Língua Portuguesa são de um estudo contínuo, possibilitando-nos um leque de opções para trabalhar. Trata-se de uma língua estrangeira e a outra com suas variadas regras, as quais precisamos nos dedicar ao máximo. Sinto-me realizada com o que faço. Sou apaixonada pelas inovações e quero contribuir para uma educação de qualidade a fim de, futuramente, meus alunos possam lembrar de mim pelo legado do saber, da mediação de todo um conhecimento, pois "compreendo a escola como um lugar de lembranças e memórias" (Almeida, 2009, p. 36).

A escola é vista por muitos como o segundo lar. Ela marca a vida dos nossos alunos e, continuamente, deparamo-nos com as pessoas em rodas de conversa ou em reuniões de família que gostam de relatar o seu tempo de escola. Acredito que somos uma semente no mundo da educação, uma vez que "o educador se eterniza em cada ser que educa" (Freire, 1996, p. 17). E agora, eis-me aqui na pesquisa do doutorado em educação vinculada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), trazendo a vocês a pesquisa de dois grandes autores como Machado de Assis e Cora Coralina. Portanto, tenho a certeza de que será uma viagem longa, mas proveitosa pelo universo da educação e da escola representada pela escrita literária.

INTRODUÇÃO

Escrever é uma maneira de sangrar.
(Evaristo, 2014, p. 14)

A presente tese vincula-se ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás pela linha de pesquisa Educação, Sociedade e Cultura com o objetivo de trabalhar a análise da narrativa de Machado de Assis e a poética de Cora Coralina para descrever e relatar a história da educação, a constituição da escola enquanto instituição e o processo educacional vigente dos séculos XIX e XX. A escolha dos autores dá-se por serem, respectivamente, clássicos da literatura e da poesia contemporânea, apresentando em seus escritos um modelo de escolarização tradicional e de uma pedagogia rigorosa que muito ensinou naquele período. Trata-se de uma pesquisa teórica e bibliográfica de cunho qualitativo que articula e agrega os contos e os poemas através de um referencial metodológico voltado à história da educação, a história cultural e a literatura. A partir daí, surge-se a indagação de que forma os contos e os poemas dos referidos escritores tem de similar com a educação do século XXI e, ainda, se os elementos textuais são capazes de representar a educação atual, sabendo-se que a literatura é importante para o processo de humanização por meio da escola.

O trabalho está construído em quatro capítulos. O primeiro aborda o papel da literatura na escola para a construção do conhecimento e da formação humanística, bem como apreender os diversos ensinamentos que a literatura abarca, a sua contribuição para que o sujeito busque autonomia e se torne em um leitor crítico. Além do mais, visa discutir, pelo universo dos contos de Machado de Assis e dos poemas de Cora Coralina, o modo como a literatura vem explicar o contexto educacional ao longo dos tempos. O segundo traz uma perspectiva biográfica do autor Machado de Assis e, ainda, a configuração da educação do século XIX. Para isso, realizou-se a pesquisa centrada no contexto histórico, na construção da imagem escolar e na metodologia educacional aplicada naquela época. Os contos "Conto de Escola", "Teoria do Medalhão" e "Um cão de lata ao Rabo" discutem o tipo de sociedade, família, escola e a educação dessa época, aproximando-se do contexto da época e qual molde da educação perdura até a sociedade vigente ou se teve alguma mudança significativa.

O terceiro capítulo aborda a vida de Cora Coralina relacionado ao século XX com olhar crítico à educação, ao ensino e ao contexto histórico da produção da escola, dando ênfase na maneira de como o professor ministrava as suas aulas. Na sequência, há a análise de alguns dos poemas como o "Beco da Escola", "A escola da mestra Silvina" e, por último, "Mestra Silvina",

buscando-se retratar as lembranças ou memórias sobre educação, escola, docente e a infância a fim de compreender a educação do século XXI e, desta maneira, poder transcriar o que ainda perdura até hoje. O quarto capítulo é referente à temática da memória, do tempo e da história, fazendo-se uma análise da representação da narrativa escolar, da sociedade e da política a partir da cultura escolar. Salienta-se, ainda, que a educação é um fenômeno abrangente, envolvendo os seus sujeitos às mais diversas culturas, além de os levarem a fazerem parte da escola como as famílias, professores, gestores e alunos. Os referenciais teóricos utilizados na tese envolvem Hannah Arendt (1995), Paul Ricoeur (2000), Antonio Candido (2004), Gabriel Perissé (2006), Paulo Freire (2009), Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida (2009), Anísio Teixeira (2010), Machado de Assis (2011), Cora Coralina (2013), Paulo Ghiraldelli Junior (2015), Harold Bloom (2017) e dentre outros.

Em relação à construção do objeto no campo do conhecimento, foram feitos alguns levantamentos bibliográficos a partir do banco de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Como critério de delimitação, utilizou-se o recorte temporal do ano 2010 a 2021. As áreas de conhecimentos foram as da Educação, as das Ciências Humanas e da História. Para buscar os descritores, foi utilizado a cultura escolar, o sistema educacional em Machado de Assis e Cora Coralina, a memória e educação na literatura. Utilizando-se desses descritores, foram encontradas algumas teses mais próximas do nosso objeto de pesquisa como a Educação e memória: 1- Memórias de leitores: uma história construída na trama de discursos escolares (UFG, 2012); 2- Literatura sem fronteiras: por uma educação literária (UFG, 2013); 3- Machado de Assis e a crítica à escola de seu tempo: uma ideia de formação nos contos “um cão de lata ao rabo”, “O programa” e “Conto de escola” (USP, 2014); 4- Machado de Assis e a Educação (PUC-GO, 2015); 5- Memórias de diretoras: práticas administrativas no cotidiano dos grupos escolares do Maranhão (1960-1970), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2018; 6- Escola e Memória (Universidade Nove de Julho, 2021). É bom salientar que foi encontrado várias teses com a temática sobre memórias, narrativas, Machado de Assis com seus contos e crônicas, além dos poemas de Cora Coralina. Dentre estas buscas, não foram encontradas teses que versavam apenas com a poeta goiana. Dentre as pesquisas, encontramos publicações nas seguintes instituições como a USP, UFRGS, UFG, UFTM e UFSC. Segue em anexo a pesquisa das seis teses organizadas em planilhas com tema, objeto, problema e método.

A proposta de tese da pesquisa feita apresenta que o objeto avança na área da educação pelos contos de Machado de Assis e dos poemas de Cora Coralina por apresentarem contextos sobre o mundo educacional e de um período em que se predominava a imagem de um professor único com voz ativa dentro e fora da sala de aula. Outro fato marcante é a representação crítica

da escola e da sociedade excludente da época em que os poemas e os contos foram produzidos. Não foi encontrado nenhum trabalho dos dois autores juntos. Por isso, é de grande relevância a presente pesquisa abordá-los, pois contempla tanto a figura do aluno como a do professor no universo educacional e social em que os autores viveram, abordando os contextos próximos, mas ao mesmo tempo diferente. O estudo trata-se das tensões existentes entre os modelos de uma escola existente daquela época e, a partir daí, foi feito toda uma análise da cultura escolar e da educação relatadas pelos autores. Para tanto, faz-se necessário elencar a memória, a narrativa escolar, a história da educação e da literatura como categorias de estudo que norteiam toda a pesquisa.

O estudo torna-se referência por abordar uma temática ainda pouco explorada na área da educação. Os levantamentos demonstram que as produções encontradas não vinculam as obras dos dois autores o que revela a importância da proposta temática. A pesquisa apresentada busca demonstrar a interligação da temática da educação com a literatura através dos elementos da memória e das narrativas sobre a educação e a escola a partir do olhar de Machado de Assis e de Cora Coralina. Desta maneira, busca-se afirmar que a literatura retrata o real através dos textos fictícios, abordando os mais diversos temas que proporcionam subsídios de interpretação dos fatos ao investigar essas diferentes realidades. Portanto, a junção da literatura, da educação e da escola ocorre pelo processo de humanização, uma vez que o aprender pelo legado deixados por eles nos ensinam a entender as mais diversas visões sobre o mundo.

1. O PAPEL DA LITERATURA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO E DA FORMAÇÃO HUMANÍSTICA NA ESCOLA

> A literatura não existe nem nunca existiu no vácuo. Ela só pode tomar corpo em um contexto histórico específico e, se consegue sobreviver a ele e falar a tempos futuros, não é porque o repudiou em nome de algum valor transcendente e atemporal, mas, pelo contrário, porque conseguiu trazer em si aquilo que era decisivo e ainda toca o presente, por maiores que sejam as mediações necessárias para tanto (Durão, 2020, p. 15).

Neste capítulo, o estudo versa sobre a relação da educação com a literatura e a formação humana. Temática esta que está presente no dia a dia do sujeito, pois a literatura "se manifesta sobre esse direito: um direito humano, fundamental, inalienável porque, ao dar forma aos sentimentos e à visão de mundo, nos organiza, nos liberta do caos e, finalmente, nos humaniza" (Candido, 2004, p. 87). Assim, aceitar a literatura como direito humano é responsabilidade do educador, o qual deve trabalhar em sala de aula as mais variadas questões que ela pode nos proporcionar. Além disso, o texto literário pressupõe uma compreensão responsiva e, "(...) aquilo a que responde é ao mundo da vida vivido, a vivência. Por isso, lê-lo e interpretá-lo significa compreender o tipo particular de seu engajamento, de sua resposta, de sua responsabilidade" (Petrilli, 2010**,** p. 37).

A literatura está presente em todas as civilizações, desde a antiguidade até a sociedade moderna. Para o pensador grego Aristóteles (1966, p. 55), ela é uma imitação ou representação da realidade mediante as palavras. Desse modo, o texto literário, seja ele poético, crônica, conto ou qualquer gênero tem a capacidade de nos proporcionar ensinamentos passados para melhor compreendermos a atualidade através dos escritos deixados por vários autores. Lima (2021, p. 266) afirma, em relação a ficção literária que,

> A ficção é, simultaneamente, um conector e um transgressor. Parece simples ainda acrescentar: ela tem a aparência de algo ilusório, superficial e se indispõe com o princípio da realidade. Bem poderíamos chamá-la, portanto, de a realidade do irreal; preferimos entender que a expressão contraditória se torna compreensível ao optarmos em entendê-la presente pela cláusula do "como se".

Através da literatura, pode-se notar as verdades profundas da condição humana neste contexto entre o real e o irreal que a ficção avança, mostrando que o texto literário é capaz de

mexer com o ser humano mesmo sendo de maneira fictícia para ampliar a nossa compreensão relacionada a várias coisas. Para Chartier (1990, p. 62-63), todo documento, seja ele literário ou de qualquer outro tipo, é a representação do real que se apreende e não se pode desligar da realidade de texto construído pautado em regras próprias de produção inerentes a cada gênero de escrita, de testemunho que cria a historicidade e a intencionalidade da sua escrita. Desta maneira, todo texto possui determinadas características como, por exemplo, o contexto que foi escrito, a identidade do autor e o público a quem se destina. Escrever em forma de poemas e contos era uma das modalidades textuais da época e uma das maneiras de falar com os leitores sobre os mais diversos assuntos, principalmente, em relação às mulheres como Cora Coralina ao retratar a sua época.

Refletir o passado educacional é poder adentrar nos vários modelos educacionais que já existiram desde os tempos passados até o momento. É poder lançar o olhar sobre os contos de Machado de Assis e os poemas de Cora Coralina, pensando num conjunto de paradigmas que existiam antes e hoje corrobora com o sujeito a ter mais conhecimento a respeito da sociedade e do mundo. Dessa forma, ele pode (re)significar a maneira de ser e de trabalhar a educação por ser a base de todas as coisas que, para alguns, é um caminhar lento, porém o ato de ensinar foi se pluralizando com a evolução do mundo globalizado. Cambi (1999) afirma que a antiguidade é o armazém dos modelos originários da formação social e humana. Assim, revisitar a história da educação, nos faz deparar com uma sociedade onde o saber era para poucos ou em um ensino que visava apenas o trabalho manual e intelectual. Entretanto, ela nos deixou um legado a fim de se pensar a escola e a educação de hoje.

Entender a história da educação, a escola e os modelos educacionais dos séculos XIX e XX pelos contos de Machado de Assis e os poemas de Cora Coralina nos proporcionam compreender melhor a formação humana pelo espaço escolar. A literatura é de grande valia ao sujeito, pois não é estagnada e sim vasta e destinada às mais diversas visões do mundo. Ela não se fecha sobre si, mas dá a oportunidade de traçar vários olhares sobre os diferentes ângulos. O sujeito pode revisitar o passado, transcriar, sonhar, tecer teias da vida e, desse modo, ter uma vivência diferente, crescendo como pessoa e como profissional. Em seu texto “O direito à literatura”, Antonio Candido (1995, p. 179- 180) afirma que,

> Ela [a literatura] é uma necessidade universal imperiosa, e porque fruí-la é um direito das pessoas de qualquer sociedade, desde o índio que canta as suas proezas de caça ou evoca dançando a lua cheia, até o mais requintado erudito que procura captar com sábias redes os sentidos flutuantes de um poema hermético. Em todos esses casos ocorre humanização e enriquecimento, da

> personalidade e do grupo, por meio de conhecimento oriundo da expressão submetida a uma ordem redentora da confusão.

Por englobar o lúdico, linguagens plurissignificativas, poeticidade, esquece-se (ou não se sabe mesmo) que a literatura, assim como a arte em geral, compõe a formação do ser humano. Portanto, além de objeto artístico e estético a que todos têm direito, ela atua como condição de humanização, propiciando ao aluno, uma maior capacidade de autoconhecimento. Segundo ainda o autor, essa humanização consiste em possuir como traços, "o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor" (Candido, 1995, p. 22). É através do texto literário que o sujeito analisa a vida, a sociedade e o mundo sobre diferentes vertentes. Já para Perissé (2006, p. 7), "a literatura é registro, é expressão, é meio de apreender o conhecimento, repensar o mundo, posicionar-se e atuar. Isso é educação". A literatura, acima de todas as coisas, tem o poder de ensinamentos, porque é rica de variedades e está vinculada sempre à educação. Ela tem o poder de transformação do ser humano, de torná-lo uma pessoa melhor e a se colocar no lugar do outro, ensinando-nos a mergulhar nas águas infinitas do texto, seja ele poético, conto ou de outros gêneros literários.

A escolha pela temática da relação da educação com a literatura para a formação humana se dá pela necessidade de entender como Machado de Assis e Cora Coralina retratam o sistema educacional e o modo como descrevem a história da educação e a história cultural dos séculos XIX e XX. Neles, a educação se faz presente, porque a literatura é o olhar para o passado com objetivo de compreender não só os fatos históricos, mas também as perspectivas e experiências das pessoas dessa época. Através do texto literário, podemos ter uma visão referente ao modelo de escola desse período por meio da descrição do contexto histórico e da vida em sociedade. Inúmeros legados e experiências de vida foram deixados por eles, e estes foram registrados em formas de contos e poemas. Assim, "se o objetivo principal da educação é criar homens capazes de fazer coisas novas, e não de simplesmente repetir o que outras gerações fizeram homens que sejam criativos, descobridores, a literatura pode e deve estar no centro da prática docente" (Perissé, 2006, p. 130).

A educação e a literatura estão entrelaçadas cuja função é formar sujeitos melhores que antes e supremo em vários aspectos da/para a vida. O texto literário nos dá uma contribuição para melhor entender o outro. É viajar em constante aprendizagem com a ruptura do passado e, dessa forma, tornar-se em um ser humano conhecedor de vários cenários do dia a dia de outrem

e, com isso, poder olhar para a tradição, refletir o presente e ressignificar o futuro. Ainda de acordo com Perissé (2006, p.11), “a literatura é de aprendizagem sem fim”. Dessa maneira, a leitura literária é um infinito de aprendizagens, pois ela nos abre um leque de conhecimento de mundo, remetendo-nos a tempos desconhecidos para esmiuçar o tempo vivido pelo autor e entender o momento atual. É no contexto educacional que a literatura mais apresenta essa abertura para o aluno navegar em diferentes vertentes do texto literário para aguçar, entreter e criar determinado texto ou circunstância. A literatura apresenta um bem cultural e um ensinamento, pois adentrar na literatura é retomar o passado no presente e poder mudar um dado momento, porque ela constrói uma ponte entre o sujeito e o mundo da narrativa, dando-nos subsídios para mudanças de vida e de um novo olhar para o outro e a sociedade, formando assim sujeitos mais críticos para o século XXI. De acordo com a BNCC (Brasil, 2022, p. 128),

> Para que a função utilitária da literatura e da arte em geral possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor e, portanto, garantir a formação de um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura.

O leitor-fruidor é aquele capaz de identificar a polissemia que cada texto traz para poder dialogar com a obra, ser capaz de formular perguntas e saber dar respostas a determinadas situações, além de “dar significado e (re)construir produções autorais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa” (Brasil, 2022, p. 490). Em seu sentido mais amplo, a literatura é considerada a arte da palavra, o objeto de interação, comunicação e de transmissão da cultura, passando ensinamentos para determinada comunidade. Através das obras literárias, o autor expressa o seu pensamento diante da veracidade dos fatos que os circunda, dando ao leitor a oportunidade de reflexão sobre os acontecimentos, de criticar e se posicionar diante de algumas situações. A literatura estimula o leitor a sair do senso comum e a ter a sua própria opinião, levando-o tanto ao enriquecimento intelectual e de estimular a criatividade quanto à empatia e a respeitar a diversidade. O lugar onde mais predomina esse vínculo é no ambiente escolar, cujo sujeito constrói o seu interesse pelo texto literário, edificando um saber além do cotidiano para apreender. A pessoa que obtém o hábito de leitura consegue enxergar e refletir outros mundos, as diferentes culturas e a capacidade de refletir a respeito de sua existência.

A literatura tem o poder de transformar a vida do ser humano, de desenvolver “em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (Candido, 2004, p. 180). E em conformidade com estas

palavras, o autor vem afirmar ainda que “a literatura age como força humanizadora é a própria literatura, ou seja, a capacidade de criar formas pertinentes[1]”. Desse modo, ela sempre será aberta para que o indivíduo, a partir do olhar do mundo, possa recriar novas mentalidades de si e reconhecer a sua importância na construção da humanidade. E é neste universo que é o texto literário ou o movimento da leitura assume o poder de influenciar nossos conhecimentos, ações e sentimentos, pois “a imaginação tem o poder; tem condição necessária para o conhecimento caminhar no meio da selva de palavras e conceitos” (Perissé, 2004, p. 114). Desse modo, a literatura, nas suas mais variadas formas, tem o princípio formativo por ser o registro de uma cultura e por proporcionar um olhar além do comum. Portanto,

> Ela é constituída a partir do mundo social e cultural e, também, constituinte deste; é testemunha efetuada pelo filtro de um olhar, de uma percepção e leitura da realidade, sendo inscrição, instrumento e proposição de caminhos, de projetos, de valores, de regras, de atitudes, de formas de sentir (Borges, 2010, p. 98).

A literatura é a conexão com o passado para melhor (re)significar o presente e lançar o olhar para o futuro, tendo-se como referência a vida daqueles que nos precederam com a visão da sociedade da qual os autores experienciaram momentos marcantes e os transformaram em contos e/ou poemas. Esta herança literária concede ao leitor um olhar plurifacetado sobre as pessoas de uma dada época, conduzindo-os a ter motivação e uma reflexão mais profunda.

1.1. História, educação e literatura: um caminho de possibilidades

A literatura tem a função de elaborar e aguçar a reflexão do ser humano. Ela o convida a pensar além do óbvio através da visão crítica acerca de determinado tema político e histórico-social, pois é contínua e múltipla e o objetivo é instigar o leitor para despertar a capacidade leitora pelo universo literário. Isso quer dizer que “a literatura é como cavar um buraco que nunca chega ao fundo” (Sábato, 2023, p. 11), ou seja, falar de literatura é buscar sempre novas sensações, surpresas ou responder algo, porque os textos literários sempre nos desafiam a cada leitura feita. Ela tem o poder de nos inquietar, levando-nos a ir além da vida cotidiana por meio de uma reflexão contínua.

No contexto educacional, a literatura é mais abrangente, tendo-se o professor como o mediador para buscar a aprendizagem e criticidade. A sua presença na escola se inscreve em

[1] *Ibid*., p. 182.

uma tradição que remonta aos gregos, uma vez que "tal tradição consistia no uso pedagógico da literatura como meio e fim de um processo educativo, no qual, em um primeiro momento, os textos literários servem de instrumento de acesso ao mundo da escrita, depois passavam a ser objeto de conhecimento" (Cosson, 2019, p. 14). Nos seus tempos primórdios, ela era de prioridade ao processo educacional que, posteriormente, passou a ser a do conhecimento. Hoje se trabalha nas duas perspectivas, pois se tornou um elo da escola e no grande benefício pelo fato de estarem imbricados em um processo de aprendizagem. Os textos literários auxiliam, ao mesmo tempo, no mundo da escrita e no de conhecimento. Ler uma obra literária é conectar com os eventos históricos que podem nos proporcionar *insights* (compreensão intuitiva ou uma nova perspectiva a respeito de algo), mas que também nutre a alma. A leitura dá-nos subsídios para continuar no caminho da aprendizagem, extrapolando o mundo material para nos polir aos vários aspectos da vida. A literatura é espiritualidade. É o refletir e, quando se aprende a ler, a visão é outra, o olhar sobre o mundo se torna outro e de maneira distinta, tornando-nos mais humanos e questionadores de tudo ao nosso redor.

Antoine Compagnon (2009) diz que o poder da literatura continua imenso a despeito de sua espoliação, aceitando-se o fato de não ser insubstituível, uma vez que parte daquilo do que pode proporcionar como o conhecimento de si e do outro através da experiência ficcional e da aquisição de uma consciência histórica, estética e moral, de fazê-la com vigor por outros meios e linguagens. Esse poder reside na palavra enquanto instrumento principal, na temporalidade própria da leitura e no ritmo de cada leitor com suas suspensões e retomadas em virtude. Logo, "a literatura continua sendo a melhor introdução à inteligência da imagem", além de uma iniciação superior às "finesses" (bom gosto, sutileza, grifo do autor) da língua e às delicadezas do diálogo" (Compagnon, 2009, p. 55). A definição de texto literário e literatura nunca foram simples, passando por diversas modificações e discussões ao longo dos séculos. Entretanto, o seu conceito pode ser definido da seguinte forma:

> Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (Candido, 2004, p. 174).

A literatura faz-se presente em vários momentos do sujeito e "tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação[2]". Uma obra literária é permeada de inúmeras temáticas e,

[2] *Ibid*., p. 175.

por isso, o aluno tem a possibilidade de escolher a que mais lhe chama a atenção, pois ler algo com prazer facilita a aprendizagem e faz com que o discente tenha mais gosto pela obra. Reis (2013) reitera que as dimensões sociocultural, histórica e estética não podem ser dissociadas, pois elas compreendem o que se pode chamar de fenômeno literário para a língua portuguesa, já que a "literatura, como produção humana, está intrinsecamente ligada à vida social" (DCE, 2008). Esta conexão pode se ver em várias proporções como a representação de valores, das crenças, da reflexão sobre a vida social, da ampliação do imaginário coletivo e dentre outros. Já para Aguiar e Bordini (1993), todos os livros contribuem para a descoberta de sentidos, mas somente os literários o fazem de forma abrangente. Por meio da leitura, podemos nos familiarizar com as culturas e formas de vida variadas. A leitura permite-nos desenvolver a empatia e os pré-conceitos. Ela é uma ferramenta de grande potencial para a inclusão social, permitindo que se tenha conhecimentos de várias histórias significativas.

A educação literária exige dos mestres toda uma ação profissional competente que, na analogia de Steiner (2009, p. 4-5) equivaleria à dos carteiros, ou seja, é "um trabalho muito bonito ser professor, aquele que entrega as cartas, embora não as escreva (...). Somos os carteiros, e somos importantes. Os escritores precisam de nós para chegar a seu público". É uma função relevante, mas não é o mesmo que criar. O docente dá oportunidades aos alunos de idealizar formas ao enfatizar a leitura, pois ela possibilita inúmeros caminhos e olhares críticos no sujeito, visto que, por meio da obra literária, o autor expressa a sua visão de mundo para que o leitor possa idealizar o novo. A literatura abre janelas para vários mundos, e viajar no mundo da escrita é uma das formas de observar a sociedade e sentir os seus sentimentos, pois "a função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica, inclusive o papel contraditório, mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório)" (Candido, 1995, p. 176). Ela é multifacetada em conhecimento humano por abarcar a universalidade, e tem o poder de mexer com a nossa essência, dando-nos respostas e/ou libertando-nos de algumas amarras. É, sobretudo, enigmática ao nos surpreender com as palavras certas. Assim,

> A literatura envolve uma dimensão sociocultural, diretamente decorrente da importância que, ao longo de tempos, ela tem tido nas sociedades que a reconheciam (e reconhecem) como prática ilustrativa de uma certa consciência coletiva dessas sociedades. Na literatura é possível surpreender também uma dimensão histórica, que leva a acentuar a sua capacidade de testemunhar o devir da História e do Homem e os incidentes de percurso que balizam esse devir. Na literatura manifesta-se ainda uma dimensão estética que, sendo decerto a mais óbvia, (...) o que encara fundamentalmente como fenômeno de linguagem ou, mais propriamente, como linguagem literária (grifo do autor) (Reyes, 2012, p. 22).

A literatura, objeto artístico do homem, tem a palavra como matéria-prima que procura registrar todos os eventos de maneira minuciosa como se fosse uma câmera fotográfica. Logo, ela capta cenas que trazem alteração e que moldam a trajetória do sujeito. Os contos de Machado de Assis e o poemas de Cora Coralina proporciona-nos a conhecer como era o contexto social e o educacional pelo ensinamento na sala de aula durante o século XIX e XX, porque a literatura está, essencialmente, correlacionada com a história e, ainda com a questão social, influenciando e sendo influenciada por ela. Ambos os autores proporcionam repensar sobre a educação, a história e a sociedade acerca de suas escritas. As narrativas de Machado de Assis e a poética de Cora Coralina auxiliam-nos a compreender o momento atual e a refletir sobre a prática docente. Segundo Antonio Candido (2004, p. 190), "a literatura deveria constar nos direitos humanos, pois é um bem incompressível e, como tal, se constitui em uma necessidade universal". Então, pode-se pensá-la como algo intencional, posto que nos conecta a outras realidades e nos leva a observar a voz dos excluídos através do texto literário. Ela deixa a sua marca no tempo da história, porque, pelas narrativas e nos poemas, é possível notar os costumes passados e os acontecimentos da época que muito colaboraram para uma reflexão na atualidade. Ainda nas palavras do autor,

> A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a proscrita; a que os poderes sugerem e as que nascem dos movimentos de negação do estado de coisas predominante (Candido, 2004, p. 175).

Diante de tal afirmação, pode-se dizer que o texto literário proporciona questionamentos sobre outros casos e adversidades. Conduz o sujeito a pensar a própria existência, auxiliando a trazer à tona soluções e/ou pensar a sociedade a respeito de determinados acontecimentos com a identificação de algum fato e além de fazer com que as pessoas revejam a suas práticas sociais. A literatura denuncia e faz uma crítica acerca da época do autor por meio das palavras que, por sua vez, não deixam de retratar a atualidade. Eco (1993, p. 37) afirma que "a interpretação é indefinida. A tentativa de procurar um significado final inatingível leva à aceitação de uma interminável oscilação ou deslocamento de significado". É, por isso, que ela será considerada sempre nova a cada leitura, porque o ser humano tem o seu ponto de vista, a sua peculiaridade de ver os fatos e de questioná-los. Desse modo, proporciona-nos o conhecimento e a cultura de determinadas sociedades para que o pesquisador possa, através da investigação, descobrir e ver o real pela singularidade da escrita.

A história, a literatura e a educação "não são realidades que se excluem. Se o papel da Educação, em última análise, é despertar a admiração, a sensibilidade para o *mirandum*, princípio da sabedoria, poetas e professores se ajudam mutuamente (Perissé, 2006, p. 7). Essa tríade é o sustentáculo para a evolução humana. Ela nos permite entender que o caminho para instruir é, sem dúvida, a leitura e, sobretudo, de mostrar o mundo pela história. Candido (2004, p. 180), reitera que "a literatura satisfaz, em outro nível, a necessidade de conhecer os sentimentos e a sociedade, ajudando-nos a tomar posição em face deles". Portanto, a sua função é mostrar um cenário acontecido e fazer com que o sujeito busque uma solução ou dê uma luz perante o fato retratado pela escrita literária. Assim, ela configura os acontecimentos históricos e culturais pela linguagem conotativa e cabe ao leitor fazer essa busca constante, uma vez que ele deve aprofundar e ter mais vontade de prosseguir neste caminho do conhecimento. Queirós (2009, p. 9) menciona que,

> E é a literatura, enquanto espaço para compreensões, construções, indagações, reformulações, que cria condições para os conhecimentos de mundos outros (da ficção, da realidade); que oportuniza (des) conhecimentos; que viabiliza (in) compreensões; que dá amplidão aos olhares, aos fazeres, aos saberes.

Investigar as obras literárias é poder ver de perto a construção de tudo que nos cerca, aprender nova leitura e subir em mais um degrau do enriquecimento vocabular pela ampliação da imaginação. A literatura busca a formação e a provocação do sujeito através do pensar a sociedade através da escrita, oferecendo a compreensão, construção, indagação e reformulação dos atos críticos ao se inteirar dos diversos mundos pela ficção. Logo, "transforma-se o amador na cousa amada, por virtude do muito imaginar" (Camões, 1997, p. 85), já que lhe proporciona essa capacidade de criar coisas novas e de transcender o que é comum para o real imaginário. Ela aguça o indivíduo em todos os níveis da leitura, fazendo-se que se crie maneiras de questionar, de refletir, de ver o mundo e a história que também são influenciados por ela. Isso ocorre porque é abrangente e está em todos os lugares para ser explorada,

> É a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, causo, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance (Candido, 2004, p. 174-175).

Conforme assevera o autor, a literatura faz parte da vida desde que nascemos por meio das histórias contadas. Dessa maneira, ir avançando de acordo com a maturidade, são etapas da

construção do conhecimento e da história em si, porque os textos literários que nos circundam retratam o passado pelo presente na forma de nosso cotidiano. Criar estratégias para que nossos alunos aprendam a gostar de ler, a pegar um livro e apreciá-lo será um avanço a cada ano. Este mundo cada vez mais globalizado e informatizado com uma vasta rede de informações vem os tornam em pessoas desinformadas pelo modo de apreciar, de interagir os conhecimentos com as suas experiências vivenciais. Silva (2009, p. 58) aborda que "é a pessoa do professor que constitui o principal fator para a promoção da leitura e, consequentemente, para a formação de leitores dentro da organização escolar" e, ainda, cabe buscar novos modelos em prol da leitura, porque quando o estudante tiver despertado a atenção pela leitura deverá trazer sempre novos textos para ler. Já Afrânio Coutinho (1975, p. 13) afirma que,

> A Literatura é, assim, a vida, parte da vida, não se admitindo que possa haver conflito entre uma e outra. Através das obras literárias, tomamos contato com a vida, nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares, porque são as verdades da mesma condição humana.

Debruçar numa obra literária é poder apoderar de uma fortuna documental. A literatura é rica em ensinamentos em quase todas as vertentes que o sujeito imaginar. É aprender pela linguagem literária que o ser humano e a sociedade estão ali registrados através de vários escritos históricos e no tempo da narrativa e da poesia dos autores, deixando o seu ponto de vista e proporcionando ao leitor o seu olhar perante o texto. Dessa maneira, pesquisar "O conto de escola", a "Teoria do medalhão" e um "Cão de lata ao rabo", de Machado de Assis, bem como os poemas "Beco da escola", "A escola da mestra Silvina" e "Mestra Silvina", de Cora Coralina, é se aproximar da história ou de um modelo de educação tradicional da época. É observar como a escola moldava o aluno a certa obediência, além de investigar o contexto social referente aos séculos XIX e XX. Por fim, a literatura ensina-nos de todas as maneiras pela representação da história, dos fatos, dos eventos históricos e das experiências das pessoas que nos precederam, contribuindo, de alguma forma, para se pensar nessa sociedade que moldava o comportamento das pessoas por um tipo de escola que utiliza da literatura no processo dessa modalidade de ensino e aprendizagem.

1.2. A literatura e o contexto histórico educacional

Quando falamos de literatura, logo, retomamos ao passado de um povo, a uma sociedade e a uma história pela transcrição daqueles que muito vivenciaram determinados acontecimentos

por um olhar que está além dos registros dos fatos e dos movimentos sociais. Esses escritos são fontes históricas importantes para se entender melhor a relação da literatura com a história e a educação da época vivida pelos autores. Nas palavras de Pesavento (2003, p. 32),

> (...) são outras as questões que articulam o debate, que aproximam e entrecruzam as narrativas histórica e literária, entendendo-as como discursos que respondem às indagações dos homens sobre o mundo, em todas as épocas. Narrativas que respondem às perguntas, expectativas, desejos e temores sobre a realidade, a História e a Literatura oferecem o mundo como texto.

A literatura é o passado do presente e está entrelaçada com a história pelo fato de ambas caminharem juntas na construção da identidade de um povo. A origem da história literária remonta à Antiguidade com os primeiros registros de textos literários produzidos pelos povos da Mesopotâmia e Egito. Ao longo dos séculos, a literatura se desenvolveu em diversas culturas e regiões do mundo, dando surgimento a variedade de estilos e gêneros literários. Já no século XXI, ela se tornou abrangente por ser destinada a todas as classes sociais. Através da narrativa, do poema e outros gêneros, é possível representar a realidade e a história de uma sociedade pela escrita, uma vez que a linguagem conotativa é carregada de ideias e opiniões. Por isso,

> A literatura é narrativa que, de modo ancestral, pelo mito, pela poesia ou pela prosa romanesca fala do mundo de forma indireta, metafórica e alegórica. Por vezes, a coerência de sentido que o texto literário apresenta é o suporte necessário para que o olhar do historiador se oriente para outras tantas fontes e nelas consiga enxergar aquilo que ainda não viu (Pesavento, 2006, s/p).

Ler uma obra literária é como se estivéssemos adentrando e vivenciando aquele contexto histórico para se refletir, diante de sua escrita figurativa, a realidade daquele povo. Logo, é necessário debruçar várias vezes sobre a leitura a fim de apreender determinado texto e associar a atualidade, principalmente, ao envolver a representação de uma instituição escolar e de todo um sistema educacional como, por exemplo, nos contos do Machado de Assis e nos poemas de Cora Coralina. Aguiar e Bordini (1993) diz que a literatura, enquanto forma de comunicação, participa do âmbito maior da cultura, ou seja, da produção significante que auxilia na cultura da sociedade e relacionando-se com outros objetos culturais como a música, a dança e as artes plásticas. Portanto, nota-se que ela é significativa e contribui nos mais variados contextos por ter o poder de emancipar a visão do outro. Já para Eagleton (2006, p. 140) “a literatura não deve ser vista como a autoexpressão de autores isolados, que são apenas funções desse sistema universal, ela nasce do sujeito coletivo, da raça humana, razão pela qual materializa os

arquétipos ou figura de significação universal". Isso significa que ela faz parte da representação cultural por ser completa e de manifestar várias maneiras de ver.

Compagnon (2009) assevera que a literatura não gera consenso social. Ela pode estar de acordo com a sociedade, mas também em desacordo ao retratar os acontecimentos atuais ou mesmo de antecipá-los, bem como fazer apelo à empatia e, ainda, desconcertar, incomodar e desorientar mais que os discursos filosóficos e sociais. De fato, é multifacetada, e nos coloca a par do que está acontecendo, convidando-nos a participar do mundo ali simbolizado, isto é, um mundo de experiência exposto pela literariedade. Sob esta perspectiva, Perrone-Moisés (2005, p. 56) afirma que "a literatura parte do real que pretende dizer, falha ao dizê-lo, mas ao falhar diz outra coisa, desvenda um mundo mais real do que aquele que pretendia dizer". Portanto, abre-nos as portas de um mundo imaginário com infinitas possibilidades, e reprimir os alunos acessar esse mundo é limitá-los a uma existência, meramente materialista, onde a subjetividade não encontra espaço. Logo, pode-se pensá-la que ela é transcendental, visto que quando nos apropriamos dela é como se fizéssemos uma viagem longa e/ou prazerosa, mas também pode machucar, ou seja, ler uma obra literária é adentrar no universo de rever e reviver questões, extremamente, intrínsecas do nosso ser.

A literatura sempre esteve presente na sociedade, e é uma parte essencial de toda cultura. Todavia, no período da Ditadura Militar no Brasil, nos anos de (1964-1985), foi uma das áreas mais censuradas. O governo controlou a produção cultural como os livros, jornais, novelas e filmes. Ghiraldelli (2015, p. 150) menciona que "a Ditadura Militar, sob o vácuo deixado pela destruição das entidades que incitavam os movimentos de educação" foi um tempo sombrio para a educação e a sociedade brasileira que perdurou por vinte e um anos, onde o sujeito não tinha liberdade para expressar nem através de escritos. Época em que muitos morreram, sendo um período considerado um retrocesso em todas as áreas, em especial na educação, porque a literatura é uma forma de registro importante. O autor usa a linguagem metafórica para expressar esses fatos históricos, além dos comportamentos sociais ou individualizados de um povo como, por exemplo, Machado de Assis e Cora Coralina. Esta é uma das características que integram o estilo literário dos escritores, uma vez que,

> O literato insere-se na realidade sociocultural do tempo em que vive, do qual faz parte, com ela dialogando ao produzir sua representação, por meio de sua vivência, de seus interesses e projetos, mas não é simples refletor dos acontecimentos sociais; ele os transforma e combina, cria e devolve o produzido à sociedade (Davi, 2007 p. 12).

Os autores não são somente um espelho passivo que representa tudo que acontece numa sociedade, mas sim um agente ativo que interage com sua realidade e a reproduz por meio de produção literária. O olhar preciso dos escritores vai tecendo, minuciosamente, as escritas de um determinado contexto, fazendo-se os devidos ajustes necessários para que possa vir à tona seus desejos e/ou angústias mais intrínsecas. Esta visão ressalta a relevância de um artífice ativo da cultura e da história de um povo. Segundo Bakhtin (2003), o texto literário é reflexo subjetivo de um mundo objetivo e, ainda, é uma parte inalienável do conjunto cultural. Portanto, não pode ser estudada fora do contexto sociocultural e nem pode se perder de vista quando trata do ensino de literatura e do valor estético da obra literária. Para Eagleton (2006), a literatura transforma e intensifica a linguagem comum, afastando-se, sistematicamente, da fala cotidiana. Assim, ler consiste em ver as coisas diferentes antes nunca vistas, é entregar-se e não apenas se apropriar dele para nossos fins.

É importante salientar que a literatura é o objeto de registro da sociedade. É a reflexão de determinada cultura ou artefato da criação do autor permeada de intencionalidades, de cunho temporal para explicar esse sistema cultural e, dessa maneira, (re)desenhar aquele tempo dentro da narrativa e dos poemas. Chartier (1990, p.17) menciona que ela "tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade cultural é construída, pensada, dada a ler". A leitura literária propicia este aparato de relatos históricos em forma de contos e poemas por temas fictícios para compreender a sociedade do passado. Os autores tiveram as suas inquietações ou impressões do real e nos deixaram os mais variados textos ao registrar à sua maneira de sentir e viver aquela sociedade da qual pertenciam. Por fim, é dela que se extraem as mais diferentes visões e aprendizagens sobre os feitos do passado para que se sirvam de reflexão no mundo atual.

1.3. O papel da literatura na formação de leitores críticos

Para o aluno obter uma leitura autêntica implica torná-lo em um leitor participativo. Ao se ler um texto, é necessário que se estabeleça uma espécie de sintonia com base na identificação e na liberdade de interpretá-lo. Cada sujeito é capaz de buscar a sua própria compreensão sobre determinada leitura, e isso o leva a ter mais criticidade porque a leitura proporciona consciência e reflexão a respeito da vida e de todas as coisas. Para isso, Maia (2007) afirma que a formação do leitor crítico necessita de um professor engajado que tenha também visão crítica, a fim de que a literatura exerça a sua função formadora e que não fique restringida só a missão de seu âmbito pedagógico. É de fundamental importância a família estar engajada na colaboração

deste aluno leitor. O professor não consegue mediar essa aprendizagem sozinho. A escola e os pais devem trabalhar juntos para que os discentes aprendam a gostar da leitura literária e se tornarem leitores críticos. Nesse mesmo sentido,

> (...) a família e a escola, que se tornam cada vez mais centrais na experiência formativa dos indivíduos e na própria reprodução (cultural, sociológica e profissional) da sociedade. A ambas é delegado um papel cada vez mais definido e mais incisivo, de tal modo que elas se carregam cada vez mais identidade educativa, de uma função não só ligada ao cuidado e ao crescimento do sujeito em idade evolutiva ou à instrução formal, mas também a formação pessoal e social ao mesmo tempo (Cambi, 1999, p. 203).

O vínculo da família com a escola é relevante para que os estudantes desenvolvam as habilidades leitoras e possam exercer o seu papel na formação cultural. Portanto, podemos observar que é no contexto educacional que a prática da leitura inicia e, fora dela, é dever dos responsáveis darem continuidade para que não quebrem esse vínculo, tendo-se em vista a formação de leitores mais arguidores. Paulo Freire (1982) afirma que a leitura de mundo precede a leitura da palavra, pois a realidade do leitor faz parte desse processo de aquisição da linguagem escrita por meio do texto e do contexto. O processo de aprendizagem acontece no contexto de cada sujeito, visto que cada um traz consigo uma bagagem de conhecimento e o seu desenvolvimento ocorre de maneira subjetiva.

Oliveira (2010, p. 3) afirma que "a literatura recorrentemente produz conhecimento, pois nada mais é que, a releitura do passado, nos possibilitando realizar comparações com o presente, a fim de analisar os acontecimentos e os modos de vida". O docente é o mediador desse encontro do aluno com o texto. É preciso instigar o discente a fim de que ele descubra o interesse pelo texto literário e que mostram, através das leituras, o seu aprendizado sobre a diversidade cultural. Logo,

> A leitura é o fenômeno que respalda o ensino da literatura e, ao mesmo tempo, ultrapassa, porque engloba outras atividades pedagógicas, via de regra de tendência mais prática. De modo que a literatura, enquanto evento cultural e social, depende do modo como a leitura é encarada pelos professores, por extensão, pelos livros didáticos que encaminham a questão; pois de uma maneira ou de outra, eles se encarregam de orientar a ação docente em sala de aula (Zilberman, 1988, p. 94).

A mediação do professor cria essa possibilidade de interagir e mostrar aos alunos toda a dimensão que a obra literária abarca para viver as realidades distantes. A literatura concede esse leque de oportunidades para se reconhecer o processo da multiculturalidade, pois esse

exercício da leitura literária modifica a forma de se ver a realidade de hoje, concedendo-nos o ensejo de nos encontrarmos a nós mesmos e a entender melhor o outro. Bordini (1993, p. 10) diz que todos os livros contribuem para a descoberta de sentidos, mas somente os literários o fazem de forma mais abrangente. De acordo com o autor, o texto literário "se vale da imitação genérica constituída pelos símbolos linguísticos e atinge, sem dúvida, um plano de significação, igualmente universal[3]". Nesse sentido, pensa-se que o ato de escrever algo é intencional porque tem uma imagem nova a todo instante e se transforma em escrita em prol do sujeito. Para Correia (2018, p. 19), a linguagem literária extrai dos processos histórico-político-sociais uma visão típica da existência humana. Assim, são inúmeras as razões que justificam a importância da presença e permanência da literatura na escola. Segundo Machado (2022, p. 68), "pensar a literatura em termos universalizantes requer compreendê-la como um conhecimento que, ao ser elaborado, traz consigo referências, projeções, não aleatórias nem inocentes, mas de efeitos construídos com a tinta da audácia e a forma genuína".

Sob este olhar, pode-se dizer que a literatura é instrução. Ela não é restrita a um contexto específico, mas tem um grande impacto em outras culturas e épocas através dos registros e de outros pensamentos apontados por Machado de Assis e Cora Coralina. A contística machadiana e a poética coralina fazem a retrospectiva da sociedade, da escola, da infância e das lembranças que eles mencionam nos contos e nos poemas (os quais analisaremos posteriormente). Toda a escrita deixada pelos autores, sob um viés cronológico, aguça-nos a estudá-los ainda mais pelo fato de nos deixar inquietos por essa busca ininterrupta de adentrar nesse universo da história no tempo de escola e de um sistema educacional em que se utiliza a literatura para o processo educacional. Calvino (2006, p. 10) aponta que "a leitura de uma obra é ter sensibilidade, é intervenção, porque uma obra não pode ser lida de qualquer maneira, pois nas escritas estão as linhas de força que podem ser moduladas e prolongadas". E é na leitura que o leitor é capaz de construir o seu mundo e de ressignificar o seu olhar perante um determinado contexto, porque ler é inquietante e é fluir. É impossível dizer que uma leitura literária nos acomode. Será sempre um crescimento intelectual e pessoal, pois sempre agrega uma aprendizagem diversificada.

Nessa mesma perspectiva, Lajolo (1982, p. 52) afirma que "ler não é somente decifrar, mas partir de um texto e ser capaz de atribuir-lhe significação e relacioná-lo a todos os outros textos já lidos". Isso significa que ler é ter a oportunidade de adentrar no universo do autor e, por meio da sua cosmovisão, transformar o seu ponto de vista pela escrita a fim de compartilhar o pensamento com outras pessoas, de ensinar ou de autoafirmar algo novo, posto que a leitura

[3] *Idem*.

literatura permite ter uma visão aguçada além das pessoas que estão ao seu redor. Para Soares (2001), a leitura é um conjunto de habilidades linguísticas e psicológicas que se estende desde habilidades de identificar palavras escritas até a capacidade de compreender textos escritos. Quando o sujeito se apodera de uma obra literária, ele começa a ter a oportunidade de aprender de diversas maneiras o mundo da palavra, tornando visionário de algo que deixou registrado para que, quem o lesse, participasse do seu imaginário. Martins (1983, p. 17) reforça essa ideia, até porque,

> Quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir das situações que a realidade impõe e da nossa atuação nela; quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver os problemas que se nos mostram – aí então estamos procedendo a leitura, as quais nos habilitam basicamente a ler tudo e qualquer coisa. Esse seria, digamos, o lado otimista e prazeroso do aprendizado da leitura. Dá-nos a impressão de o mundo estar ao nosso alcance; não só podemos compreendê-lo, conviver com ele, mas até modificá-lo à medida que incorporamos experiências de leitura.

A leitura é primordial na vida do aluno. Cabe ao professor instigar esse caminho para que, a cada ano, possa cumprir a meta de avançar na literatura. Ainda se percebe no nosso país, principalmente no período da pandemia (2020-2021) que muitos alunos possuem dificuldades de leitura. Logo, é importante destacar que isso ocorreu devido a uma educação remota, mas o professor continuou exercendo um papel fundamental na vida dos nossos estudantes, a fim de mostrar a relevância do texto literário em mudar a vida de cada ser humano. Conforme Aguiar e Bordini (1993, p. 86), "a literatura não se esgota no texto. Completa-se no ato da leitura e o pressupõe, prefigurando-o em si, através de indícios do comportamento a ser assumido pelo leitor". Assim sendo, pode-se afirmar que a literatura toca o sujeito, mexe no cerne do ser humano de várias formas com o objetivo de sempre transformá-lo em uma pessoa melhor.

Eagleton (2006) afirma que o texto, realmente, não passa de uma série de dicas para o leitor, ou melhor, de um convite para que ele dê sentido à linguagem e a obra em si mesma "não passa de uma cadeia de marcas negras organizadas numa página" e que, sem a participação ativa do leitor, não haveria obra literária. A vista disso, quando se lê um texto fazemos parte do mundo dele, pois criamos imagens referentes ao contexto histórico relatado. É como vivenciar a época ao vir à tona várias nuances e um aparato de autorreflexão. Eco (1993, p. 45) ratifica que "o texto é um universo aberto onde o intérprete pode descobrir infinitas interconexões. A linguagem é incapaz de apreender um significado único e preexistente: o dever da linguagem é, ao contrário, mostrar que aquilo de que podemos falar é apenas a coincidência dos opostos". O texto literário é como deixar lacunas para que o leitor possa, com a sua visão de mundo, ter

uma continuidade de reflexão acerca da leitura feita por ser a subjetividade de cada um ao olhar e interpretar o mundo, a sociedade e a educação. Tudo isso contribui para que o leitor tenha uma voz crítica e questionadora sobre a construção da identidade de um povo. Antonio Candido (1988, p. 9), reforça essa ideia a respeito da crítica ao asseverar que,

> No cerne do estudo e do ensino da literatura está o problema crítico. De um modo geral, o problema literário apresenta três aspectos: a criação artística, o público e, entre ambos, uma série de intermediários cuja função é esclarecer e sistematizar. É o papel que compete às diferentes modalidades de crítica, desde a história literária até a resenha de jornal, e delas depende em boa parte a formação e o desenvolvimento da consciência literária. O ensino da literatura pode e deve ser considerado um aspecto da crítica.

A literatura é um tipo de crítica, e nela envolve três perspectivas, sendo elas a de criação artística (que pode ser a obra literária em forma de escritos ou desenhos) a de um público (que são os leitores e os intermediários, desempenhando papéis de suma importância na obra) e a do escritor (ao permitir a reflexão sobre determinado contexto histórico-social). A leitura literária é importante em qualquer ambiente, visto que Aguiar (2001, p. 242) afirma que ela "traz para o universo do leitor possibilidades novas de sentido, que colocam em questão suas verdades desestabilizando-o e levando-o a reestruturar-se" e, ainda, "que ler é ampliar horizontes e a literatura será tanto melhor quanto mais provocar o seu leitor". Dessa maneira, podemos compreender que a leitura literária é um importante componente para a construção e formação do leitor arguidor. Perante inúmeros pontos de vista supracitados, é possível dizer que ela é completa e universal ao trabalhar sobre as diversas temáticas. O contato com a obra literária e a sua leitura visam nos conceder um olhar mais atento ao real para ressignificar o nosso redor e, principalmente, o nosso eu.

O conceito de literatura nunca é determinado, como já mencionou Perissé (2006, p. 72), visto que cada pessoa que a lê tem a sua subjetividade, tem o seu olhar referente a algo ou questiona determinada temática. É, por isso, que é considerada sempre algo novo, e o novo é a indagação, pois a visão de cada leitor sempre traz algo diferente. Perissé[4] reitera ainda que "o contato com a literatura não é contato, é encontro". Sabe-se que o texto literário é gerar novos pensamentos, logo, de construir novos hábitos. Para o autor, "o texto gera dissonâncias. Tais dissonâncias geram novas descobertas". A literatura tem o poder de nos inquietar, de nos transportar para outros mundos, ora nos equilibrando ora desequilibrando, ao nos influenciar a mergulhar nas infinitas águas de aprendizagens e poder voltar à tona um novo ser. Nas palavras

[4] *Idem*.

de Teles (1996, p. 17), o objeto literário, é uma "espécie de realidade ambígua que se fecha numa obra, e ao mesmo tempo, se abre para o universo de uma cultura e para o imaginário de um leitor teoricamente indefinido e ilimitado". Quando a lemos nunca seremos os mesmos. A leitura é abrangente. É como se ela nos cercar de todas as maneiras e quem a começa a lê-la, vai aos poucos, despertando o gosto pelos textos e, quando se vê, já está totalmente dependente desse mundo representado. Ela tem o poder de nutrir o ser humano e de entrar nas nossas vidas para fazer parte de nosso convívio.

A literatura não está estagnada. Ela será sempre um universo em constante expansão para o leitor. A obra literária aborda várias temáticas, estabelecendo-nos os diversos caminhos a cada leitura. Para Certeau (1982), o objeto da poética é a literatura, e ela se manifesta através da linguagem (do romance, do conto, da poesia e do teatro) e da metalinguagem (pela crítica, ensaio e/ou da história literária). Como pode-se perceber, a literatura se dá nas mais variadas formas com o objetivo de estabelecer contato direto com o leitor vertical e horizontalmente. Ela é mágica, pois consegue preencher ou não as muitas respostas que o leitor precisa. Conforme Perissé (2006, p. 79),

> Mostrar, provar que a leitura da literatura leva ao transbordamento. Temas vitais e abordagens imaginativas conduzem o leitor a se conectar com o real, conectando-se com a palavra criadoras de mundos, com o *homo loquens* que somos. É "ligar" o livro. E onde o "ligamos?" (grifos do autor). Ligamos em nós mesmos. Pela leitura, nós nos plugamos na palavra que dá realidade à realidade. A palavra nos livros nos faz livres. O objeto livro se adapta às nossas mãos. Sua energia vem da nossa energia. Sua legibilidade vem da nossa inteligência.

A literatura conduz-nos ao encanto, ao imaginar e a criar, tornamo-nos livres perante a obra lida. O autor ainda assinala que "a leitura é eclosão de pensamento (que se alimenta da lembrança[5])". Quando estamos lendo, é como se estivéssemos em outro mundo, é supremacia, é transcender a imaginação, é como se desligassem do agora e nos reportássemos para outro universo. Por isso, é tão necessário o texto literário fazer parte da vida de nossos alunos e dos docentes para ser um exemplo de leitor literário, incentivando-os sempre, pois ler é crescer, é ir além do aqui, é avançar em mundos nunca vividos, aguçando-nos a imaginar o mundo e a integrar com o autor. De acordo com Colomer (2007, 31),

> o objetivo da educação literária é, em primeiro lugar, o de contribuir para a formação da pessoa, uma formação que aparece ligada indissoluvelmente à

[5] *Idem*.

> construção da sociabilidade e realizada através da confrontação com textos que explicitam a forma em que as gerações anteriores e as contemporâneas abordaram a avaliação da atividade humana através da linguagem.

A literatura permite-nos esse acesso de aprender com outros autores que tiveram o olhar aguçado e que foram pessoas além do tempo, possuindo a perspicácia de enxergar além do comum. Antonio Candido (1995, p. 8) diz que esta literatura é, sobretudo, "o sonho acordado das civilizações". A leitura abre portas para o conhecimento, porque ela não é apenas um jogo de linguagem, mas sim uma forma de marcar a humanidade e de nos relacionar com o mundo. Neste aspecto, verifica-se que o texto literário é rico no exercício de aprendizagem, fazendo-nos conectar com o mundo. Muitos deles trazem a literariedade por trazer em sua linguagem a objetividade voltada a uma subjetividade e dar esse caráter literário ao texto, levando os seus leitores a aprender a gostar da literatura. Ainda nas palavras de Perissé (2006, p. 147),

> Uma sala de aula sem arte, sem criatividade, sem literatura...é um espaço frio ou demasiado quente, barulhento, e não raro, violento. Se, ao contrário, numa sala de aula, professores e alunos se esforçam por humanizar-se, certamente assistiremos ao progresso mais importante. O progresso no ser. E, deste progresso, de modo equilibrado, decorrerá o progresso no fazer e no ter.

Nesse sentido, o ambiente escolar com certa criatividade permite conexões relevantes, promovendo a empatia e o aprendizado. A literatura dá margem e desenvolve o processo de criação dos alunos. Cabe a cada profissional da educação diferenciar suas dinâmicas e saber dosar os textos literários na sala de aula com o propósito de provocar os discentes para que, aos poucos, aprendam a ter prazer pela leitura. Compagnon (2009, p. 22) acredita que "a própria literatura é considerada viva", porque quando a lemos somos capazes de representar também a realidade do texto com o nosso mundo, dando-nos a autonomia para recriá-lo, sobretudo, de emancipar o pensamento. O autor reitera que,

> A literatura deve, portanto, ser lida e estudada porque oferece um meio que alguns dirão até mesmo o único de preservar e transmitir a expressão dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos (Compagnon, 2009, p. 47).

A literatura conduz-nos ao saber sobre determinada época, de questionar a respeito das pessoas que fizeram parte de dada sociedade e que, de alguma forma, contribuíram muito para compreendermos o mundo. A forma de pensamento que os autores expressam, estabelece-nos,

de alguma maneira, a verticalizar a história pelo mundo representado nos textos. Zilberman (2008, p. 17), menciona que,

> A leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, permitindo ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade sem perder de vista sua subjetividade e história. O leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação e decifra por meio do intelecto. Por isso, trata-se também de uma atividade bastante completa, raramente substituída por outra, mesmo as de ordem existencial. Essas têm seu sentido aumentado, quando contrapostas às vivências transmitidas pelo texto, de modo que o leitor tende a se enriquecer graças ao seu consumo.

A literatura está entrelaçada à educação por ter o poder transformador nas vidas do ser humano. Ela extrapola o conhecimento comum por ser plural, universal e dinâmica, levando o leitor a ter diferentes interpretações. O texto literário historiciza uma época, o mundo social e a realidade no tempo da narrativa ou do poema. Nessa perspectiva, Zilberman (2008, p. 89),

> (...) a escola é, hoje, o espaço privilegiado, em que deverão ser lançadas as bases para a formação de um indivíduo. E, nesse espaço, privilegiamos os estudos literários, pois, de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente – a plena realidade do ser.

É no contexto escolar que o professor incentiva o aluno a selecionar melhor os gêneros literários para descobrir esse universo e o hábito de ler. É de extrema importância salientar o papel dos pais nesse processo de leitura que se deve iniciar na infância. O texto literário provém da história de determinada sociedade para estimular o pensamento do sujeito a partir do agir e do comportamento daquele povo. Essa descoberta é o elo entre o aluno, os pais, o professor e a escola. O mundo literário é multidimensional. Ele oportuniza ao leitor várias experiências nesse universo que não existem fronteiras temporais ou espaciais. Lajolo (2001b, p. 44) afirma que,

> A literatura é porta para variados mundos que nascem das várias leituras que dela se fazem. Os mundos que ela cria não se desfazem na última página do livro, na última frase da canção, na última fala da representação nem na última tela do hipertexto. Permanecem no leitor, incorporados como vivência, marcos da história de leitura de cada um.

O texto literário é capaz de aumentar nossa sensibilidade e crescer intelectualmente, desenvolvendo o senso crítico ao que ouve, vê e lê. A leitura literária é "o exercício da liberdade que nos torna humanos. E é por esta força libertária que a literatura sempre participou das comunidades humanas" (Cosson, 2019, p. 25). A literatura com os seus mais variados textos, contemplando-nos com visões que muito nos influenciam em vários momentos da vida, porque tem o poder de transformar a nossa vida e, por intermédio de sua literariedade, liberta-nos dos pensamentos voltados ao senso comum. Um sujeito que tem o hábito da leitura consegue ver além da escrita e de fugir das regras dessa modernidade sólida que, segundo Bauman (2000 p. 55), é uma obsessiva marcha adiante, não porque queira mais, mas porque nunca consegue o bastante, uma vez que nos encontramos em um tempo líquido, ou seja, de mudanças e fluidez. O aluno que tem um aparato de informações e que, em muitos casos, não consegue concentrar lendo um livro prefere então as leituras rápidas como as das redes sociais. É a partir daí que entra a função do professor, a de mediar a leitura literária para um aglomerado de jovens que vivem na era digital. Nas palavras de Bauman (2000 p. 12), "a era computadorizada produziu um novo ser humano, ou seja, um indivíduo totalmente diferente daquele que viveu até os anos 1970". E esta modernidade, apresenta um novo aluno em constante mudança, onde o tradicional dissolveu, e o ser humano necessita se adaptar a essa nova fluidez que influencia na construção identitária do sujeito.

Em síntese, parece-nos que ler um livro de literatura hoje foge às regras da modernidade. Infelizmente, estamos trabalhando com sujeitos que não conseguem se conectar com um livro, mas que estão conectados a uma avalanche de informações nas redes sociais. Sem perceberem, o tempo está passando e o aprendizado pode fazer parte de um passado longínquo, impactando na falta de concentração para ler, além de uma certa dependência tecnológica e na dificuldade de socializar. É preciso mostrar aos jovens a importância de estar interagindo com a história e a cultura de outros povos por meio da literatura. Logo, aprender através dos que nos precederam é, acima de tudo, adquirir uma nova reflexão e poder (trans)criar esse mundo pela escrita.

2. MACHADO DE ASSIS: A EDUCAÇÃO DO SÉCULO XIX

> De modo que ler e interpretar Machado de Assis é de alguma maneira ser lido e interpretado por ele- ter nossas limitações e nossos pontos cegos "denunciados" por seu texto, capaz de acolher interpretações diversas, até mesmo conflitantes (Guimarães, 2017, p. 277).

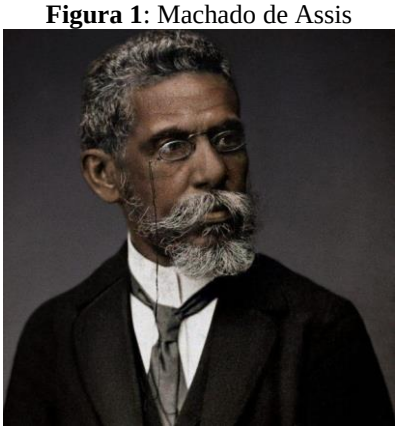
Neste capítulo, vamos adentrar no universo de Machado de Assis e contemplar a escrita literária no que diz respeito a sua produção contista, deixando-nos um legado de ricas narrativas, além de conhecer um pouco da história do autor considerado um cânone da literatura brasileira. O objetivo principal é conhecer o modo como o escritor representa a sociedade e o modelo de ensino vigente em meados do século XIX por meio do "Conto de Escola", publicado em 1884; da "Teoria do Medalhão", lançado em 1882 e, por último, "Um Cão de Lata ao Rabo, editado em 1878. O autor escreveu, aproximadamente, duzentos contos entre os anos de 1858 e 1907, abordando, criticamente, a sociedade carioca, além de revelar o universo humano situado no período realista então marcado pela dúvida, egoísmo, tristeza e a ânsia de desejos da burguesia.

Barreto Filho (1947, p. 7) assevera que "Machado se transformou no acontecimento central da vida literária brasileira", pois escreveu na norma culta e soube dosar cada palavra. Sua escrita está lapidada ao seu maior grau para deixar registrado aquilo que ele queria metaforizar como crítica também a sociedade brasileira. Foi criterioso ao escrever por mimetizar o real através de uma linguagem literária rica em imagens e símbolos. Já Vasconcelos (2015, p. 22) afirma que existe um "desafio posto: destrinçar, mais uma vez, entre tantos outros estudos, Machado de Assis; falar o já dito; pesquisar o já pesquisado; descobrir o que está, há muito, desvendado". Logo, entender Machado de Assis é sempre ter algo a descobrir, visto que se trata de um autor que escreveu, sabiamente, em razão de dizer o que parece não estar dito por deixar uma lacuna para que o leitor tenha as suas próprias decisões.

Joaquim Maria Machado de Assis viveu seus sessenta e nove anos na cidade do Rio de Janeiro, presenciando os grandes episódios do período realista da segunda metade do século XIX e discorreu sobre esses acontecimentos na sua escrita literária. Entretanto, pouco escreveu, diretamente, sobre a infância, a sua juventude e, muitas vezes, pareceu silenciar a respeito dos aspectos da vida pessoal. Mesmo na maturidade, quando havia se tornado uma figura de prestígio público, há ainda aspectos bastantes obscuros de sua experiência vivencial. Menino

pobre nascido no Morro do Livramento, próximo ao centro da capital, sede dos poderes do Império do Brasil. Mesmo com uma situação social precária, subiu todos os degraus possíveis para quem contava apenas com seu trabalho. Foi um intelectual com sabedoria invejável, extremamente, crítico e detentor de um olhar peculiar sobre todas as coisas, mas de saúde frágil, gago, mulato e epilético como mostra a imagem abaixo:

Figura 1: Machado de Assis



Fonte: Google Imagens (2024)

Machado de Assis nasceu no dia vinte e um de junho de 1839. É filho de Francisco José de Assis, um pintor de paredes, dourador, mulato, descendente de escravos alforriados, e Maria Leopoldina Machado de Assis, uma portuguesa açoriana que imigrou menina para o Brasil e que fazia serviços domésticos. Estes sabiam ler e escrever, algo bastante raro para sua condição social. Casaram-se, relativamente tarde. Ela com vinte e seis anos e o pai com trinta e dois anos. Sua família era composta pelos pais e Maria, uma irmãzinha mais nova que morreu de sarampo aos cinco anos. Os seus padrinhos foram pessoas da mesma família que, por sua vez, é mais um sintoma da condição humilde. Era típico da época em que os filhos dos agregados buscassem a proteção dos senhores mediante apadrinhamento. Os seus pais trabalhavam em uma propriedade dos patrões no Morro do Livramento.

O autor veio a falecer em uma confortável situação econômica, méritos de sua própria história. Tornou-se o mais importante escritor da época e foi reconhecido ainda em vida, sendo coroado com a eleição para a presidência da Academia Brasileira de Letras. Assim, ele ocupou a cadeira de número 23 (vinte e três), permanecendo por mais de dez anos na presidência que, posteriormente, passou a ser chamada de “casa de Machado de Assis”. O consagrado imortal deixou-nos uma vasta escrita que servirá, cada vez mais, como fontes de pesquisas e de tradução para vários outros idiomas como o inglês, o alemão, o francês e o italiano. Machado foi e sempre será um ícone da literatura por ser um dos marcos do Realismo da literatura brasileira, isto é,

“um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (Calvino, 1993, p. 11). Mesmo depois de várias décadas, ele dialoga com várias gerações, críticos e ainda continua vivo ao conversar com cada um de nós.

Escrever sobre Machado de Assis é sempre uma grande instigação. A cada pesquisa feita, ela nos parece desafiada com as suas variadas facetas e inúmeras possibilidades de sempre descobrir algo novo. Ele nos proporciona subsídios para descobrir e entender a peculiaridade de sua escrita, de enxergar o que tem por trás dos contos. A literatura agrega conhecimentos, imaginação e reflexão, pois ela é a transformação constante do olhar. Para Barreto Filho (1947, p. 197),

> O seu trabalho de escritor continua a ser a única forma de consolação para o espírito, de que dispõe. Ele foi o mais completo e talvez o primeiro verdadeiro homem de letras no Brasil, porque a atividade literária fazia parte de suas necessidades cotidianas: era o seu cordial, a misteriosa conciliação na sua própria natureza [...] aí se dá uma intimidade absoluta e inefável com o nosso ser, parece que o sentimos pousado na existência. Realiza-se a perfeita adequação do nosso substrato com o impulso de comunicação. E o homem encontra aí um núcleo sólido e inabalável que resiste à erosão que destruiu as camadas psicológicas superficiais.

O legado literário que Machado deixou foi uma extensa obra literária que serviu de objeto a vários estudiosos como Harold Bloom e críticos brasileiros como Afrânio Coutinho, Antonio Candido e Alfredo Bosi. De uma única escrita, expressava de maneira limpa e tinha interlocução com o leitor. Josué Montello (1997, p. 20) aborda que ele “soube aprimorar de modo gradual, convertendo o tirocínio sucessivo do texto publicado no seu aperfeiçoamento objetivo, com o testemunho de seus leitores, até alcançar a limpidez inexcedível da sua originalidade”. Ele foi um lapidador das palavras e soube, assimetricamente, colocá-las no lugar exato como se fosse um quebra cabeça ao encaixar, corretamente, cada expressão. Aos dezesseis anos, publicou seu primeiro trabalho literário, sendo o poema “Ela”, na revista *Marmota Fluminense*, de Francisco de Paula Brito, e veio a publicar o primeiro livro de poesias em 1864 sob o título de *Crisálias*.

Machado de Assis foi um dos mais renomados escritores brasileiros e crítico literário. Analisou vários livros de autores estrangeiros. Suas obras também foram comentadas por Sílvio Romero, sendo este o primeiro a fazer uma análise sociológica da sua produção. Em seguida, José Veríssimo, um admirador do autor, defendeu o estilo e originalidade de suas obras ao dizer que “chegamos agora ao escritor que é a mais alta expressão do nosso gênio literário, a mais eminente figura da nossa literatura, José Maria Machado de Assis” (Veríssimo, 1963, p. 304).

E, ainda, Roberto Schwarz, considerado o seu principal crítico, ao mencionar que toda a sua obra espelha as contradições da sociedade brasileira do século XIX, então, assinalada pela modernização escravista. Por essa veia da crítica literária, o poeta foi considerado um marco de tudo que escreveu por produzir grandes obras com a riqueza vocabular recheada de metáforas e metalinguagens. Para Bosi (2003, p. 154), o olhar machadiano "penetra aquele universo de assimetrias e tende a cruzar o círculo apertado dos condicionamentos locais na direção de um horizonte ao mesmo tempo individual e universal. Interessam-no cada homem e cada mulher na sua secreta singularidade, e o ser humano no seu fundo comum". O autor transcende o que era comum nas suas escritas, expondo o seu olhar para o individual e o universal, interessando tocar o sujeito na sua essência. Logo, as suas ideias não são apresentadas de maneira clara, mas dissolvidas no decorrer de todo um texto por intermédio de sátiras, ironias e, na maioria das vezes, sob pseudônimos.

Por ser poeta, contista e romancista, Machado de Assis conseguiu ilustrar seu leitor em uma época marcada por vários contextos sociais como se soubesse o sentimento de cada um. Pode-se dizer que ele foi um grande observador ímpar das inquietações do ser humano, da política e de tudo que o cercava. O literato deixou valiosas obras de grande destaque para as escolas e as universidades do século XX a XXI que fazem com que entendamos a nossa sociedade. Tendo-se como aparato a sua escrita que colabora para verificar as semelhanças, o que avançou e o que ainda prevalece na atualidade. Assim, lê-lo exige atenção, mas ao mesmo tempo nos dá a oportunidade de encontrar o novo. Calvino (1993, p. 12) afirma que "os clássicos são livros que, quando mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fatos mais se revelam novos, inesperados, inéditos". Isso significa que a escrita machadiana estabelece uma relação com o leitor por trazer um estilo e uma técnica literária que dialoga com a vivência de cada um. Por isso, tornou-se um grande influenciador dos estudiosos das letras como Olavo Bilac, Lima Barreto, John Barth e Donald Barthelme.

O autor escreveu sobre inúmeras temáticas e, por mais que pesquisamos, ainda nos deparamos com muitas surpresas sobre os registros de um período histórico astucioso figurado por um olhar peculiar mediado pela palavra. Bosi (2006, p.174) afirma que "o ponto mais alto e mais equilibrado da prosa realista brasileira se acha na ficção de Machado de Assis" pelo fato de nos revelar a realidade por uma escrita de excelência. Por meio da sua escrita astuciosa e crítica, Machado de Assis levantou as indagações sociais do Brasil do século XIX, mostrando-nos as desigualdades, o preconceito e a corrupção presente nessa sociedade. Com isso, desafia os seus leitores a refletir sobre essas questões ainda muito pertinentes nos dias de hoje.

2.1. Contexto histórico da construção do Conto de escola

O escritor Machado de Assis viveu numa época em que as grandes pessoas, favorecidas economicamente, faziam parte da sociedade carioca como barões, conselheiros, comendadores, ministros e regentes. Estes eram o ápice da pirâmide, e o literato estava ali a observar um grupo social com enormes mudanças no âmbito político e cultural. Assim, levar esse contexto para a sala de aula para entender a história e como ela se articula no texto literário, é uma tarefa árdua do docente demonstrar que a literatura se relaciona com os eventos históricos não por um tempo cronológico e sim na temporalidade em que os fatos se encontram na narrativa. Ensiná-lo a partir de uma perspectiva que ultrapassa a linha crítica biográfica é um dos novos desafios do professor na contemporaneidade, pois vem ocorrendo mudanças nos paradigmas educacionais que tornam a profissão docente um desafio constante a cada ano. De acordo com Suanno (2011, p. 44),

> Nas práticas educativas não basta ter os elementos essenciais do processo de ensino e aprendizagem se não houver combinação, interação, mediação, reação em cadeia, autossustentação, diálogo e intencionalidades claras. Insinuo aqui que não estamos cuidando da proporcionalidade, das conexões, das relações necessárias para provocar reações transformadoras do modo de pensar, dos modos de ensinar, aprender e criar cursos de formação humana capazes de transformar a atual condição humana e a realidade local e planetária.

Esta complexidade do contemporâneo, leva o docente a reflexão da prática pedagógica que não é mais um simples roteiro de como analisar uma obra literária. O ensino de literatura requer ações questionadoras com os múltiplos saberes para buscar as informações implícitas que o texto lhe oferece e entender esse passado enquanto presente da narrativa. É, sobretudo, olhar a realidade do século XIX presente nos contos machadianos e, ainda, trabalhá-la com o momento atual, visto que a suas temáticas ainda permanecem bem contemporâneas. Adotar tais estratégias vem corroborar com o desenvolvimento leitor do aluno e, principalmente, alcançar o êxito no estudo analítico da narrativa por uma prática docente inovadora. Logo, adentrar no "Conto de Escola", de Machado de Assis, é aproximar o aluno da educação daquela época e ver de perto como era o ensino brasileiro do período realista ou cientificista, ou seja, de uma criação literária que baseava na valorização da objetividade dos fatos históricos e na descrição de tipos sociais ao buscar a ascensão na sociedade pela situação educacional e econômica.

A palavra conto deriva do termo latino *compŭtus* que significa "conta". O conceito faz referência a uma narrativa breve e fictícia. É importante destacar que uma obra literária não é

um texto de verdades concretas ou conceitos exatos e, a esse respeito disso, Todorov (2009, p. 78) diz que “ao dar forma a um objeto, um acontecimento ou um caráter, o escritor não faz a imposição de uma tese, mas incita o leitor a formulá-la: em vez de impor, ele propõe, deixando, portanto, seu leitor livre ao mesmo tempo em que o incita a se tornar mais ativo”. Portanto, o “Conto de escola” é uma renomada obra da literatura cuja a sua essência se refere ao sistema de ensino, exatamente a sala de aula, onde predominou a narrativa como método de educação. Nele, o autor apresenta toda uma visão crítica em que analisa os paradoxos existentes entre a realidade e o âmbito educacional da sua época.

A narrativa do “Conto de escola” trata da educação do período monárquico, em especial, sobre a modalidade de ensino. É importante salientar que, durante o século XIX, a educação brasileira passou por grandes transformações, e uma dessas mudanças ocorreu com a chegada da Corte Portuguesa para o Brasil no ano de 1808. Com isso, começou então o ciclo de mudanças que, nas palavras de Ghiraldelli (2006, p. 28), após o estabelecimento da família real no Rio de Janeiro e, principalmente após a independência em 1822, o ensino brasileiro seria reestruturado em três níveis, sendo eles o primário, o secundário e o superior. Já para Aranha (2006, p. 222), houve dificuldade em sistematizar os dois primeiros níveis, pois o Brasil era um país eminentemente agrário e as elites tinham pouco interesse em mudar tal condição. Grande parte dos homens bons da época acreditava que esse era o destino do país e, portanto, alterar nossa história correspondia atentar contra nossa essência agrária. Nessa perspectiva, a educação estava muito distante de ser prioridade, e a hierarquia social impossibilitava sua divulgação.

No ano de 1827 foi criada a lei que estabelecia a criação das escolas de primeiras letras em todos os municípios, vilas e lugarejos, nas cidades e vilas mais populosas. Mas, essa lei não perdurou. Conforme aponta Fernando de Azevedo (1963), o fracasso da lei deveu-se, sobretudo, a fatores técnicos, políticos e econômicos, pois a forma de ensino pleiteada pelos deputados constituintes foi substituída por uma metodologia mais modesta, visto que,

> A necessidade e a urgência da criação de um sistema de instrução pública foram, durante todos os debates, diretamente associadas ao caráter do regime político nacional e liberal: educar homens livres capazes de sustentar o novo sistema representativo (...). O problema da instrução popular deveria esperar o tempo necessário para ser resolvido satisfatoriamente, muito embora fosse inconcebível, na sua ausência, o funcionamento do novo regime constitucional. E, muito discutido e enredado, o primeiro projeto apresentado pela comissão de instrução foi engavetado e esquecido antes de ser aprovado (Xavier, 1992, p. 59-61).

Ainda que a Constituição de 1824 mencionasse sobre a educação nacional, no ano de 1827 não havia ainda se fortalecido. As pessoas de poder aquisitivo alto continuavam a educar os filhos em casa. Havia famílias que contratavam educadores para ministrarem as aulas para pequenas turmas sem vínculo com o Estado. Existiam poucas escolas, buscando atender as necessidades precárias dos bairros e, com isso, foi instituída a metodologia de ensino mútuo. Por esse método, segundo aponta Ghiraldelli (2006), os alunos mais adiantados ajudavam os demais colegas que, por sua vez, eram supervisionados por uma espécie de inspetor que não tinha qualquer experiência pedagógica como ocorria no Morro do Livramento:

Figura 2: Morro do Livramento no Rio de Janeiro.

Fonte: Google Imagens (2024).

O século XIX foi um período de grandes transformações no Brasil em várias vertentes, onde a população brasileira presenciou, gradualmente, a mudança do regime governamental, passando então do Império para o da República. É importante salientar que, parte dessa transição, aconteceu no Rio de Janeiro por ser o foco da atenção de todo o país, influenciando os escritores renomados a inovarem a literatura atual ao expor novas metodologias de escrita. Esses acontecimentos históricos não aconteceram somente no Brasil, mas em vários países, como Estados Unidos, França, Venezuela e Paraguai. Esse aglomerado de mudanças também ocorreu, juntamente, com a história da arte e da filosofia com Auguste Comte, George Hegel, Karl Marx e Sigmund Freud, além de pintores como o Francisco de Goya, Edgar Degas, Paul Cézanne e Camille Pissarro. Foi uma época que envolveu várias disputas pelo poder, sendo que a maioria das pessoas residiam no campo. A sociedade brasileira estava em construção e se encontrava desorganizada pelo fato de ainda a escravidão assolar todo o país.

As transformações necessárias para a evolução do Brasil só aconteceram por um longo período de tempo ao se converter em uma nação moderna e autônoma. Algumas ocorrências contribuíram para esse fato como, por exemplo, a chegada da Corte Portuguesa ao Brasil, a

Declaração da independência do país, o início da guerra do Paraguai e o momento em que Dom Pedro I abdica do trono. Toda essa avalanche de acontecimentos no país veio para favorecer o seu crescimento em todas as áreas, inclusive, na libertação dos escravos. O desenvolvimento das cidades foi surgindo aos poucos com o crescimento industrial, as inovações tecnológicas, o telégrafo e a iluminação pública. Hoje o Brasil já tem uma economia bastante diversificada. É caracterizado como sendo um país rico em produções agrícolas, de exportações e se desponta no âmbito educacional com relação à educação tanto de crianças e adolescentes quanto na formação profissional.

Portanto, sabe-se que o Brasil dá passos lentos em relação a uma educação de qualidade devido haver ainda discriminação quanto as questões étnico-raciais, bem como socioculturais, religiosas, de nacionalidades e com as pessoas com deficiências. Decerto, o cenário educacional brasileiro passou por várias etapas difíceis, e que precisa de estar unido com diversos setores para alcançar a qualidade necessária. Dessa forma, ela deve se tornar prioridade da sociedade a fim de formar sujeitos pensantes e atuarem enquanto cidadãos transformadores do mundo.

2.2. Conto de escola: a metodologia educacional do século XIX

O "Conto de escola" apresenta uma narrativa polissêmica. É um texto literário passível a várias interpretações, além de trazer uma contribuição para o campo educacional e social. Foi publicado na *Gazeta de Notícias* em 1884 e, posteriormente, na coletânea chamada de *Várias histórias* em 1896 que, para John Gledson (2006), é um dos contos mais famosos de Machado de Assis. A publicação no mês de maio de 1840 foi, meticulosamente escolhida, por ser o ano em que a Regência verbal estava acabando e quando aconteceu a sessão do Partido Liberal para propor a antecipação da maioridade de Dom Pedro II. Este, por sua vez, foi proclamado maior de idade em vinte e três de julho de 1840 quando completou os catorze anos (Gledson, *apud* Vasconcelos, 2015, p. 80).

Alguns críticos mencionam que a sua temática gira em torno somente da escola e da educação. Já outros como Lima (1996), por exemplo, abordam também a triangulação política da infância durante o Período Regencial no Brasil, enquanto Martins (1994) menciona que a linguagem machadiana esconde a verdadeira intenção de um texto, tendo-se a corrupção e a delação presente em sua narrativa. Para Kloss, Brum e Umbuch (2002), o tema central do conto está na corrupção e na delação, comportamentos estes condenados, porém presentes no convívio humano de uma sociedade capitalista, onde atraiu Pilar (o personagem da narrativa), a aceitar a moeda reluzente. Logo, para entender a tessitura da intriga e a sua relação com a educação, a

sociedade e a cultura, principalmente, com a representação da escola no contexto educacional do século XIX, é necessário recorrer ao “Conto de escola”, de Machado de Assis, publicado, inicialmente, em 1840. Entretanto, utilizaremos para análise uma versão mais recente lançada em 2004 como mostra a figura 03:

Figura 3: Conto de Escola, de Machado de Assis.

Fonte: Google Imagens (2024).

A ação narrativa de “Conto de escola”, de Machado de Assis, é rememorada por Pilar na idade adulta. Ele se encontra num cenário escolar da época com a presença de um professor, extremamente, severo que não dava liberdade para os alunos expressarem seus pensamentos. A trama acontece com quatro personagens, sendo Pilar, Raimundo (filho do professor), Curvelo e o docente Policarpo. Aquele alunado tinha como dever apenas de frequentar a escola que, por sua vez, não podia expressar as suas vontades pelo fato de serem algumas das regras impostas e às quais deviam ser cumpridas:

> A ESCOLA era na Rua do Costa, um sobradinho de grade de pau. O ano era de 1840. Naquele dia — uma segunda-feira, do mês de maio — deixei-me estar alguns instantes na Rua da Princesa a ver onde iria brincar de manhã. Hesitava entre o morro de S. Diogo e o Campo de Sant’Ana, que não era então esse parque atual, construção de gentleman, mas um espaço rústico, mais ou menos infinito, alastrado de lavadeiras, capim e burros soltos. Morro ou campo? Tal era o problema. De repente disse comigo que o melhor era a escola. E guiei para a escola (Assis, 2004, p. 135).

O início da intriga narrativa refere-se ao morro de S. Diogo e o campo de Sant'Ana por ser o lugar que Pilar gostava de brincar quando era criança. Um ambiente rústico e rural que, posteriormente, tornou-se em uma área nobre. Tal mudança do espaço físico mencionada pelo narrador, mostra a distância que separa o tempo vivido pelo personagem e a distância histórica do conto. É possível observar que o garoto descreve as mudanças do lugar preferido e, também, dos lugares que permaneceram, demonstrando-nos que essa memória narrativa acontece por um evento histórico. Isso quer dizer que a narrativa é de cunho ficcional e relata os acontecimentos conforme as lembranças rememoradas e dispostas no tempo da escrita do texto. O narrador, no tempo de escola, era um dos mais adiantados e inteligentes da sala de aula, visto que não era "pálido nem mofino: tinha boas cores e músculos de ferro" (Assis, 2004, p. 136). Logo, estava à frente dos demais ao realizar o dever de sala que, por sua vez, procurava fazer algo para passar o tempo como o ato de desenhar a imagem do professor Policarpo.

Pilar divertia-se caricaturando o nariz do professor, colocando os pontos de exclamação interrogação, enquanto os outros colegas resolviam as atividades. Entretanto, é válido salientar que o garoto não gostava da escola. Isso se deu, segundo Veiga (2009, p. 90-91), por diferentes fatores que "concorriam para a predominância de uma pedagogia rude, caracterizada pela violência dos adultos contra as crianças". Nesse cenário educacional ou de modelo de escola, o diálogo era ausente e nada contribuía para que esse ambiente fosse prioridade na vida do sujeito, ou seja, uma educação em que a voz ativa era apenas a do professor. Tal atributo reforçava a desaprovação da escola e os ensinamentos por parte das crianças. Sentimento este que lamentou ter escolhido ir à escola, pois o pai havia dado, "uma sova de vara de marmeleiro" (Assis, 2004, p. 135), ficando ali mais por obrigação do que por sua vontade.

O narrador recordava os lugares preferidos de sua infância. Brincava nos morros, nos campos e na praia. O menino observava entre as vidraças da escola, "no claro azul do céu, por cima do Morro do Livramento, um papagaio de papel, alto e largo, preso de uma corda imensa, que bojava no ar, uma coisa soberba" (Assis, 2004, p. 139). Olhando a pipa (espaço de liberdade) era algo que ele não tinha na sala de aula e via como ofício a permanecer na escola, desconfortavelmente, mas atento ao livro de leitura. Pilar achava a escola um espaço sufocante e aprisionador por não apresentar nenhum atrativo para querer ir às aulas todos os dias. O seu pai era "um velho empregado do arsenal de guerra", almejava um bom futuro ao seu filho, não deixava faltar às aulas. Ele percebia que a escola era o lugar ideal de se tornar uma pessoa com um bom futuro:

> Era um velho empregado do Arsenal de Guerra, ríspido e intolerante. Sonhava para mim uma grande posição comercial, e tinha ânsia de me ver com os elementos mercantis, ler, escrever e contar, para me meter de caixeiro. Citava-me nomes de capitalistas que tinham começado no balcão. Ora, foi a lembrança do último castigo que me levou naquela manhã para o colégio. Não era um menino de virtudes (Assis, 2004, p. 135).

Mesmo que seus pais não tivessem escolaridade, eles eram preocupados com o futuro dos filhos. O genitor estava atento, e sabia que somente pela escolarização poderia almejar algo melhor a Pilar. Nesse mesmo sentido, podemos notar que,

> O saber ler e escrever significava uma distinção social, pois tornava uma pessoa identitariamente visível, e já não seria identificada apenas pelo carimbo do dedão, aparentemente tão igual a tantos outros, sem rosto, sem feições, sem características próprias perceptíveis que o distinguia por ser quem era. Era, portanto, uma credencial de pessoa "civilizada", traquejada, uma qualidade muito considerada naqueles sertões de outrora, tão importante mais ainda, hoje (Almeida *apud* Vasconcelos, 2015 p. 80).

A aprendizagem do sujeito o tornava em um diferencial na sociedade. Eram poucos os que tinham escolaridade e, um ponto que se destacava na época, era a profissão docente. Raro eram as pessoas que tinham capacidade de exercer a sala de aula, possuindo apenas o curso de magistério. É o caso do "Conto de escola", de Machado de Assis. O professor Policarpo era um senhor respeitado pelos alunos, pais e a sociedade. Nesta perspectiva, foram vários fatores que contribuíram para que tivessem acesso à escola no século XIX no Brasil como a escravidão, a localização geográfica, a necessidade de trabalho e o preconceito. As aulas aconteciam nas residências. Os professores eram os donos das instituições escolares que funcionavam com salas multisseriadas. Policarpo tinha cinquenta anos ou mais e foi, extremamente, rígido nos seus ensinamentos.

Ao dissertar sobre a disciplinarização dos corpos e da microfísica do poder, Foucault (2004, p. 98) menciona as técnicas de controle e também as do corpo do sujeito, explicitando-nos que o poder não era imposto de cima para baixo, mas algo que pertencia às instituições e aos governos. A partir do século XVIII, a organização da escola ganhou força e já em meados do século XIX foram estabelecidos alguns planos, já que "nessa grande tradição da iminência do detalhe viriam se localizar, sem dificuldade, todas as meticulosidades da educação cristã, da pedagogia escolar ou militar, de todas as formas, finalmente de treinamento" (Foucault, 2004, p. 119). É perceptível a forma rígida de educação que perdurou por um longo período com foco em suas raízes antigas e de ordem religiosa ou militar, visando a formação do caráter por uma base militarizada. Foucault (2004, p. 125) ainda reitera que,

> Pouco a pouco, mas principalmente depois de 1762, o espaço escolar se desdobra; a classe torna-se homogênea, ela agora só se compõe de elementos individuais que vêm se colocar uns ao lado dos outros sob os olhares do mestre. A ordenação por fileiras, no século XVIII, começa a definir a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar.

A maneira como as carteiras ficavam dispostas em fila era uma forma de disciplina e de vigiar os atos dos alunos. O professor ficava no lugar mais elevado da sala para assim conseguir controlá-los com o olhar e verificar se estavam fazendo as lições, pois "as disciplinas fabricam indivíduos" (Foucault, 2004, p. 126), resultando nas múltiplas identidades e lugares:

> A organização de um espaço serial foi uma das grandes modificações técnicas do ensino elementar. Permitiu ultrapassar o sistema tradicional (um aluno que trabalha alguns minutos com o professor, enquanto fica ocioso e sem vigilância o grupo confuso do que estão esperando). Determinando lugares individuais tornou possível o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos. Organizou uma nova economia do tempo de aprendizagem. Fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar (Foucault, 2004, p. 125).

Em uma das aulas, Pilar foi interrompido pela terceira vez pelo colega Raimundo para que o ajudasse na lição de sintaxe. A partir daí, ficou interessado em aceitar o convite, visto que já havia o ensinado outras vezes sem pedir nada em troca. Mas, dessa vez seria diferente. O filho do professor propôs-lhe um negócio que foi tentador. A pratinha brilhante na sua mão não era uma proposta comum e acabou aceitando a ideia do seu amigo. Portanto, tinham que ter o máximo de cuidado, pois Curvelo não tirava os olhos dele. Estava atento a todos os movimentos dos dois. A proposta de Raimundo era tentadora. Pilar ficava olhando aquela moeda reluzente que seu colega lhe mostrava de vez em quando e com bastante cuidado. Foi então que veio a aceitá-la em troca de ensiná-lo a lição de sintaxe, propondo "uma troca de serviços; ele me daria a moeda, eu lhe explicaria um ponto da lição de sintaxe. Não conseguiria reter nada do livro, e estava com medo do pai. E concluía a proposta esfregando a pratinha nos joelhos" (Assis, 2004, p. 138). Todos esses acontecimentos na vida do filho do professor em resolver as atividades o deixou ansioso como o fato de esfregar a moeda nos joelhos, pois ele tinha pressa na resolução das atividades.

O conto de Machado de Assis aborda as maneiras de controle que menciona Foucault ao retratar o Realismo do século XIX pelas relações escolares. As filas ficavam por ordem de aprendizagem, pois os "lugares determinados se definem para satisfazer não só a necessidade de vigiar, romper as comunicações perigosas, mas também de criar um espaço útil" (Foucault, 2004, p. 125). Tudo indica que o colega que os denunciaram se sentava no final da fila atrás de

Pilar e de Raimundo. Logo, ele ficou atento às conversas de ambos. Estava em um lugar que o permitia ver tudo o que acontecia na sala, parecendo sentar ali de forma proposital. Curvelo era um rapaz sagaz e o mais velho da turma. Os colegas continuaram a conversar baixo e "de repente, olhei para Curvelo e estremeci; tinha os olhos em nós" e, continua, "mas daí a pouco, voltando-me outra vez para ele, achei-o do mesmo modo, com o mesmo ar, acrescendo que estava a remexer-se no banco, impaciente" (Assis, 2004, p. 139).

Na escola de Policarpo adotava-se a metodologia lancasteriana, um método de ensino que foi estabelecido nas escolas europeias no início do século XIX e que se espalhou por toda a América, atuando como um mecanismo de comportamento e de aprendizagem que se tornou cada vez mais difícil. Esta metodologia educacional ocorria na forma de monitoria em que os alunos mais inteligentes ensinavam os colegas que tinham dificuldades. Esse método foi criado pelo inglês Joseph Lancaster e espalhou por todo o mundo. Assim, o monitor que tinha esse papel na sala de aula foi chamado de lancasteriano, pois era o auxiliar do professor. No "Conto de escola" é notável a aplicação desse método na sala de aula. Pilar era o aluno monitor e tinha facilidade de ensinar Raimundo e outros colegas que apresentavam dificuldades. Logo, mesmo sem a permissão do mestre, essa metodologia acontecia na sala de aula do professor Policarpo. Segundo Foucault (2004, p. 138-139),

> Confiaram-se primeiro aos alunos mais velhos tarefas de simples fiscalização, depois de controle de trabalho, em seguida, de ensino; e então, no fim das contas, todo o tempo de todos, os alunos estava ocupado seja ensinando seja aprendendo. A escola torna-se um aparelho de aprender onde cada aluno, cada nível e cada momento, se estão combinados como deve ser, são permanentemente utilizados no processo geral de ensino.

O "Conto de escola" apresenta um professor, extremamente, severo. O seu olhar causava medo nos alunos, inclusive, em Raimundo. O receio dos estudantes com relação a Curvelo era de pensar que o menino poderia ter a incumbência de ficar de olho nos demais da sala por ordem do educador, já que o protagonista sempre fitava o seu olhar no colega, até porque ele "parecia atento; poderia ser uma simples curiosidade vaga, natural indiscrição; mas podia ser também alguma cousa entre eles. Esse Curvelo era um pouco levado dos diabos. Tinha onze anos, era mais levado que nós" (Assis, 2004, p. 139). Como se nota, o aluno fazia tudo intencionalmente. Estava sempre ali vendo o que acontecia na sala de aula. Policarpo, de vez em quando, dava uma olhada por toda a sala e retornava a ler o jornal "devagar mastigando as ideias e as paixões" (Assis, 2004, p. 137). O cuidado para que o professor não percebesse nada, devia-se aos castigos e à palmatória, pois "lá estava, pendurada do portal da janela, à direita, com os seus cinco olhos

do diabo. Era só levantar a mão, dependurá-la e brandi-la, com a força do costume, que não era pouca" (Assis, 2004, p. 137).

A disciplina da época vem ao encontro da teoria comportamental behaviorista em que todos os comportamentos são adquiridos através do condicionamento. O behaviorismo destaca a objetividade, a observação e a análise do comportamento como era de práxis esse modelo de escola, onde o olhar do mestre era o suficiente para transmitir o recado, além de expor o objeto de inibição que estava ali bem ao lado do professor, pois só de olhar, os alunos já podiam sentir a dor de uma palmatória. Desde o início da narrativa, Pilar já sabia o que era castigo ao lembrar daqueles recebidos pelo pai por não ter ido à escola. Assim, esse personagem representava a classe mais pobre que começara a frequentar a escola. Era a educação dos menos favorecidos que, sob esta perspectiva, Veiga (2009, p. 90) menciona que,

> No período imperial e mesmo a república a difusão da instrução pública elementar se apresenta como condição mesma de realização de uma nação. Portanto, a instrução elementar gratuita foi estabelecida como direito do cidadão, tal qual rege a Constituição de 1824, e como dever dos pais ou responsáveis em fornecê-la para seus filhos.

Nesta conjuntura, a educação gratuita foi estabelecida como direito do sujeito e foi de incumbência dos responsáveis concedê-la aos filhos. Assim, a escola foi considerada primordial ao desenvolvimento de uma nação, apresentando alto índice de pessoas iletradas no Brasil. As salas de aula eram multisseriadas devido um número insignificante de professores preparados para a época. O conto mostra o professor já com a idade avançada sem inovações em suas aulas. Pilar deixa explícito que frequentava as aulas por obrigação e recordava dos castigos do pai. Saviani (1995, p. 17) afirma que,

> O trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto de homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo.

Por esse olhar, acredita-se que a educação é um processo que busca metodologias para que possa contemplar a aprendizagem do sujeito. Ela não se dá, isoladamente, mas no coletivo. Com efeito, nota-se no conto que a forma empregada na sala de aula se dá de maneira individual, sem instigação por parte de Policarpo. As atividades eram para serem feitas e os alunos, com

muito medo e respeito do professor, viam-se obrigados a resolverem as tarefas. De maneira alguma, o mestre aceitava-os a compartilharem os conhecimentos.

O aluno Pilar fazia parte de uma sociedade em transição. Era um período de relações capitalistas em que os alguns valores existiam, enquanto outros deixavam de lado, dependendo da forma e da circunstância como, por exemplo, o interesse pelo dinheiro. Ele foi uma criança com um caráter em formação e cercado de valores de um passado social que estava presente no seu meio. Foi um tempo de várias transições ou de "confluência de duas épocas, que projeta, no ponto de vista da encruzilhada, o encontro de dois mundos, o mundo que se despede e o mundo que chega" (Faoro, 2001, p. 13), uma época de disputa política e de industrialização na esfera educacional. Momento este de despedida entre o passado e o futuro, pois se manifestava em transição, e essa transformação se aproximava dando novas oportunidades aos brasileiros. O professor Policarpo estava a par de tudo do que acontecia durante as leituras das notícias do jornal que lia e passava preocupação, pois "fazia gestos com os ombros e dava uma ou duas pancadinhas na mesa" (Assis, 2004, p. 139) e com um ar de reprovação para tais mudanças.

O mestre continuava concentrado na leitura do jornal e não havia percebido o que tinha acontecido na sala de aula. O aluno Curvelo o contou tudo. De repente, os dois alunos foram surpreendidos, sendo chamados até a frente da turma para serem penalizados com doze golpes de palmatória quando estes estenderam "a mão direita, depois à esquerda, e fui recebendo os bolos uns por cima dos outros, até completar doze, que me deixaram as palmas vermelhas e inchadas" (Assis, 2004, p. 140). Veiga (2003) menciona que, embora os castigos físicos fossem práticas da época, prescritos pelo método Lancaster e orientados pela Lei Imperial de 15 de outubro de 1827 que regulamentava a criação de escolas nas províncias do Império, havia um limite para o uso da aplicação dos instrumentos, sendo um deles à palmatória, a qual deveria ser "utilizada apenas pelo mestre e para bater somente na palma da mão esquerda com dois golpes no máximo" (Veiga, 2003, p. 87). Todavia, Pilar relata ao colega Raimundo que receberam o castigo e que este não parou por aí. Além dos castigos físicos, aconteciam aqueles de aspecto moral com palavras humilhantes proferidas pelo professor como mostra a seguinte passagem da narrativa: "Acabou, pregou-nos outro sermão. Chamou-nos sem vergonhas, desaforados, e jurou que se repetíssemos o negócio apanharíamos tal castigo que nos havia de lembrar para todo o sempre. E exclamava: Porcalhões! Tratantes! Faltos de brio"! (Assis, 2004, p. 140).

Com essa forma de castigo e de um comportamento operante pelo professor, os alunos retornaram aos seus lugares aos soluços, muito envergonhados e cabisbaixo. Os olhares de toda a sala se voltavam para os dois. O tom grotesco e humilhante de Policarpo os feriram mais do

que as doze palmadas da palmatória. Percebe-se, nesse modelo educacional do século XIX, que a palavra apresentava um poder repressor muito grande, e o mestre as utilizavam para persuadir os preceitos morais dos estudantes. Veiga (2009, p. 87) ainda aborda que "nas regras lassalistas a correção era tida como um meio pedagógico valioso, sendo possíveis punições através de palavras e de penitências e pelo uso de instrumentos como a férula, o chicote ou a disciplina, mas também por penitências". Estas práticas disciplinares não eram novidade para ninguém. Elas faziam parte da sociedade, sendo uma das maneiras de civilização dos alunos, e os pais as utilizavam também em tal conduta, pois eram uma forma natural de educar as crianças. Logo, o papel do educador era o de punir e incumbir uma lição de moralidade:

> - Venha cá! Bradou o mestre. Fui e parei diante dele. Ele enterrou-me pela consciência dentro de um par de olhos pontudos; depois chamou o filho. Toda a escola tinha parado; ninguém mais lia, ninguém fazia um só movimento. Eu, conquanto não tirasse os olhos do mestre, sentia no ar a curiosidade e o pavor de todos (Assis, 2004, p. 140).

Esta estratégia era conhecida como um método pedagógico. A palmatória foi utilizada pelos professores com o objetivo de castigar os alunos indisciplinados e que não resolvessem a lição. Essa forma de doutrina foi considerada importante por vista como um dos meios de impor a moral, servindo de exemplos para os demais alunos. Sob essa perspectiva, podemos dizer que,

> Vale ressaltar que a palmatória era chamada de Santa Luzia. Todavia o castigo corporal era aceito pela sociedade, e os pais apoiam a medida, porque também, em casa, havia essa prática de castigo, da coerção. O castigo fazia parte da educação, estava vinculado ao aprendizado, e essa prática perdurou por longo período, nas escolas (Vasconcelos, 2015, p. 85).

A forma dos castigos na escola era aceita pelos pais. Era a educação do século XIX. A maneira de o professor castigar, deixava o aluno sem uma segunda chance. A presença da palmatória simbolizava poder e disciplina. As ordens eram impostas pelo mestre e não poderia reclamar. Com isso, "o aluno se transforma num polo receptivo que irá receber, ou melhor, encarnar uma transferência de todas as normas morais. A educação é um ato de moralização a serviços dos interesses que a sociedade exige enquanto realidade de vida e estruturas formais da razão" (Vasconcelos, 2015, p. 87). As aulas não tinham nenhum tipo de atrativo. O educador era severo aos extremos e não havia diálogo, ou seja, era chegar e fazer o que o mestre impunha. Os pais e a sociedade achavam normal essa atitude. Durkheim (2011, p. 107), afirma que a "sociedade não somente eleva o tipo humano à dignidade de modelo para o educador reproduzir, como também o constrói, e o constrói de acordo com suas necessidades". Isso quer

dizer, ainda nas palavras do sociólogo, que “o homem que a educação deve realizar em nós não é o homem tal como a natureza o criou, mas sim tal como a sociedade quer que ele seja”.

A educação não levava apenas ao ato de refletir o sujeito de como ele era. Visava, acima de tudo, de moldá-lo de acordo com as deficiências e valores da sociedade. Assim, o propósito não estava somente em difundir o conhecimento, mas de formar indivíduos de acordo com as expectativas sociais. O “Conto de escola” retrata bem o conceito de Durkheim ao abordar essa rígida educação da escola em consonância com a dos pais que obrigavam os alunos irem à escola. Havia por parte dos responsáveis o respeito pelo professor, atribuindo-lhe total confiança, a fim de que o filho pudesse ser uma pessoa renomada na sociedade como mencionado por Pilar no início do conto, referindo-se ao conselho do pai de ter “uma grande posição comercial” (Assis, 2004, p. 135). Neste ponto, essa dinâmica do modelo de educação se converge com o atual, onde os educadores são formadores de sujeitos nas mais diversificadas maneiras com o propósito de, futuramente, tornar o aluno em um cidadão do bem. Entretanto, Pilar se sentia inquieto sempre após o castigo, retornando assim para o seu lugar e se sentindo muito culpado, pois apresentava perante toda a turma a capacidade de resolver as atividades propostas. Foi quando ele olhou para Curvelo:

> Compôs-se e entrou a ler em voz alta; estava com medo. Começou a variar de atitude, agitando-se à toa, coçando o joelho, o nariz. Pode ser até que se arrependesse de nos ter denunciado; e na verdade, por que denunciar-nos? Em que é que lhe tirávamos alguma cousa? (Assis, 2004, p. 141).

Além da vergonha, Pilar ficou sem a pratinha. Com muita raiva ele jurou revidar o delator Curvelo que fugiu por uma rua vizinha a instituição escolar. No dia seguinte, teve a intenção de ir à escola para encontrar a moeda, pois “era uma moeda do tempo do rei (...) e tal moeda que me fez pular o sangue no coração” (Assis, 2004, p. 138). Ela representava muito ao aluno o qual saiu de casa com o objetivo de encontrá-la, mas foi em vão. Acordou bem cedo com o intuito de encontrar a pratinha, porque na noite anterior havia sonhado com ela, “sonhei que, ao tornar à escola, no dia seguinte, dera com ela na rua, e a apanhara, sem medo nem escrúpulos” (Assis, 2004, p. 141). Outra vez, o garoto foi ao encontro da moeda, mas infelizmente não a encontrou. Foi quando o garoto, com passos rápidos até a escola, deparou com o batalhão de fuzileiros,

> Os soldados vinham batendo o pé rápido, igual, direita, esquerda, ao som do rufo; vinham, passaram por mim, e foram andando. Eu senti uma comichão nos pés, e tive o ímpeto de ir atrás deles. Já lhes disse: o dia estava lindo, e

> depois o tambor (...) não fui à escola, acompanhei os fuzileiros, depois enfiei pela saúde, e acabei a manhã na praia da Gamboa (Assis, 2004, p. 141).

Aquele barulho todo feito pelos soldados e em consonância com o som, o envolveram de tal maneira que, quando se deu conta já estava os acompanhando como se fizesse parte da banda. O aluno acabou não indo à escola. Distraiu-se com os fuzileiros que apareceram em um momento certo. Foi como um acalanto para os ouvidos do menino que passou a esquecer tudo que havia acontecido no dia anterior. Logo, esses acontecimentos refletem a sociedade do século XIX, mas que ainda apresentam várias indagações com a contemporaneidade. O conto machadiano faz com que as gerações se aproximem por ser uma narrativa rica de interpretações. Quanto mais se lê, mais notamos elementos que estão ainda presentes na sociedade vigente, mas em uma nova configuração. Proença (2001, p. 9) assegura que,

> Ao assumir uma perspectiva radical diante da condição humana, a partir de uma linguagem polissêmica, a literatura vem assegurando sua permanência e atemporalidade. Ao dizer de um tempo, diz de todos os tempos, integrando, unitariamente, presente, passado e futuro. Assim, cada leitor, armado de seu repertório cultural, pode ser capaz de identificar, na dimensão escondida no texto literário, emoções coincidentes com as que povoam o âmago do seu universo psicológico.

O "Conto de Escola" é um texto repleto de aprendizagens e reflexões em relação ao aluno Raimundo que apresentava ter muitas dificuldades e com um medo extremo do pai. Esse pavor atrapalhava ainda mais na maneira de o professor se portar, visto que nem o filho tinha coragem de fazer alguma pergunta. O mestre não apresentava nenhum gesto de afeto para com a turma e nem ao seu filho. A outra questão é o problema de Pilar ensinar a lição ao colega. Nota-se, no decorrer da narrativa, que a sala de aula era um ambiente triste e com um professor insatisfeito com tudo à sua volta. Além do mais, ele chegava e dizia qual a lição era para os alunos fazerem e retornava para a leitura de seu jornal que o "deixa a perceber que estava mais comprometido com o jornal do que com os alunos, esses estavam ali para obter aprendizagem". Por último, o fato de Curvelo se beneficiar dedurando os colegas. Em comparação com a atualidade, esse ato ainda perdura por ser uma atitude com o objetivo de se dar bem com o outro.

Machado de Assis é um autor imortal. Sua escrita narrativa analisa, minuciosamente, o comportamento do ser humano como se medisse em todos os ângulos cada palavra que escrevia. Montello (1997, p. 180) menciona que,

> Em cada conto, a condição humana dá de si, é tão forte, tão flagrante, na intensidade da experiência vivida, que acabamos por ser, ao mesmo tempo, partícipes e testemunhas, na fluência do expositor incomparável. É nesses relatos que Machado de Assis se sublima, quer na urdidura do relato, quer na transparência da escrita, e ainda na universalidade dos dramas em que o gênio do escritor sabe alcançar a comunicação perfeita, quer por sua veracidade, quer por sua comunhão humana.

Machado de Assis aborda a condição humana e a complexidade da vida em que viveu, convidando sempre o leitor a participar de sua obra. Assim, a universalidade da escrita o torna atemporal por conseguir nos direcionar ao seu mundo e a refletir sobre o nosso. No caso do conto é um viajar àquela sociedade e ao século XIX, demonstrando-nos como ocorria os ensinamentos, o respeito ao professor e os castigos. É um círculo de acontecimentos nos mais variados assuntos que nos leva a debruçar nessa escrita que transcende fronteiras, tornando-o em um escritor gênio da literatura brasileira, já que sempre dá aula com cada um de seus contos.

O "Conto de escola" apresenta várias lições dentro de um texto. Machado de Assis com o seu olhar criterioso, remete-nos a sua época para adentrarmos no universo escolar e social do Rio de Janeiro enquanto metáfora de toda a sociedade brasileira. É um conto para ser (re)lido nas suas entrelinhas, pois deixa explícito a construção imagética de uma escola tradicionalista, onde as aulas não eram abertas e aconteciam pelas ordens do professor sem o devido diálogo e nem a aproximação entre o mestre e os alunos. Com efeito, indaga-se o motivo de Curvelo ter denunciado os colegas ao educador, uma vez que os discentes eram comportados e resolviam as atividades, mas tinham um medo terrível dele. Acredita-se que esse receio era devido ao mestre que não apresentava nenhuma motivação, levando-os a não gostarem de estudar e de ir à escola. Ao contrário, Policarpo era muito introspectivo e impunha o que precisava ser feito, pois era fundamental estabelecer o comportamento e a disciplina na sala de aula. Todavia, Pilar deixa claro que aprendeu algo "e, contudo, a pratinha era bonita e foram eles, Raimundo e Curvelo, que me deram o primeiro conhecimento, um da corrupção, outro da delação" (Assis, 2004, p. 141). Esta afirmação, é a rememoração da lição que o aluno, já em fase adulta, aprendeu de tudo o que se passou em sua infância.

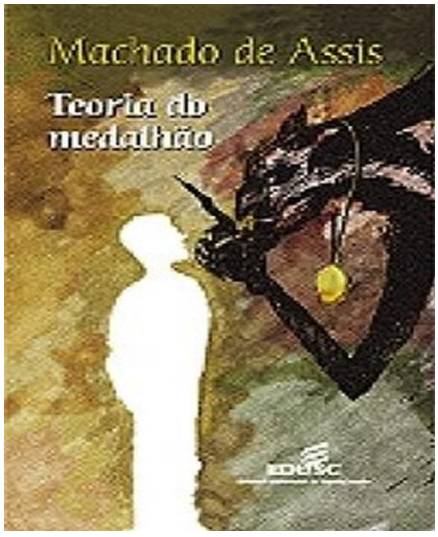
Machado de Assis abordou no conto toda uma crise política e um sistema corrupto. Isso fica claro quando Pilar deixa se corromper pela forma de negociação de Raimundo. Esta, por sua vez, é uma metáfora ao sistema capitalista assim como a passagem da delação de Curvelo por manter uma inveja dos colegas. A narrativa é cometida de outras temáticas como a corrupção e a delação, revelando-nos que tais conceitos que parecem inocentes podem ser tratados ainda em sala de aula de maneira significativa. O autor nos passa a mensagem de que,

na maioria das vezes, algo que poderia parecer pequeno pode se tornar, posteriormente, em algo monstruoso. Por último, a paixão do professor Policarpo pela política. Ele parecia insatisfeito com os fatos e acontecimentos no Brasil, deixando em um segundo plano a educação de seus alunos. Segundo Oliveira (1999), “Machado de Assis se destacou em suas obras ao apresentar a personalidade do ser humano através de seus personagens e as mesmas apresentarem fortes características psicológicas em seus contos”. Na referida narrativa, uma de suas características marcantes é a relação de seus personagens com a escola da época, as atividades em sala, as brincadeiras e o comportamento minucioso do professor Policarpo perante a turma.

O “Conto de escola” é uma referência à escola contemporânea. Os castigos mudaram de nomes ao discriminar o aluno com advertências verbais (é aquela em que o coordenador o chama em particular ou mesmo na frente dos outros alunos). Assim, os indisciplinados podem ficar sem recreio ou reclusão na escola e, se continuar, o responsável será comunicado, podendo ter o cancelamento da matrícula e suspensão. Na atual conjuntura, uma sala que comporta muito discente fica difícil de apenas um professor conduzir a aula com acompanhamento igual a todos os estudantes. Portanto, precisamos de políticas públicas educacionais que pensem no docente como formador de opinião e que mostre o caminho que o estudante deva seguir. É aquele que busca a qualificação para mudar a metodologia em prol da aprendizagem e de uma educação que atenda a demanda do século atual.

2.3. Teoria do medalhão: o realismo social e a educação de classe

Figura 4 - Conto “Teoria do Medalhão”.



Fonte: Google Imagens (2024)

O conto “Teoria do Medalhão” foi publicado, originalmente, por Lombaerts & Cia no Rio de Janeiro em 1882. A história se constrói com um diálogo entre pai e filho no dia do seu aniversário quando Janjão completa vinte e um anos de idade. O pai chama-o para conversar e busca aconselhá-lo sobre como obter prestígio na sociedade. O texto está classificado no grupo de narrativas consideradas como contos-teoria por se tratar das relações sociais que enfatiza os maiores desejos, o interesse e o valor social da pessoa. Bosi (2007, p. 84) reitera que Machado de Assis certifica com a teoria “a certeza pós-romântica de que é uma ilusão supor a autonomia do sujeito” e, por essa razão, é um risco para o próprio sujeito parecer diferente e não integrar numa sociedade que vive de aparências. Segundo o autor, o escritor realista não se limita a uma visão, estritamente social, mas também explora a intuição psicológica ao adotar todo um olhar circunspecto, abrangendo os aspectos típicos das personagens e suas diferenças individuais. Ainda para o crítico, a narrativa vai além da leitura literária, porque Machado de Assis parece reconhecer o antagonismo entre a individualidade e a concordância com as aparências sociais, visto que o conto aborda, em primeiro lugar, as relações sociais e familiares estabelecidas entre pai e filho, em seguida, a que deve manter com as pessoas na sociedade.

O filho Janjão completa a maioridade. Então, é chegada a hora de pensar no futuro, logo, o pai o chama para conversar após o jantar em comemoração aos seus vinte e um anos:

> - Estás com sono?
> - Não, senhor.
> -Nem eu; conversemos um pouco. Abre a janela. Que horas são?
> -Onze.
> - Saiu o último conviva do nosso modesto jantar. Com que meu peralta, chegaste aos teus vinte e um anos.
>
> (Assis, 2004, p. 17).

O pai de Janjão aconselha-o para se tornar um medalhão. O medalhão é aquela pessoa que se destaca na sociedade, sendo percebida por todos nos vários lugares e que a julga importante, o admira e os indivíduos a tem como referência. Tornar um medalhão foi um desejo frustrado do pai no passado:

> (...) ser medalhão foi o sonho de minha mocidade; faltaram-me, porém, as instruções de um pai, e acabo como vês, sem outra consolação e relevo moral, além das esperanças que deposito em ti. Ouve-me bem, meu querido filho, ouve-me e atende. És moço, tens naturalmente o ardor, a exuberância, os improvisos da idade (Assis, 2004, p. 18).

Outra recomendação ao filho foi de mudar os seus hábitos para se tornar um medalhão como não levar tão a sério os seus pensamentos, viver apenas de aparência e ceder a sua real personalidade. Logo, Janjão alcançaria fama e se tornaria notável na sociedade ao usufruir da fama e dinheiro que uma profissão lhe proporcionara. Desejo este irrealizado pelo seu pai que, quando jovem, não teve essa oportunidade. Para Antonio Candido (2011, p. 18), o escritor "recobria seus livros com a cutícula do respeito humano e das boas maneiras para poder, debaixo dela, desmascarar, investigar, experimentar, descobrir o mundo da alma, rir da sociedade, expor algumas das componentes mais esquisitas da personalidade". Assim, a visão de Machado de Assis fornece-nos subsídios para melhor compreender a cultura do século XIX formada por uma sociedade que estava sob o regime Monárquico decadente que, por sua vez, se preocupava mais com os títulos e a aparência do que um trabalho produtivo. De forma bem irônica, deixa claro a maneira de ser de Janjão como sendo uma pessoa de atitudes que todos iriam gostar, mascarando definitivamente a sua personalidade apenas para ser reconhecido e se dar bem na vida sem se esforçar muito.

Machado de Assis descreve, exatamente, a segunda metade do século XIX, mostrando-nos o que ela apresentava de mais profundo, o de não ser verdadeiro, os mascaramentos de uma pessoa para obter prestígio perante a sociedade e o faz de conta, inclusive, do caráter. A leitura do conto deixa lacunas para que o leitor possa concluir a narrativa por ser uma escrita de estilo realista e uma de suas técnicas diegéticas que abordam as questões profundas do ser humano. Ele é incomparável e sua estética é ímpar como é elucidado por Antonio Candido (1995, p. 4) ao afirmar que "num momento em que os naturalistas atiravam ao público assustado a descrição minuciosa da vida filosófica, ele timbrava nos subentendidos, nas alusões, nos eufemismos, escrevendo contos e romances que não chocavam as exigências da moral familiar". A maneira de expor o pensamento era de uma grande habilidade como se ele articulasse cada detalhe pela arte da escrita. Para o crítico literário, Machado de Assis articulou melhor os pares de dialética ao envolver a formação da literatura nacional, destacando-se pela habilidade de saber associar esses pares dialéticos, investigando temas complexos e mostrando a sua visão sobre a sociedade brasileira.

Machado de Assis foi um escritor de linguagem carregada de nuances e ambiguidades. É considerado o marco da literatura realista brasileira ao apresentar muita sofisticação nos seus textos e apresentando inúmeras reverberações. Em relação ao seu estilo, é importante reiterar que,

> Logo que ele chegou à maturidade, pela altura dos quarenta anos, talvez o que primeiro tenha chamado atenção foram a sua ironia e o seu estilo, concebido como "boa linguagem". Um dependia do outro, está claro, e a palavra que melhor os reúne para a crítica do tempo talvez seja a finura. Ironia fina, estilo refinado, evocando noções de ponta aguda e penetrante de delicadeza e força juntamente (Candido, 1985, p. 3).

A forma sarcástica de criticar a sociedade que vive apenas de aparências, pensando só no bem-estar individual ou movida pelo interesse do reconhecimento para se tornar um ícone onde o caráter é deixado para atingir os objetivos foi uma das características de Machado de Assis. Sobre essa estética é importante ressaltar que,

> Compreender o olhar de Machado é pôr-se à escuta de toda uma tradição de análise de comportamentos humanos, ancorada na percepção do amor próprio onipresente, da vaidade, da precariedade, da consciência, da primazia do interesse e do desejo sobre as exigências do dever, ou, usando categorias freudianas, do princípio do prazer sobre o princípio da realidade (Bosi, 2006, p. 121).

A escrita machadiana dá-nos uma aula referente a complexidade e os conflitos internos com o intuito de ora querer dar uma resposta às nossas dúvidas ora quer apenas aconselhar. Ele foi um observador das ações humanas, mostrando a fragilidade e a vaidade como traço universal do sujeito. Por isso, estava sempre vigilante a percepção das pessoas pelo fato de elas mesmas interferirem nas suas escolhas e condutas. A narrativa não possui uma escrita linear. O autor estabeleceu a sua própria estética que faz com que o conto se torne cada vez mais interessante e reflexivo. Utiliza-se da metáfora, da ironia e da analogia para traçar uma crítica a sociedade da época como, por exemplo, nas passagens em que se refere ao "não pertencimento daquela sociedade" e "o contrário do que se quer fazer o destinatário compreender". E, ainda, quando o pai do protagonista utiliza, sarcasticamente, as palavras para aconselhar o filho:

> Uma vez entrado na carreira, deves pôr todo o cuidado nas ideias de nutrir para o uso alheio e próprio. O melhor será não as ter absolutamente; coisa que entenderás bem, imaginando, por exemplo, um ator defraudado do uso de um braço. Ele pode, por um milagre de artifício, dissimular o defeito aos olhos da plateia; mas era muito melhor dispor dos dois. O mesmo se dá com as ideias; pode-se, com violência, abafá-las, escondê-las até a morte; mas nem essa habilidade é comum, nem tão constante esforço conviria ao exercício da vida (Assis, 2004, p. 18-19).

O conselho do pai não expõe a sua opinião para não contrariar a pessoa. A atitude mais correta seria calar para obter *status quo* do medalhão. Nas palavras do autor, o pai dá todo um

aparato de conselhos e da ganância para obter sucesso em uma sociedade, onde o ter fala mais alto do que o ser. Dessa maneira, percebe-se o genitor comentar também que ele somente vai se destacar na sociedade e ter prestígio quando tiver por volta dos quarenta e cinco ou cinquenta anos, pois "esse madrugar é privilégio de gênio" (Assis, 2004, p. 18). Nesta frase, nota-se que o pai insiste que, quanto mais cedo começar a se destacar na sociedade e ser notado, mais se terá êxito.

A intensa crítica que Machado de Assis menciona em relação a sociedade em que vive de aparências, onde o sujeito é levado pela ambição, está correlacionada com a individualidade. Em comparação com o momento atual, essa aparência está exposta nas mídias digitais como o *facebook* e *instagram*, demonstrando-se uma vida perfeita com postagens de pessoas felizes e bem vestidas. Será que a essência está em consonância com a aparência? Pensa-se que não, porque as redes sociais tentam fazer com que acreditamos no que é postado, mas há um mundo real que ultrapassa essa rede tecnológica. Segundo Maingueneau (2006, p. 92), isso implica "os processos criadores a alimentar-se de lugares, grupos e comportamentos que são tomados num pertencimento impossível" que, em comparação com o conto, esta era uma maneira para o filho Janjão se tornar um medalhão. Ainda em tom irônico, o pai emprega uma linguagem com falta de nexo típica dos intelectuais da época, abordando uma insatisfação do autor com a ausência de capacidade de algumas pessoas da sociedade de seu tempo:

> Melhor do que tudo isso, porém, que afinal não passa de mero adorno, são as frases feitas, as locuções convencionais, as fórmulas consagradas pelos anos, incrustadas na memória individual e pública. Essas fórmulas, têm a vantagem de não obrigar os outros a um esforço inútil. Não as relaciono agora, mas fá-lo-ei por escrito. De resto, o mesmo ofício te irá ensinando os elementos dessa arte difícil pensar o pensado. Quanto à utilidade de um tal sistema, basta figurar uma hipótese. Faz-se uma lei, executa-se, não produz efeito, subsiste o mal. Eis aí uma questão que pode aguçar as curiosidades vadias, dar ensejo a um inquérito pedantesco, a uma coleta fastidiosa de documentos e observações, análises de causas prováveis, causas certas, causas possíveis, um estudo infinito das aptidões do sujeito reformado, da natureza do mal, da manipulação do remédio, das circunstâncias da aplicação; matéria, enfim, para todo um andaime de palavras, conceitos e desvarios. Tu poupas aos teus semelhantes todo esse imenso aranzel, tu dizes simplesmente: Antes das leis, reformemos os costumes! – E esta frase sintética, transparente, límpida tirada ao pecúlio comum, resolve mais depressa o problema, entra pelos espíritos como um jorro súbito de sol (Assis, 2004, p. 20-21).

Neste trecho, podemos destacar o ponto de vista do autor em relação a repetição de ideias por um discurso vazio, sem sentido e irreflexivo. No conselho do pai, recorre-se ao termo "todo um andaime de palavras, conceitos e desvarios" (Assis, 2004, p. 20) carregado de uma

superficialidade apenas para agradar, já que utiliza da ironia com o objetivo de se apresentar benevolente e o suficiente diante da sociedade. Isso quer dizer que,

> o escritor, numa determinada sociedade, não é apenas o indivíduo capaz de exprimir a sua originalidade (que o delimita e o especifica entre todos), mas alguém desempenhando um papel social, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores ou auditores. A matéria e a forma da sua obra dependerão em parte da tensão entre as veleidades profundas e a consonância ao meio, caracterizando um diálogo mais ou menos vivo entre criador e público (Candido, 2006, p. 83-84).

Neste sentido, é notável que Machado de Assis foi um observador assíduo da sociedade, documentando tudo o que viu, pois esta é uma das formas de se aproximar com o meio social. Esta aproximação busca nivelar com o público em questão, porque o autor necessita de uma sociedade para expor a sua visão acerca do que está acontecendo. Desta forma, pode-se pensar que a literatura não existe sozinha, ela é adaptada pelo vínculo entre o escritor e seu público. Em relação ao conto, essa argumentação se aproxima ao objetivo maior do pai de Janjão, o de torná-lo aquilo como ele gostaria de ser perante as pessoas. Ele faz apontamentos de como deve se comportar perante os demais como falar pouco e o vocabulário deveria ser limitado e nada de ter ideias novas. Dessa maneira, se tivesse uma conduta dentro dos parâmetros da época, ele conseguiria o famoso título de medalhão. Outra questão apontada pelo pai é a importância da publicidade para ser admirado, sobretudo, de ser uma figura marcante:

> - Não te falei ainda dos benefícios da publicidade. A publicidade é uma dona loureira e senhoril, que tu deves requestar à força de pequenos mimos, confeitos, almofadinhas, coisas miúdas, que antes exprimem a constância do afeto do que o atrevimento e a ambição. Que D. Quixote solicite os favores dela mediante ações heroicas ou custosas, é um sestro próprio desse ilustre lunático. O verdadeiro medalhão tem outra política. Longe de inventar um Tratado científico da criação de carneiros, compra um carneiro e dá-o aos amigos sob a forma de um jantar, cuja notícia não pode ser indiferente aos seus concidadãos. Uma notícia traz outra; cinco, dez, vinte vezes põe o teu nome ante os olhos do mundo (Assis, 2004, p. 21-22).

O pai deixa claro as vantagens da publicidade ao filho, reforçando sempre a maneira de agradar e aproximar as pessoas para se ter vantagem, visto que que era proposital o pai mostrar um caminho fácil que o filho deveria seguir. Outra característica era ser/parecer um bonachão, procurar dar banquetes aos amigos e dar mimos, pois agindo assim seria visto e admirado por todos. O propósito do pai era condicioná-lo para que se tornasse benevolente para com todos, mas com o propósito de alcançar a amizade e se dar bem, até porque, quanto maior o círculo de

amizades seria melhor a sua posição na alta classe. A política também faria parte da rotina de Janjão, pois era interessante não ser inovador e procurar atender sempre os interesses do outro quando afirma que "toda questão é não infringir as regras e obrigações capitais. Podes pertencer a qualquer partido, liberal ou conservador, republicano ou ultramontano, com a cláusula única de não ligar nenhuma ideia especial e esses vocábulos, e reconhecer-lhe somente a utilidade (Assis, 2004, p. 23). Com esse pensamento político, o pai explica que não deveria infringir as ideias capitalistas, aconselhando-o a se envolver em algum partido político e seguir aquilo que ele pregava a fim de continuar com a mesma ideologia.

A conversa do pai com o filho é de convencê-lo de que deveria viver bem, socialmente, levando em consideração o ponto de vista da outra pessoa. O propósito maior era torná-lo um medalhão, já que, quando chegasse a velhice, ganharia prestígio social e riqueza. Todavia, para chegar a tal ponto, teria que se envolver com cidadãos de *status* como os políticos e frequentar lugares de respeito. Além do mais deveria usufruir de todas as chances para ter desenvolvimento social e poder se tornar um medalhão. Então, segue-o aconselhando ao convidar então os seus "melhores amigos, os parentes, e se, for possível, uma ou duas pessoas de representação. Mais. Se esse dia é um dia de glória ou regozijo, não vejo que possas, decentemente, recusar um lugar à mesa aos repórteres dos jornais" (Assis, 2004, p. 22). Logo, fica explícita a vontade do pai de viver de aparências, além de constatar que o círculo de amizades era para representá-lo, porém seria composto de pessoas importantes como a presença de repórteres porque este publicaria em todos os jornais. Ademais, ressalta que as conclusões do filho poderiam dá-lo uma vida social de destaque:

> (...) proíbo-te que chegues a outras conclusões que não sejam as já achadas por outros. Foge a tudo que possa cheirar a reflexão, originalidade etc. etc.
> - Também ao riso? – Como ao riso? – Ficar sério, muito sério...
> - Conforme. Tens um gênio folgazão, prazenteiro, não hás de sofrer-lo nem eliminá-lo; podes brincar e rir alguma vez. Medalhão não quer dizer melancólico (Assis, 2004, p. 24).

O pai alerta o filho sobre a sociedade que já possui um determinado paradigma e que não deve ser mudado. Perante isso, o melhor era afastar-se de coisas novas, já que o certo era viver com o que se tinha porque poderia sofrer algum resultado, impedindo de alcançar o medalhão, o tão sonhado desejo da família. Outra característica que enaltece a alma de Janjão era o devido reconhecimento social e os elogios, pois "o seu ar pesadão e cru de substantivos desajeitados, e tu serás o adjetivo dessas orações opacas, o odorífero das flores, o anilado dos céus, o prestimoso dos cidadãos, o noticioso e suculento dos relatórios. E ser isso é o principal,

porque o adjetivo é a alma do idioma, a sua porção idealista e metafísica" (Assis, 2004, p. 23). A adjetivação concedida só reforça o poder que a fisionomia pode levar a uma pessoa. No século XIX, o país estava vivendo a questão da aparência social, modelo vivido pela Europa e que o Brasil procurava imitar de alguma forma durante o Segundo Império e a Primeira República.

À medida em que se lê o conto, percebemos que essa temática é bastante atual. O conto foi escrito no ano de 1881 e aborda, exatamente, as questões da sociedade contemporânea em que os sujeitos procuram obter sucesso a todo custo como, por exemplo, o desejo de alcançar o maior número de *likes* em uma postagem nas redes sociais. Vasconcelos (2015, p. 99) afirma que esse ato de ler o passado e associar com o presente "busca despertar no leitor o senso crítico em relação à sociedade que vive de aparências e é manipulada pelos vários medalhões". Machado de Assis ousou ao escrever o conto. Ele foi, extremamente, cuidadoso. É como se ele estivesse sentindo como a sociedade brasileira seria nos tempos modernos, colocando-a no jogo do visível e do invisível. Qual é o mais nítido? Aparência ou essência? O exterior, sem dúvida, porque as redes sociais fazem com que acreditamos no que é postado, como se fosse a realidade. Nessa perspectiva, Proença (2001, p. 10), afirma que há no texto a "polissemia e universalidade, portanto, é o que permite que o texto seja atual e permaneça. É o caso de Machado de Assis".

Adentrar na leitura de "Teoria do Medalhão" é como se vivêssemos naquela sociedade por estar voltada para o aparecer de qualquer forma. Essa maneira de se destacar pode ser um bem móvel ou imóvel, assim como uma roupa ou uma viagem. É estar entre os cliques das redes sociais, onde os valores estão em um segundo plano. De acordo com Aguiar (2015, p. 9),

> Machado de Assis viveu num tempo em que o Brasil não era o país do futebol. Nem do samba. Nem da pizza. Nem do jeitinho. Era um tempo diferente, e as pessoas se viam de maneira diferente também. Até porque a identidade do país e do povo, essa história de o que é ser brasileiro, ainda estava se formando. Estávamos começando a pensar em nós como um país independente, que tinha de tomar decisões próprias em relação a si mesmo e saber como lidar com a sua situação no mundo.

A narrativa machadiana retrata a sociedade da sua época. Entretanto, parece que estava olhando para posterioridade como a comunidade de hoje. É como se o autor pressentisse o que iria acontecer no tempo em que o Brasil estava dando os seus pequenos passos para ter a sua independência. Vasconcelos (2015, p. 99) reitera que,

> O ensinamento, ou a educação, nesta narrativa é posto da forma mais comumente utilizada na sociedade, de pai para filho. O pai, através das suas

> experiências, tenta ensinar ao filho o que sabe, mas, mesmo que informalmente e fora do ambiente escolar, os papéis exercidos não se fazem diferentes. O pai se coloca no papel de mestre-escola: apenas ele fala e impõe seus conhecimentos e conselhos a serem seguidos. O filho, Janjão, por sua vez, é o aluno que escuta, sem mais questionamentos, aceitar o que lhe é imposto, mesmo que não seja essa a sua vontade.

É relevante salientar que a experiência exerce um papel importante no sujeito, pois é de praxe ver pessoas mais velhas ensinando e dando exemplos aos mais jovens. É através dele que o conhecimento é propagado de uma geração a outra. Nesse construto, vê-se o pai dando aula ao filho, mas com um estilo de pensamento que persuade o filho para que possa seguir a vida sem sofrimento e com enormes vantagens. Logo, podemos perceber que os ensinamentos estão voltados para o parecer numa sociedade e, ainda, a favor de uma boa imagem a qualquer custo, porque o pai quer se realizar no filho, uma vez que os seus ideais foram frustrados no passado. O filho não tem outra saída a não ser aceitar as imposições carregadas de argumentos e com as várias maneiras de como se dar bem em uma comunidade sem muito esforço ou apenas para obter prestígio social e servir de referência para as pessoas, apresentando-se como um ótimo sujeito aos olhos dos outros e desta maneira usufruir do melhor. Isso bastava para o pai, pois ao morrer seria sempre lembrado, "entretanto, assim como é de boa economia guardar um pão para a velhice" (Assis, 2012, p. 6). Assim, transfere ao filho o que passou para que ele entenda e siga suas sugestões. Usa-se de todas as artimanhas necessárias a fim de convencer Janjão a se tornar um medalhão ao deixar explícito que "é difícil, come tempo, muito tempo, leva anos, paciência" (Assis, 2004, p. 15). No entanto, se tiver calma, alcançará tudo que um homem poderá usufruir da posição social e finaliza dizendo que "rumina bem o que te disse, meu filho" (Assis, 2004, p. 24).

O conto "Teoria do medalhão" traz uma forma de educação ou de ensinamentos focada na posição social ou da vivência de privilégios dentro de uma sociedade de classe. Conforme Saviani (2008, p. 12), "a educação ocorre em diferentes contextos". Nesse cenário, a prática do pai para com o filho faz-se de uma maneira informal ao afirmar que,

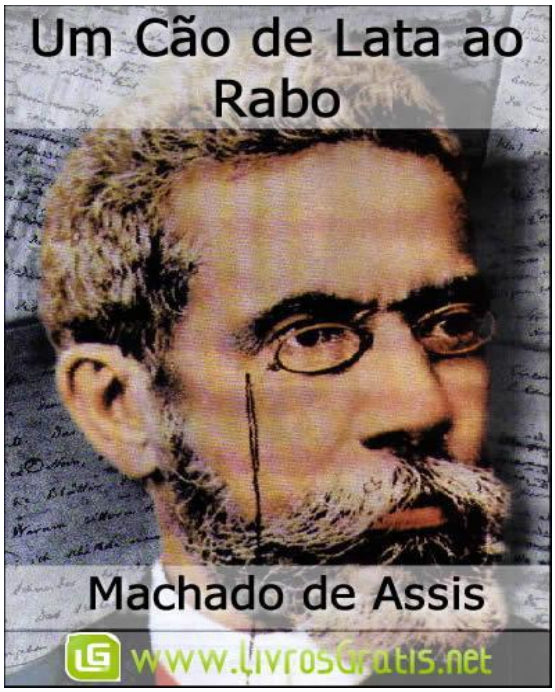
> (...) não é só através dela que se educa; educa-se através de múltiplas formas, através de outras instituições, como os partidos, os sindicatos, associações de bairro, associações religiosas, através de relações informais, da convivência, dos meios de comunicação de massa [...]. Portanto, há múltiplas formas de educação, entre as quais se situa a escolar. Segundo essa tendência, a escola não é a única nem mesmo a principal forma de educar; há, até mesmo, aqueles que consideram a escola negativa, do ponto de vista educacional, o que foi formulado explicitamente pela proposta de desescolarização, cujo principal mentor foi Ivan Illich (Saviani, 2008**,** p. 97).

É importante salientar que tal prática acontece entre pai e filho, avô e neto e também na sala de aula em que o professor, por meio de várias estratégias de ensino, tenta mostrar ao aluno que o melhor caminho para se beneficiar na vida não é alcançar o êxito de qualquer forma e sim de buscar os seus objetivos pela educação. O docente aborda a importância de estudar. O sujeito que procura ampliar os seus conhecimentos é visto com um exemplo impactante para os demais, já que, ao seguir os conselhos do mestre, vai garantir um futuro promissor.

2.4. Um cão de lata ao rabo: a educação pelos manuais retóricos

O estudo do conto "Um cão de lata ao rabo", de Machado de Assis, tem-se como base a tese de doutorado de Alessandra Maria Moreira Gimenes (2014) pelo fato de se aproximar a análise literária e, como processo dialógico e inovador por parte desta pesquisa, é proposto essa relação com a narrativa escolar com o modelo de educação vigente no século XIX. A ação se passa em uma escola de primeiras letras, nome este dado ao se referir a primeira fase do ensino fundamental (1º ao 5º ano), localizada em Chapéu d'Uvas, uma região mineira que, no ano de 1745, fazia parte do município de Juiz de Fora. O conto foi publicado no jornal *O Cruzeiro* em 2 de abril de 1878 e, posteriormente, no ano de 1937, fazendo-se parte do conteúdo da coletânea *Páginas recolhidas*:

Figura 5: "Um Cão de Lata ao Rabo", de Machado de Assis.



Fonte: Google Imagens (2024).

O enredo trata-se de um campeonato de redações em que o narrador é o protagonista da história. O seu nome não é mencionado na narrativa assim como o de seu mestre. O concurso de redações foi uma metodologia aplicada pelo professor para aprimorar a aprendizagem de produção textual e de oratória dos alunos. A temática oferecida não tinha nenhuma afinidade com o conteúdo da época, sendo então um assunto bem inusitado, mas o docente deu dicas para produzir os textos, já que "o assunto é este: - UM CÃO DE LATA AO RABO[6]. Quero vê-los brilhar com opulências de linguagem e atrevimentos de ideia. Rapazes, à obra! Clara é que cada um pode apreciá-lo conforme o entender" (Assis, 2015, p. 207). Em relação ao protagonista, pode-se dizer que ele "às vezes escondida atrás das vozes das demais personagens, expondo a vontade de pôr ante nossos olhos situações passadas ou imaginárias" e, ainda, que o narrador parece-nos demonstrar o dever de "fazer-nos conhecer palavras e pensamentos de outrem" (Câmara, 1999, p. 25). Em outros momentos da narrativa, as suas ideias pareciam falar mais alto, como a cena em que fazia parte do júri eleito pelo mestre com a incumbência de selecionar as melhores redações, de "um júri, de que eu fiz parte" (Assis, 2015, p. 207).

Machado de Assis convida-nos a pensar sobre a arte de escrever pelo fato de esta nos levar a excelência como podemos constatar no trecho quando diz que "folgareis certamente como caso que deixo narrado, embora não possa o apoucado e rude estilo do vosso condiscípulo dar ao quadro os adequados toques" (Assis, 2015, p. 218). Neste contexto, o autor também se refere aos alunos que apresentam habilidades literárias, mas de certa maneira limitada quando ele menciona o vocábulo "condiscípulo" ao longo do exercício da escrita, já que podem alcançar competência literária. Os sete alunos se inscreveram para o concurso. Todavia, não é mencionado o total de estudantes da sala de aula da escola de Chapéu d'Uvas, porém somente três foram selecionados conforme testemunha o integrante do júri ao comunicar o resultado:

> Nós os classificamos pela ordem do mérito e do estilo. Assim, temos:
> 1º Estilo antitético e asmático.
> 2º Estilo ab ovo.
> 3º Estilo largo e clássico.
>
> (Assis, 2015, p. 208).

O primeiro, denominado de estilo antitético e asmático, corresponde ao uso da segunda voz da narrativa na construção do gênero discurso proposto. O aluno desenvolveu seguindo as normas, precisamente, orientadas pelo mestre e, como resposta, elaborou "um dos textos mais

[6] Grifos do autor.

elevados em língua portuguesa para assinalar em estilo vibrante a vacuidade de tudo, a excelsitude do nada" (Lucas, 2009, p. 79). Para este autor, há no conto uma predominância de estilos literários da época, "a fim de pontuar o excesso de mentalidade retórica" que prevalecia na literatura, pois tratava de "uma coleção de disparates filosóficos", bem como "uma saraivada de jogos cênicos, de palavras, de conceitos e contrastes", sobretudo, de "uma crítica ao Condoreirismo, em que defrontam o cão e o furacão" (Lucas, 2009, *apud* Gimenes, 2014, p. 64-79). O personagem parece-nos que veio mostrar o estilo do exagero, o vazio na arte e na metodologia escolar como mostra o duelo entre o cão e o furacão:

> De repente, ouviu-se um estouro, um gemido, um grito de triunfo. A poeira subiu, o ar clareou, e o terreno do duelo apareceu aos olhos do homem estupefato. O cão devorava o furacão. O pó vencerá o azul. O mínimo derrubava o máximo. Na fronte do vencedor havia uma aurora; na do vencido negrejava uma sombra. Entre ambas jazia, inútil, uma coisa: a lata (Assis, 2015, p. 212).

O estilo da redação antiético e asmático sugerido pelo professor parece ser uma temática estranha à primeira vista, apesar de se tratar de cunho literário para a época. Machado de Assis foi perspicaz ao fazer cada crítica a tudo que ele compôs. Percebe-se, no fragmento supracitado, expressões contraditórias como o "mínimo derrubava o máximo". Logo, durante a escrita dessa redação subentende-se que o redator estava com falta de ar (asmático), mas ela corresponde a simbologia da escrita sufocante, exprimindo-se as palavras sem a devida significação:

> O céu esse transparente manjar ao alcance dos impetuosos. Quando uns jantam e outros jejuam; quando, em oposição às toalhas da casa nobre, há os andrajos da casa pobre; quando em cima as garrafas choram *lacrima-chisti*, (grifos do autor) e em baixo os olhos choram lágrimas de sangue, Deus inventou um banquete para a alma (Assis, 2015, p. 209).

O emprego da figura de linguagem prosopopeia em "O céu esse transparente manjar ao alcance dos impetuosos/as garrafas choram *lacrima-chisti*" reforçam essa ideia da utilização de dois modelos da oratória grega como o ático e o asiático, salientando que a influência grega era um estilo de linguagem mais elaborada. Por meio de sua habilidade literária, Machado de Assis consegue mesclar elementos da tradição grega com a sua excentricidade para prender a atenção do leitor e este poder mergulhar em sua narrativa. Segundo Brandão (1988, p.20) as escolas brasileiras empregavam a retórica clássica "na alfabetização das crianças", e em seguida, no "ensino das humanidades". Era de praxe referenciar autores como Cícero, Horácio e Aristóteles, nas redações para fortalecer o poder da oratória e da argumentação textual. O escritor realista

teve como fonte inspiradora os manuais escolares da época que abordavam então os cânones da Grécia antiga. Neste contexto, a retórica exercia um papel fundamental, uma vez que,

> (...) o termo *asiaticus* parece ocorrer pela primeira vez em Cícero a fim de designar o estilo enfático e pomposo que vinha se impondo a Roma, em oposição à escola oratória neoática. Em Quintiliano (XII, 10, 17), asianismo, refere-se ao estilo não ordenado, e bombástico dos gregos da Ásia Menor. Numa Grécia não livre, a oratória perde força como instrumento jurídico e político. Ausente a delimitação que a tarefa cidadã lhes impunha, os oradores transbordam sua eloquência para além dos limites da causa e fazem do discurso uma exibição de efeitos com intenções puramente estilísticas. Dentre os principais defeitos atribuídos aos oradores asiáticos estavam a valorização dos dons naturais em detrimento ao estudo, a ordem artificial das palavras na oração, o abuso de figuras e metáforas, a prolixidade, a busca obsessiva por frases de efeito (*sententiae*), o vocabulário impróprio, a veemência de gestos, o caráter patético (Vasconcelos, 2005, *apud* Gimenes, 2014, p. 47).

A *Institutio* oratória, de Quintiliano, publicada em 95 a. C., é considerada uma das mais importantes referências da educação da Antiguidade clássica. Nesta perspectiva, "a retórica é tomada por Quintiliano como doutrina geral da educação", apresentando duas vertentes, sendo a "a primeira a de combater tendências contemporâneas da oratória e do ensino correspondente, às quais destoavam fortemente do seu ideal oratório"; e a segunda vertente, a de sintetização a tradição secular do ensino da retórica, criando um manual de retórica tradicional, mas também "um manifesto crítico do ensino contemporâneo da oratória" (Vasconcelos, 2005, p. 13). No século I a.C., Quintiliano alertava para os abusos nos empregos da retórica, no estilo asiático e nos "discursos pomposos, mas sem coesão e sem argumentação coerente", bem como criticava a eloquência exagerada dos oradores seus contemporâneos, considerada por ele viciosa. Neste contexto, Vasconcelos (2005, *apud* Gimenes, 2014, p. 29) reitera que, "na verdade, "asianismo" foi sempre empregado de modo puramente negativo, como conceito contrário ao de aticismo (...) visto que o estilo ático, cujo exemplo canônico era Demóstenes, foi tomado como padrão clássico da eloquência, asianismo também passou a significar o oposto de classicismo".

O estilo asianismo ou asiático durante o Império era chamado de estilo corrupto, similar ao que Quintiliano pregava em relação aos excessos de linguagem, tendo-se como representante Demóstenes (384 a.C.), cuja oposição representava diferenças na forma de expressão e retórica. Em relação ao conto "Um cão de lata ao rabo", é possível notar a recusa da voz autoral e similar aos abusos com a linguagem e metodologias de ensino das escolas do século XIX. No entanto, "muitas expressões que nestes não passavam de formas descritivas ou observações sobre realidades de seu tempo assumiram nos manuais do século XIX papel de verdades eternas" (Brandão, 1988, p. 45). Assim, a primeira redação de estilo antiético e asmático, apresenta-se

ao lado do maior representante e grande orador que foi Demóstenes que era contrário ao molde asiático, destacando-se pela organização de seus discursos por ter uma linguagem acessível e coesa, enquanto os fatos explanados procediam uma estrutura direta.

Ao contrário do que pregava na época, o autor utilizou na primeira redação referenciais renomados e que faziam parte da educação daquele período. Os recursos didáticos utilizados elevavam os cânones da Grécia antiga que tinham como finalidade o princípio da formação. A retórica era o papel principal para a formação dos alunos. Assim, a persuasão era na Grécia de Demóstenes e na Roma de Quintiliano, "herdeiro do ideal ciceroniano de orador" e "o magno poder de constituir cidades, conduzir povos, instituir leis" que,

> Para cumprir esta missão civilizadora o orador deveria aprender uma retórica que não só lhe desse os conhecimentos necessários à sua ação política, mas ainda que fortalecesse o seu caráter. Assim, na Institutio oratória os preceitos de formação do orador passam a valer como preceitos de formação do cidadão e, genericamente, do homem (Vasconcelos, 2005, *apud* Gimenes, 2014, p. 14).

Tais preceitos de formação existiam nos manuais da época e nas ações dos mestres-escolas do Brasil do século XIX. A retórica e seu caráter formativo apresentavam três atributos como "o de deleitar, instruir e mover, através dos quais se efetivam três modos básicos do relacionamento humano que ia desde uma atitude desinteressada até uma relação de poder" (Brandão, 1988, p. 55). Com os três textos destinados aos alunos, o mestre-escola tinha como objetivo maior despertar vocações e formar sujeitos para a oratória, por ser uma das prioridades do aprender. Nesta perspectiva, Silvio Romero (*apud* Brandão, *apud* Gimenes, 2014, 1988, p. 56) menciona que, "no Brasil, mais ainda que noutros países, a literatura conduz ao jornalismo e este à política, que no regime parlamentar e até no simplesmente representativo, exige que seus adeptos sejam oradores. Quase sempre as quatro qualidades andam juntas: o literato é jornalista, é orador e é político". Portanto, dominar a eloquência era de suma importância na sociedade, e no campo literário, era "o lugar de encontro dos interesses sociais como repositório de conhecimentos, como sistema de valores e instrumentos de ação" (Brandão, 1988, p. 55). Neste sentido, deixa explícito o motivo de aguçar os alunos à prática da retórica, selecionando as três redações que abusaram das estratégias do estilo proposto pelo mestre de Chapéu d'Uvas.

A redação que ficou em segundo lugar foi a de estilo Ab ovo. Para o autor Lucas (2009, *apud* Gimenes, 2014, p.55) era um modelo que tinha "mais crítica, alveja o óbvio, o distingo vicioso dos escolásticos e das suas particularidades". Logo, era intencional Machado de Assis recorrer a esse modelo de educação a fim de satirizar as Escolásticas determinadas pela divisão entre fé e razão. Abordou, ainda, os filósofos antigos e os autores da Grécia, Roma e as Sagradas

Escrituras que são fontes essenciais para a meditação como mostra os seguintes argumentos comprováveis desta segunda produção:

> Que os meninos antigos brincavam, e de modo vário, é ponto incontroverso, em presença dos autores: Varrão, Cícero, Aquiles, Aulo Gélio, Suetônio, Higino, Propércio, Marcial falam de diferentes objetos com que as crianças se entretinham, ou fossem bonecos, ou espadas de pau, ou bolas, ou análogos artifícios. Nenhum deles, entretanto, diz uma só palavra do cão de lata ao rabo. Será crível que, se tal gênero de divertimento, houvera entre romanos e gregos, nenhum autor nos desse alguma notícia, quando o fator de haver Alcibíades cortado a cauda de um cão seu é citado solenemente livro de Plutarco? (Assis, 2015, p. 215-216).

O trecho retrata sobre as variadas maneiras de os meninos brincarem naquele período. Faz-se questionamentos se foi possível a existência desse tipo de brincadeira entre romanos e gregos sem ao menos nenhum autor ter falado antes. Machado de Assis analisa esse tema de forma original e profunda, manifestando acerca das formas de estilos literários. De acordo com Lucas (2009, *apud* Gimenes, 2014, p.80), esse "o processo é cumulativo, praticamente infinito, eis que o último argumento diz tudo: Assim explorada a origem de uso, entrarei no exame do assunto que... (não houve tempo para concluir)". Logo, essa é uma ação típica das redações escolares. Machado de Assis caricaturou bem o insofreável dependente das abonações, ou seja, na construção difícil e infinita desse recurso, o aluno não conseguia finalizar e nem seguir a metodologia proposta. Mesmo não conseguindo alcançar o propósito, o estudante foi nomeado pelo júri como segundo finalista. A escola trabalhava com obras de autores clássicos, por isso, o método adotado poderia parodiar a obra do autor clássico.

Na teoria literária, a expressão "Ab ovo" é empregada para delinear a narrativa desde o nascimento do protagonista. Essa temática pareceu bastante pertinente, pois foi a da redação classificada em segundo lugar. De origem latina, a terminologia foi retirada, segundo Rónai (2015), da *Epístola aos Pisões*, de Horácio. Nesta obra, o filósofo orienta aos poetas a ter uma precaução com a sua escrita ao mencionar, em relação a poesia, certa reprovação pela falta de coerência, coesão e conexão das ideias:

> Outrossim, empregando-se delicada cautela no encadeamento das palavras, um termo surrado, graças a uma ligação inteligente, lograr aspecto novo, o estilo ganhará em requinte. Se acaso ideias nunca enunciadas impuseram a criação de expressões novas, será o caso de forjar termos que não ouviram os Cetegos de túnica cintada. Tomada com discrição, tal liberdade será consentida e palavras novas em folha terão curso quando pingarem da bica grega, numa derivação parcimoniosa (Horácio, 1997, p. 56).

O autor chama atenção para a relevância, a criação e a seleção das palavras por ser um dos fatores enriquecedores da escrita. A liberdade de criar é uma maneira de aperfeiçoar o texto. O autor romano deixa claro, em relação aos escritos do texto poético que, sem dúvida, parecem auxiliar ao mestre-escola de Chapéu d'Uvas quando menciona:

> Vocês, que escrevem, tomem um tema adequado às suas forças; pondere longamente o que seus ombros se recusem a carregar, o que aguentem. A quem domina o assunto escolhido não faltará eloquência, nem lúcida ordenação. A força e a graça da ordenação, se não me engano, está em dizer logo o autor do poema enunciado o que se deve dizer logo, diferir muita coisa, silenciada por ora, dar preferência a isto, menosprezo `aquilo (Horácio, 1997, p. 56).

Assim como na primeira, o aluno não conseguiu terminar a segunda redação que, mesmo assim, foi classificado, deixando explícito que ele conseguiu contemplar aquilo que o mestre designará enquanto retórica e as suas exuberâncias na escrita. Neste contexto, o do século XIX, tanto as escolas como os professores e escritores tinham como referência os autores clássicos para o ensino da oratória com o objetivo de ingressarem os filhos na elite e com um cargo do poder. Por isso,

> Tributários não apenas de Aristóteles, mas também de outros teóricos antigos, Horácio, Cícero, Longino, Quintiliano, esses manuais sintetizaram um momento de longo e lento processo de enrijecimento das primitivas reflexões sobre a literatura. A crença na possibilidade de disciplinar a força criativa interior, isto é, o talento ou o engenho, através da habilidade técnica fornecida pela arte (conceito latino que traduz a palavra grega techné) estava na origem dos manuais e representava, em princípio, um esforço da razão por encontrar explicações para a natureza e o funcionamento da obra literária. Do ato de reflexão, que cria um conhecimento, à transmissão deste em forma de preceito ou regra foi um passo que a escola se encarregou de dar. Integrados no processo escolar, aqueles manuais passaram por trabalho de simplificação e de diluição dos antigos conceitos, transformando-os em leis rígidas e permanentes (Horácio, 1997, *apud* Gimenes, 2014, p. 54).

Os manuais representavam assim o avanço gradativo das reflexões acerca da literatura e estavam agregadas às escolas, sendo considerados uma das regras severas que deveriam ser seguidas. Uma delas foi o fato de o professor propor concurso de redação e ninguém argumentar ao contrário. De acordo com Soares (2004, *apud* Gimenes, 2014, p. 54), a disciplina da língua portuguesa começou a fazer parte dos currículos das escolas brasileiras no fim do século XIX,

> Desde, pois, a reforma pombalina, e até fins do século XIX, estudos relativos à Língua se fizeram nestes dois conteúdos, que hoje denominamos

> "disciplinas curriculares": gramática e retórica. Na verdade, de uma forma mais genérica, esses dois conteúdos prevaleceram do século XVI ao século XIX, na área de estudos da língua (Soares, 2004, *apud* Gimenes, 2014, p. 161).

Nesta perspectiva, a gramática foi inserida no ensino após aceitação pelo Colégio de Pedro II, cuja sede ficava no centro do Rio de Janeiro. Sua função era ampliar esse estilo de educação para as demais escolas que, de maneira gradativa, deram origem ao Império já em meados do século XIX. Soares (2004) diz que,

> Assim, quando em 1837 foi criado no Rio de Janeiro o colégio Pedro II, que se tornou, durante décadas, o modelo e padrão para o ensino secundário no Brasil, o estudo da língua portuguesa foi incluído no currículo sob a forma das disciplinas retórica e poética, abrangendo esta a literatura; curiosamente, só no ano seguinte, em 1838, o regulamento do colégio passa a mencionar a gramática nacional como objeto de estudo .Testemunham a presença dessas disciplinas no currículo das escolas os livros didáticos publicados na segunda metade do século XIX: são gramáticas e manuais de retórica (Soares, 2004, *apud* Gimenes, 2014 p. 163).

A criação desta instituição teve um impacto importante na constituição do magistério público no Brasil. Um colégio mantido pelo governo federal que serviu de modelo para todo o ensino brasileiro até meados do século XX. O propósito era formar uma elite capacitada para exercer cargos na administração pública. O colégio era um grande influenciador dos liceus e outras instituições particulares.

A redação classificada em terceiro lugar, a de estilo largo e clássico, tinha a linguagem precisa e persuasiva, utilizando-se de termos raros como "catadas a dedo para luzir, verdadeiros pedregulhos do estilo" (Lucas, 2009, *apud* Gimenes, 2014, p. 80) e, ainda,

> Larga messe de louros se oferece às inteligências altíloquas, que, no prélio agora encetado, têm de terçar armas temperadas e finais, ante o ilustre mestre e guia de nossos trabalhos; e porquanto os apoucamentos do meu espírito me não permitem ajustar com glória, e quiçá me condenam a pronto desbaratamento, contento-me em seguir de longe a trilha dos vencedores, dando-lhes as palmas da admiração (Assis, 2015, p. 216).

O modelo de educação abordado por esse estilo teve como propósito ampliar a beleza do texto pelas referências clássicas. A crítica machadiana parece-nos direcionar a mitologia grega e também aos ideais da escola literária do Parnasianismo, a qual trabalhava a técnica da arte pela arte. Nesta, buscava-se a perfeição nas formas estéticas, e a criação se dava sozinha não tendo o dever com o mundo, cujo atributo do texto era a impessoalidade ou de apresentar o ponto de vista do autor referente aos acontecimentos. O texto apresenta o uso de uma língua

rebuscada e a linguagem culta direcionada a perfeição da escrita com a utilização da sonoridade e da significação das palavras. Mesmo recorrendo às palavras que eram pouco comuns e usadas nas redações, foi nela que se tratou de todo o clímax da narrativa, surgindo o abrandamento do cão, com a lata acoplada ao rabo ou de "um mancebo" que "apascoava o seu gado" (Assis, 2015, p. 217).

Outro trecho que merece destaque é "com o cajado ao ombro, e sentado num pedaço de rochedo, manuseava um tomo de Virgílio, seguindo com o pensamento a trilha daquele caudal engenho[7]". Percebe-se que o texto faz referência ao poeta romano Virgílio, autor de *Eneida*, obra que, segundo Brandão (1988), faziam parte dos manuais da época como recurso de ensino nas escolas brasileiras desde o início pelos jesuítas no século XVI, mantendo-se nos manuais de ensino do século XIX. Esses manuais faziam parte do Colégio de Pedro II, principalmente, na parte consagrada à poética, onde "a primeira preocupação era definir a poesia, dar sua origem e natureza; em seguida enumeravam-se as regras da versificação e as formas métricas" (Brandão, 1988, p. 44). Algumas obras utilizadas na grade curricular, entre elas já mencionada em *Eneida*, era a "Retórica o 6º livro da Eneida, de Virgílio; o 3º livro das Odes de Horácio; Cícero, De Lege Agraria, e De *Oratore*;em Grego, os diálogos de Luciano[8]". Logo, constata-se, em relação ao efeito estético, o uso de palavras e expressões na construção do texto, até porque,

> (...) a escrita de Virgílio sugere um passado mítico através do Latim Clássico, misturado ao uso de algumas formas linguísticas que estavam em desuso e pertenciam a um período arcaico, e também à utilização de algum léxico evidenciando seus sentidos restritos e originais, que foram suprimidos com a evolução da língua, mas que podem ser retomados pelo estudo etimológico (Almeida, 2011, *apud* Gimenes, 2014, p. 31).

O autor mostra-nos o uso insignificante de alguns termos lexicais referente a forma do poeta romano Virgílio que viveu no século I a.C. para mencionar os termos antigos e que não se usavam mais. É importante salientar que o uso dessa linguagem nos conecta com épocas divergentes e conjunturas históricas, permitindo-nos retomar o passado e refletir as mudanças sociais, educacionais, culturais e políticas ao longo dos anos. Assim, acreditamos que a crítica machadiana, em relação a terceira redação de estilo largo e clássico, relaciona-se com os autores da Antiguidade Clássica inspirada nos ensinos basilares e serviam de fonte de inspiração ao público do século XIX. Como exemplo, vamos contemplar as palavras em um manual usado

[7] *Ibidem.*
[8] *Ibidem*, p. 48.

nas aulas do Colégio Pedro II, autoria de José Maria Velho Silva (*apud* Brandão, 1988, p. 5), com o título *Lições de retórica*, onde "os antigos e primeiros ordenadores das regras e preceitos tiveram a intuição da verdade; estudaram muito acuradamente as leis eternas e imutáveis da inteligência humana e por isso irá sempre muito seguro aquele que lhes for ao encalço".

A crítica machadiana é um retorno aos moldes do tempo do autor como fonte de inspiração e/ou de base reflexional, porque era vista como veracidade irrefutável e faziam parte da educação do século XIX por serem prioridades para o ensino da oratória. A argumentação era de muito valor para o contexto do autor e que, até hoje, é admirável o sujeito que tem o dom da arte do bem falar. Portanto, a literatura empregada na construção das redações estabelecidas pelo mestre-escola, era aquela de escrita coesa, que tinha uma certa pureza na linguagem e a articulação da escrita. As três redações finalistas foram ao contrário daquilo que os pensadores pregavam. Machado de Assis expressou a sua desaprovação em relação a má interpretação que aparece nos três textos como se nota na redação classificada em terceiro lugar onde o aluno faz referência a Grécia Antiga justificando que "manha foi sempre puerícia atar uma lata ao apêndice posterior do cão: e essa manha, não por certo louvável, é quase certo que a tiveram os párvulos de Atenas, não obstante ser a abelha-mestra da antiguidade, cujo mel ainda hoje gosta o paladar dos sabedores" (Assis, 2015, p. 216).

O conto "Um cão de lata ao rabo" mostra o incômodo do autor em relação às questões educacionais da época, fazendo-se uma dura crítica a literatura e a educação de seu tempo com o uso de palavras exageradas e rebuscadas. O mestre-escola e a literatura eram a representação do ensino em seus mais variados aspectos, essencialmente, daquilo que aprendiam em sala de aula. Machado de Assis demonstra uma influência de suas qualidades de criação nesta narrativa ao mencionar que "Cria cinco vozes diferentes, que representam espíritos diversos, autônomos. E traça, no campo verbal, o caminho de três versões estilísticas a propósito do mote único que lhes fora oferecido" (Lucas, 2009, p. 80-81). O autor se apodera de criações ao sair do trivial, pois não foi um escritor comum e nem de linguagem simples. Consegue deixar o leitor em plena hesitação, porque sua escrita é provocativa e o faz sair da zona de conforto e conectar com o mundo.

Machado de Assis criou as cinco vozes sem mencionar o nome, como as do narrador, o do mestre-escola e dos três alunos. O primeiro apresenta o mestre-escola em um tom sarcástico, propondo-lhe o que ele iria fazer, manifestando a intenção de deixar as personagens ficarem à vontade para expressarem os seus pensamentos. Já os três textos finalistas são revelados por cada um dos alunos classificados e anônimos em cada uma das redações. Apresenta-se a visão de mundo ao caracterizar os estilos clássicos. É importante salientar que, no séc. XIX, a escola

utilizava os autores clássicos como um aparato da aprendizagem, e a retórica era um mecanismo de ensino.

É possível ler o conto a partir dos aspectos da paródia e da duplicidade. Dessa forma, "não apenas a dois textos que se inter-relacionam de certa maneira em que o texto a ser parodiado, mas implica a intenção de parodiar o outro- obra (ou conjunto de convenções)" (Hutcheon, 1985, p.34). O autor utiliza a linguagem de cunho filosófico para construir sua crítica ao ensino, iniciando pelo estranho título da obra. Nesse sentido, nota-se que os alunos, ao produzirem as suas redações, tiveram como aparato várias referências para recorrerem aos manuais clássicos. Ele também consegue fazer a desconstrução da linguagem antiética e asmática, criando frases paradoxais ao descrever e analisar a dualidade física e moral do animal com "pés" e "asas" (Assis, 2015 p. 208). Assim, o texto possui duas histórias, sendo a narrativa, exclusivamente, dita e a parodiada. Em relação ao conto, Pligia (2004) menciona que ele "sempre conta duas histórias", sendo que a primeira é uma história tradicional, onde o narrador mostra os fatos aos personagens e o campeonato de redações. O clímax é de responsabilidade dos três estilos selecionados, enquanto a conclusão do problema é concedida ao leitor. Já a segunda apresenta uma dicção sarcástica através dos superlativos repleta de exageros, sendo a paródia dos estilos literários da terceira geração romântica ou condoreira com uma grandeza de linguagem:

> O cão atirou-se com ímpeto. Fisicamente, o cão tem pés, quatro; moralmente, tem asas, duas. Pés: ligeireza na linha reta. Asas: ligeireza na linha ascensional. Duas forças, duas funções. Espádua de anjo no dorso de uma locomotiva. Um menino atara a lata ao rabo do cão. Que é rabo? Um prolongamento e um deslumbramento (Assis, 2015, p. 216).

Observa-se, portanto, que o autor brinca com a sua maneira de escrever e com a filosofia ao criar uma paródia bem ao estilo da escrita *Ab ovo* (desde o início), explorando a etimologia das palavras, fazendo conexões incomum e conseguindo transformar o simples ato de um cão perseguir a lata em uma reflexão sobre o espaço e a existência. Percebe-se a ironia, o deboche, a satiriza aos aspectos específicos à paródia e a escrita do conto machadiano. Nessa perspectiva, pensamos que o alvo em questão não foi às escolas literárias, mas sim o estilo pedido aos alunos, as formas e os atributos a eles elencados. Da mesma maneira, Machado de Assis critica o ensino e as práxis escolares. As três redações são um exemplo compreensível para compreender melhor a intenção do autor. Ele dá vozes a seus personagens que excede o uso da língua nas redações, criticando a linguagem da época e sua integridade na sociedade brasileira do século XIX, pois

“a obra literária é, por definição, obra de linguagem” e, em relação ao conto, “a linguagem é também tema da obra, na medida em que trata do ensino da linguagem” (Atik, 1988, p. 85).

Considerado uma das metodologias escolares da época, o concurso de redação apresenta duas vertentes. A primeira centrada nas práticas linguísticas das escolas literárias e, a segunda, momento voltado às práxis sociais da língua que eram os modelos da escola do século XIX. Esse modelo de concurso era encontrado nos manuais de ensino do colégio Pedro II por ser a referência do sistema educacional que, além de estimular a escrita, davam prêmios de destaque àqueles “que melhor fizerem dissertações filosóficas em língua nacional e compuserem um discurso latino” (Brandão,1988, p. 49). A sala de aula era o lugar das atividades, cuja base foi a retórica que era muito utilizada pelos mestres. Segundo (Brandão,1988, p. 55), essa maneira de ver refletir sobre a retórica visava que “a eloquência não é só atributo da oratória; todos os assuntos escritos desde a simples carta até um tratado histórico ou uma dissertação filosófica lhe oferecem um campo vasto”. Assim, nota-se nas redações produzidas os três estilos literários abordados nos respectivos textos, realçando o poderio da linguagem e, acima de tudo, “a posse da palavra, representada pela alfabetização e, em seguida, pelo domínio da eloquência, constituía em critério de divisão social tal qual a fortuna, a posse de terras e de escravos” (Brandão,1988, p. 56).

O ensino da retórica representava um elemento de poder e exerceu um papel primordial no contexto social do oitocentista brasileiro que valorizava as coisas do espírito em oposto as atividades manuais que equiparavam o homem branco ao escravo negro. Algo que não era prezado na sociedade, mas que era ministrado pelos mestre-escola e absorvidos pelos alunos, onde tais ensinamentos serviram de base para futuras profissões. Brandão menciona que, “por sua função de ornamento, a retórica e as letras em geral acabariam por formar a estofa de todas as profissões liberais, advocacia, medicina, engenharia, como horizonte desejável” (Brandão, 1988, p. 86). Dessa maneira, os finalistas das redações dos três estilos da escola Chapéu d’Uvas (Antiético e Asmático, *Ab Ovo,* Largo e Clássico) foram reconhecidas pelo mestre e por meio do júri.

Os alunos que dominavam a retórica tinham alguns benefícios perante a sociedade como o ato da valorização da escola por ter o domínio sobre a natureza, a afirmação pessoal e o desenvolvimento das próprias potencialidades, sendo que a retórica “aperfeiçoa e desenvolve os dons da natureza, dá mais segurança e solidez aos pensamentos e à linguagem” (Brandão, 1988, p. 56). Esta foi a maneira de o professor incentivar os seus alunos a escreverem, a serem criativos, proativos e descobrirem o poder da retórica, pois era de fundamental importância para aquele contexto e que é visto ainda como de grande relevância na conjuntura da sociedade atual.

“Um cão de lata ao rabo” é um conto complexo que traz uma crítica ao uso exacerbado da retórica nos bancos da escola do século XIX. Machado de Assis é um autor sarcástico nas suas escritas. Utilizou-se da narrativa nada trivial para criticar e expor o seu pensamento acerca da educação, de uma pedagogia voltada só para a retórica por ser considerada uma metodologia de prioridade para as salas de aula. Portanto, era uma das estratégias que tentavam desafiar os alunos quanto aos limites da criação literária, até porque o autor tinha um olhar além do comum que estava além dos anos e das pessoas do seu círculo de convivência.

3. UM OLHAR HISTÓRICO-CRÍTICO DA EDUCAÇÃO E DO ENSINO EM CORA CORALINA

Eu sou aquela mulher
a quem o tempo
muito ensinou.
Ensinou a amar a vida.
Não desistir da luta.
Recomeçar na derrota.
Renunciar a palavras e pensamentos negativos.
Acreditar nos valores humanos.
Ser otimista.

(Coralina, 1985, p. 145)

O ser humano sempre está em processo de construção. Tudo que acontece, seja de forma negativa ou afirmativa, colabora para a sua reflexão e o seu crescimento pessoal. Desta maneira, a literatura, com os mais variados textos, aguça o leitor a recriar o mundo, a maneira de estar nele e olhá-lo com empatia, direcionando-o ao aprendizado através das manifestações poéticas. Faz parte da vida do sujeito desde a Antiguidade pela história da humanidade, acompanhando o homem desde as narrativas orais até o momento atual com os seus textos em diversas mídias.

Neste capítulo, vamos abordar o universo de Cora Coralina. Uma mulher corajosa e, desde criança, foi vista pela sua família como uma menina frágil diferente do restante da casa e que gostava de poemas. Mais tarde, tornou-se poeta e contista da literatura moderna brasileira. Sempre gostou de ler. Era muito curiosa, perspicaz e não se calou perante as suas escritas em uma sociedade machista que presenciou a submissão da mulher, colocando-as em um índice de discriminalização ou ficando em segundo plano perante as questões sociais. As poesias de Cora Coralina (1889-1985) possuem várias temáticas que nos envolvem a cada poema lido. Pesquisar a sua vida e obra é poder ver de perto uma época da qual fez parte. É reviver um cenário educacional em que as mulheres não tinham um lugar privilegiado, além de serem excluídas, pois o mais importante era ter um bom casamento para ser bem vista na sociedade.

Figura 6: Cora Coralina.

Fonte: Google Imagens (2024).

Cora Coralina é o pseudônimo de Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas que cursou apenas o ensino primário. Nasceu na casa velha da ponte, próximo ao rio vermelho, hoje, "Museu casa de Cora Coralina". Com menos de dois anos de idade, a poetisa ficou órfã de pai, o desembargador Francisco de Paula Lins dos Guimarães e sua mãe, Jacyntha Luíza do Couto Brandão, ficou com três filhas para criar, passando por muitas dificuldades financeiras. Ele era dono de muitas terras e de escravos e, como começou a faltar mão de obra devido a abolição da escravatura, os negócios começaram a não ir bem. No ano de 1900, mudou-se para a fazenda, vendeu alguns bens e alugou uma residência na cidade. Algumas dificuldades da sua infância foram descritas na sua obra poética como podemos no poema "Menina mal-amada" e "No passado":

Fui levada à escola mal completados cinco anos.
Eu era medrosa e nervosa. Chorona, feia, de nenhum agrado,
menina abobada, rejeitada.
Ao nascer frustrei as esperanças de minha mãe.
Ela tinha já duas filhas, do primeiro e do segundo casamento
com meu Pai.
Decorreu sua gestação com a doença irreversível de meu Pai.
desenganado pelos médicos.
Era justo seu desejo de um filho homem
e essa contradição da minha presença se fez sentir agravada
com minha figura molenga, fontinelas abertas em todo crânio.
Retrato vivo do velho doente, diziam todos.
Me achei sozinha na vida. Desamada, indesejada desde sempre.
Venci vagarosamente o desamor, a decepção de minha mãe.
Valeu e muito minha madrinha de carregar - Mãe Didi.
Minha vida ao me arrastar pelo chão depois de vários trambolhões
na escada, galo na testa, gritaria e algumas palmadas, da bica-d'água
passava para a cozinha em volta da Lizarda, criada da casa, como se dizia.
Cozinheira, dona dos torresmos que ela me dava e que me causavam
constantes diarreias e vômitos. Enquanto ia crescendo, lá pelo terreiro,
suja, desnuda, sem carinho e descuidada, sempre aos trambolhões
com minhas pernas moles.
Ganhei até mesmo um apelido entre outros, perna mole, pandorga,
chorona, manhosa.
Na cozinha Siá Lizarda explorava meus préstimos.
Me punha a escolher marinheiros do arroz, esse era beneficiado
nos monjolos das fazendas e traziam, além da marinhagem,
pedrinhas trituradas que davam trabalho lento de separar.
Também o feijão, embora mais fácil.
Eram meus préstimos em promessas de torresmos com farinha.
Mãe, lá em cima, não tomava conhecimento desses detalhes.

Sempre sozinha, crescendo devagar, menina inzoneira, buliçosa, malina.
Escola difícil. Dificuldade de aprender.
Fui vencendo. Afinal menina-moça, depois adolescente.
Meus pruridos literários, os primeiros escritinhos, sempre rejeitada.
Não, ela não. Menina atrasada da escola da mestra Silvina...

Alguém escreve para ela... Luís do Couto, o primo.
Assim fui negada, pedrinha rejeitada, até a saída de Luís do Couto
para São José do Duro, muito longe, divisa com a Bahia.
Ele nomeado, Juiz de Direito.
Vamos ver, agora, como faz a Coralina...
Nesse tempo, já não era inzoneira. Recebi denominação maior,
alto lá! Francesa.
Passei a ser detraquê, devo dizer, isto na família.
A família limitava. Jamais um pequeno estímulo.
Somente minha bisavó e tia Nhorita.
Vou contando.

Minha mãe, muito viúva, isolava-se no seu mundo de frustrações,
ligada maternalmente à caçula do seu terceiro casamento.
Eu, perna mole, pandorga, moleirona, vencendo sozinha as etapas
destes primeiros tempos. Afinal, paramos no detraquê.

Tudo isso aumentava minha solidão e eu me fechava, circunscrita
no meu mundo do faz de conta...
E vamos trabalhar no pesado. Não ganhar pecha de moça romântica,
que em Goiás não achava casamento.
Tinha medo de ficar moça velha sem casar.
Me apegava demais com Santo Antônio, Santa Anna, padroeira de Goiás.
Minha madrinha para as dificuldades da vida.

Muito me valeu a escola.
Um dia, certo dia, a mestra se impacientou.
Gaguejava a lição, truncava tudo. Não dava mesmo.
A mestra se alterou de todo, perdeu a paciência.
e mandou enérgica: estende a mão.
Ela se fez gigante no meu medo maior, sem tamanho.
Mandou de novo: estende a mão.
Eu de medo encolhia o braço.

Estende a mão! Mão de Aninha, tão pequena!
A meninada, pensando nalguns avulsos para eles,
nem respirava, intimidada.
Tensa, espectante, repassada.
Era sempre assim na hora dos bolos em mãos alheias.
Aninha, estende a mão. Mão de Aninha, tão pequena.
A palmatória cresceu no meu medo, seu rodelo se fez maior,
o cabo se fez cabo de machado, a mestra se fez gigante
e o bolo estralou na pequena mão obediente.
Meu berro! e a mijada incontinente, irreprimida.
Só? Não. O coro do banco dos meninos, a vaia impiedosa.
- Mijou de medo... Mijou de medo... Mijou de medo...
A mestra bateu a régua na mesa, enfiou a palmatória na gaveta
e, receosa de piores consequências, me mandou pra casa, toda mijada,
sofrida, humilhada, soluçando, a mão em fogo.

Em casa ganhei umas admoestações sensatas.
A metade compadecida de uma bolacha das reservas de minha bisavó,
e me valeu a biquinha-d'água, o alívio à minha mão escaldada.
Ao meu soluçar respondia a casa: "é pra o seu bem, pra ocê aprender,
senão não aprende, fica burra, só servindo pro pilão."

Sei que todo castigo que me davam era para meu bem.
Eu não sabia que bem seria este representado por bolos na mão,
chineladas e reprimendas, sentada de castigo com a carta de ABC na mão.
O bem que eu entendia era a bolacha que me dava minha bisavó
e os biscoitos e brevidade da tia Nhorita.
Estes, entravam no meu entendimento. Do resto não tinha nenhuma noção.

Fui menina chorona, enjoada, moleirona.
Depois, inzoneira, malina.
Depois, exibida. Detraquê.
Até em francês eu fui marcada.
Sim, que aquela gente do passado,
tinha sempre à mão o seu francês.
Se souberes viver, no fim te sentirás feliz.
Envelhecer é entrar no reino da grande Paz.
Serenidade maior.
Olhar para frente e para trás
e dizer: dever cumprido.
O que mais se pode na vida desejar?...
Sentada na margem do caminho percorrido,
ver os que passam, ansiosos, correndo, tropeçando.
E dizer baixinho:
Corri tanto quanto você.
E você se quedará, um dia, como eu.

A certeza de ter vivido e vencido
a maratona da vida.

No Passado

Tanta coisa me faltou.
Tanta coisa desejei sem alcançar.
Hoje, nada me falta,
me faltando sempre o que não tive.

Eu era uma pobre menina mal-amada.
Frustrei as esperanças de minha mãe, desde o meu nascimento.
Ela esperava e desejava um filho homem, vendo meu pai doente
irreversível.
Em vez, nasceu aquela que se chamaria Aninha.
Duas criaturas idosas me deram seus carinhos:
Minha bisavó e minha tia Nhorita.
Minha bisavó me acudia quando das chineladas cruéis da minha mãe.
No mais, eu devia ser, hoje reconheço, menina enjoada, enfadando
as jovens da casa e elas se vingavam da minha presença aborrecida
me pirraçando, explorando meu atraso mental, me fazendo chorar
e levar queixas doloridas para a mãe
que perdida no seu mundo de leitura e negócios não dava atenção.
Quem punia por Aninha era mesmo minha bisavó.
Me ensinava as coisas, corrigia paciente meus malfeitos de criança
e exortava minhas irmãs a me aceitarem.
Daí minha fuga para o enorme quintal onde meus sentidos foram se
aguçando
para as pequenas ocorrências de que não participavam minhas irmãs.
Minhas impressões foram se acumulando lentamente

> e eu passei a viver uma vida estranha de mentiras e realidades.
> E fui marcada: menina inzoneira.
> Sem saber o significado da palavra, acostumada ao tratamento ridicularizante,
> esta palavra me doía.
> Certo foi que eu engenhava coisas, inventava convivência com cigarras,
> descia na casa das formigas, brincava de roda com elas,
> cantava "Senhora D. Sancha", trocava anelzinho.
> Eu contava essas coisas lá dentro, ninguém compreendia.
> Chamavam, mãe: vem ver Aninha...
> Mãe vinha, ralhava forte.
> Não queria que eu fosse para o quintal, passava a chave no portão.
> Tinha medo, fosse um ramo de loucura, sendo eu filha de velho doente.
> Era nesse tempo, amarela de olhos empapuçados, lábios descorados.
> Tinha boqueira, uma esfoliação entre os dedos das mãos, diziam: "Cieiro."
>
> Minhas irmãs tinham medo que pegasse nelas.
> Não me deixavam participar de seus brinquedos.
> Aparecia na casa menina de fora, minha irmã mais velha passava o braço no ombro e segredava: "Não brinca com Aninha não. Ela tem Cieiro e pega na gente."
> Eu ia atrás, batida, enxotada.
> Infância... Daí meu repúdio invencível à palavra saudade, infância...
> Infância... Hoje, será
>
> (Coralina,1987, p. 113-117)

Sobre a infância, percebe-se que não se sentia amada perante as suas irmãs, excluindo-a das brincadeiras a qual brincava sozinha no quintal, soltando a sua imaginação. Ela descreve as carências e as frustações, enquanto a palavra saudade representa um passado angustiante. Como pode-se constatar no poema "Menina mal-amada", há a presença de um eu melancólico que, mesmo assim, procurava uma forma de extrapolar a fantasia. Compôs vários poemas que ensinam e nos fazem reviver o passado no tempo presente por meio dessa subjetividade detida então de alegrias, tristezas, perdas e momentos de resiliência.

Cora Coralina apresenta uma riqueza de lembranças em cada poema lido. Recordações essas que estão representadas enquanto processo de criação literária, de um passado que abrange a realidade de pessoas, aparentemente, sensíveis. No entanto, guardava uma de suas ferramentas imprescindíveis, a da arte da escrita da memória. Almeida (2009, p. 5) deixa-nos claro que, "a experiência humana não se dá no isolamento, ela é sempre uma produção coletiva, uma repetição das experiências, num processo de interação entre memória, história de vida e a construção da identidade". Desta maneira, a autora, na força ímpar das suas palavras, construiu o quotidiano em forma de versos, de um tempo em que mulheres falavam pouco ou se calavam por não ter uma voz ativa diante de uma sociedade excludente e patriarcalista.

Cora Coralina começou a escrever com catorze anos de idade e produziu inúmeros poemas, dosando em cada um deles uma temática ou um pensamento poético que estava além de seu tempo. Escreveu com linguagem simples que retrata a infância pobre e o sonho de uma criança. Foi uma mulher destemida, forte, mãe e escritora das causas sociais. Ela surge no século XX, um período marcado por várias transformações culturais e sociais, sendo "uma mulher doceira, mãe, esposa, poeta de versos e prosa, voz de todas as mulheres. Apesar de sua obra integrar o século XX, ela continua muito atual e pertinente, pois trata de temas e problemas que continuam a ecoar em nosso tempo e em nossas vivências subjetivas" (Gomes, 2021, p. 1). Sua voz denunciava uma sociedade sem expor a sua fala como, por exemplo, a denúncia sobre os vários papéis que a mulher exercia dentro de casa para agradar ao esposo. Hoje, mostra-se para a sociedade que a mulher é capaz, passando a atuar no mercado de trabalho, delegando diferentes funções e comprovando que possui capacidade em diferentes esferas da sociedade.

Na mocidade, aos vinte anos, se a mulher não se casasse era considerada beata. Logo, conheceu o advogado Cantídio Tolentino de Figueiredo Bretas durante uma tertúlia. Ele era separado, tinha dois filhos e vinte anos mais velho. Como a família não aceitou o namoro, então, resolveu ir para São Paulo com o amado. A sociedade ficou indignada com tal comportamento, o qual é demonstrado no poema "Semente e fruto":

> E eu partir em busca do meu destino.
> Ninguém me estendeu a mão.
> Ninguém me ajudou e todos me jogaram pedras.
> Despojada. Apedrejada.
> Sozinha e perdida nos caminhos incertos da vida.
> E fui caminhando, caminhando...
>
> (Coralina,1987, p. 84)

Cora Coralina teve quatro filhos (Paraguassu, Cantídio Filho, Jacinta e Vivência), quinze netos e vinte e nove bisnetos. Viveu quarenta e cinco anos com o esposo, morando em São Paulo nas cidades de Avaré, Jaboticabal, Andradina e, posteriormente, na capital paulista. Atuou junto à Revolução Constitucionalista de 1932. Nesse período, em evidente fase política pela causa revolucionária, atuou como enfermeira dos combatentes feridos, confeccionando bonés, uniformes e aventais para os rebeldes. Foi libertária, subindo nos palanques em defesa da causa feminista, além de líder do movimento, elaborando o manifesto em defesa da formação de um partido político feminino (Jornal do Brasil, 2002, p. 2). Após ficar viúva, retorna para a sua cidade de origem no ano de 1954. Chegando na terra natal, não reconhecia mais ninguém, e essa retomada é demonstrada no poema "Voltei":

> Voltei. Ninguém me conhecia. Nem eu reconhecia alguém.
> Quarenta e cinco anos decorridos.
> Procurava o passado no presente e lentamente fui identificando a minha gente.
> Minha escola primária. A sombra da velha mestra
>
> (Coralina, 1987, p. 127)

Cora Coralina foi observadora de tudo ao seu redor, e a maneira de ser livre e expor seus pensamentos eram transformados em poemas. Os registros históricos se metamorfoseiam em uma escrita poética, pois foi uma forma de ter autonomia sobre o que pensava. Ninguém poderia calar a sua voz daquela outrora menininha subjugada na infância. A sua escrita reforça aquela força que sempre teve, mas que ninguém era capaz de notar como pessoa e nem como escritora. Foi reconhecida pelos seus poemas aos setenta e cinco quando publicou o primeiro livro *Becos de Goiás* no ano de 1965, sendo um marco crucial, pois estava em plena Ditadura Militar em que o ensino sofreu um grande retrocesso. De acordo com Ghiraldelli, (2015, p. 46-47),

> (...) em termos educacionais pela repressão, privatização de ensino, exclusão de boa parcela de setores mais pobres do ensino elementar de boa qualidade, institucionalização do ensino profissionalizante na rede pública regular sem qualquer arranjo prévio para tal, divulgação de uma pedagogia calcada mais em técnicas do que em propósitos com fins abertos e discutíveis, tentativas variadas de desmobilização do magistério através de abundante e confusa legislação educacional (...).

Foram várias mudanças que acarretaram um agravamento tanto na esfera educacional quanto na classe dos menos favorecidos. Com a Ditadura Militar, a população sofreu com a vastidão de transformações da sociedade brasileira. A autora presenciou essas mudanças no Brasil, e a sua poesia transita entre a história e a memória. Só veio a falecer em 10 de abril de 1985, quase um mês após o período ditatorial de15 de janeiro de 1985. Cora Coralina seguiu avante nas suas escritas mesmo não tendo nenhum incentivo por parte da família. Contou apenas com a arte da escrita que foi a sua forma de desabafo, de alegria e de dor perante a sociedade goiana. Sempre foi de uma vida simples na cidade de Goiás, dotada de um forte vigor interior e que, pelo caminho dos registros, traçou a sua voz nas mais variadas temáticas dos seus poemas.

Em todos os seus escritos, pode-se notar que ela foi uma mulher ímpar na força das suas palavras, no caráter e que buscou na escrita a sua libertação. No ano de 1979, Carlos Drummond de Andrade escreveu uma carta, atestando-lhe seu reconhecimento e sua admiração ao dizer que “não tenho o seu endereço, lanço estas palavras ao vento, na esperança de que ele as deposite em suas mãos (...). Dá alegria na gente saber que existe bem no coração do Brasil um

ser chamado Cora Coralina". Logo, foi esse reconhecimento que lhe despertou o interesse acadêmico pela obra da artista, marcado pela concessão do título Doutora Honoris Causa da Universidade Federal de Goiás (Entrevista Temática, p. 937, 2020). A autora foi audaciosa e lutou com sua escrita a fim de uma sociedade sem preconceito para que suas ideias se tornassem públicas. Assim, sua voz tornou-se em movimento através de seus registros literários e alcançou ainda em vida a publicação dos seus poemas. Foi membro efetivo das entidades culturais como a Academia Goiana de Letras (cadeira número 38), Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, ocupando a cadeira de número 5, Gabinete Literário Goiano, Fundação Educacional da cidade de Goiás, União Brasileira de Escritores de Goiás, Academia Brasiliense de Letras, Academia de Letras de Jaboticabal em São Paulo, Arcádia Goiana de Cultura, além de inúmeras publicações, participações, prêmios, condecorações e homenagens. Suas escritas captam desde a natureza até o dia a dia, representando a vida simples que, no seu caminhar, foi modificando em um poema universal. Cora Coralina deu ênfase maior à voz feminina, abordando temas como o amor, a maternidade, o envelhecimento e a escola.

Nas suas narrativas, contempla a força que a mulher buscava e tinha, pois era invisível para a sociedade patriarcal, encorajando muitas outras a explorar as suas vozes e a mostrar a sua importância. Com o olhar voltado para os animais e também para a natureza, já se mostrava preocupada com a sua devastação, tornando-se um tema de grande relevância no contexto atual. Cora Coralina teve várias homenagens em vida que ratificou sua contribuição para a cultura e literatura brasileira. Mas, o seu mérito vai além dos prêmios recebidos. Ela se sobressai como símbolo de resistência. Sua história de vida inspira muitas pessoas a nunca desistirem de seus sonhos, além do mais, seus poemas continuam vivos na sociedade vigente por uma linguagem sutil ao retratar o olhar simples sobre todas as coisas. Sua obra deu voz aos esquecidos e ampliou a vida interiorana, ou melhor, "todas as vidas. E Cora Coralina celebra todas com o mesmo sentimento de quem abençoa a vida. Ela se coloca junto aos humildes, defende-os com espontânea opção, exalta-os, venera-os. Sua consciência humanitária não é menor do que sua consciência da natureza" (Drummond, 1987, p. 21-22).

Cora Coralina trouxe à tona as pessoas esquecidas do interior de Goiás. Os seus poemas são repletos de sabedoria, apresentando vários questionamentos sobre uma vida árdua que teve desde a infância até a fase adulta. Seus escritos captam os aspectos da experiência humana, abordando o amor, o carisma, a simplicidade e a saudade, além de ser vista como menina fraca, amarela, chorona como demonstra o poema "Minha Infância":

> Eu era triste, nervosa e feia.
> Amarela, de rosto empalamado.
> De pernas moles, caindo à toa.
> Os que assim me viam- diziam:
> "- Essa menina é o retrato vivo
> Do velho pai doente".
> Tinha as pernas moles
> E os joelhos sempre machucados,
> Feridos, esfolados.
> De tanto que caía.
> Caía à toa.
>
> Coralina (1987, p. 173)

No poema, conseguimos notar que, desde a infância, teve a vida turbulenta de apelidos e palavras rudes que a deixavam humilhada sem nada poder falar, pois ela tinha medo de errar. Tais características perduram na sociedade e, principalmente, no ambiente escolar com o nome de *bullying*, termo que se tornou lei no ano de 2015, mas que naquela época, tal humilhação não era levada muito a sério pelos mais velhos. Mesmo em pleno século XXI com esse aparato de leis, há ainda discriminação nos seus mais variados tipos. Logo, utiliza-se de uma linguagem peculiar para representar esses acontecimentos históricos em poesia. Portanto, nunca desistiu de escrever que, mesmo não tendo incentivo, pôde abrir portas para outros autores. A mulher forte tornou-se um marco na literatura brasileira, desbravando o desconhecido e ratificando os seus pensamentos em relação à sociedade, a educação e a mulher no âmbito social.

3.1 Contexto histórico da produção dos poemas de Cora Coralina

A memória remete ao passado que, por sua vez, oportuniza ao autor poder compartilhar fatos outrora vivenciados, para que através de narrativas participarmos da vida do poeta. Para Arendt (2016a, p. 68),

> O mundo comum é aquilo que adentramos ao nascer e que deixamos para trás quando morremos. Transcende a duração de nossa vida tanto no passado quanto no futuro, preexistia à nossa chegada e sobreviverá à nossa breve permanência nele. É isso o que temos em comum não só com aqueles que vivem conosco, mas também com aqueles que aqui estiveram antes e com aqueles que virão depois de nós. Mas esse mundo comum só pode sobreviver ao vir e ir das gerações na medida em que aparece em público.

O mundo é tudo aquilo que se pode compartilhar com os seus sujeitos pela interação e criação da realidade através da transcendência do individual. Assim, as experiências deixadas

por Cora Coralina tornam-nos vivo o seu passado que, automaticamente, fazem parte do nosso presente, propiciando-nos a conhecer um pouco do seu universo através de seus versos.

Cora Coralina viveu em uma época de vários acontecimentos no final do século XIX e início do século XX. Frequentou a escola das primeiras letras presenciou vários acontecimentos no Brasil e na sociedade goiana. Sua escrita poética é a representação viva destes contextos turbulentos e de uma vida difícil. A crítica social tecida nos poemas é de uma mulher corajosa que viveu em uma sociedade rígida para a figura feminina. Ela era invisível aos olhos de muitos, os quais pensavam que ela não se igualava ao homem. Foi uma época em que não tinham vez, inclusive, de poder escrever, e quando escreviam eram as escondidas como é a história de Cora Coralina na velha casa da ponte:

Figura 7: Cora Coralina.

Fonte: Google Imagens (2024).

Em face de tais acontecimentos, escrevia suas angústias, esperanças e dores. Era uma das maneiras de se libertar e/ou tirar as suas amarras. O ensino não era para todas as classes sociais e, com a escassez do ouro, Goiás demorou para se desenvolver, mas consequentemente, atingiu o desenvolvimento social, econômico e educacional. Como a procura pela educação era pouca, não houve investimento na área educacional. Palacín (2008, p. 73-73), argumenta que,

> Goiás viveu um longo período de transição. Desaparecera uma economia mineradora de alto teor comercial. Nascia uma economia agrária, fechada, de subsistência, produzindo apenas alguns excedentes para a aquisição de gêneros essenciais, como sal, ferramentas, etc. Nesta época, várias foram as vilas que se tornaram carcaças, com matos pelas ruas e casas abandonadas.

Nesta perspectiva, pode-se perceber que o período retratado foi difícil em quase todos os contextos da sociedade goiana. Época em que não havia meios de transportes, e a produção

de gado estava começando a se desenvolver. Após o desaparecimento do ouro em Goiás, a maioria dos mineiros ainda permaneceram no estado. As primeiras décadas do século XIX foram marcadas pelas grandes fazendas de pecuária no estado de Goiás, mas poucas terras foram demarcadas, judicialmente que, sua vez, a maior parte dos donos possuíam apenas os títulos de posse. Logo, Palacín (2008, p. 91) reitera que "durante o século XIX, a população de Goiás aumentou continuamente, não só pelo crescimento vegetativo como pelas migrações dos estados vizinhos. Os índios diminuíram quantitativamente e a contribuição estrangeira foi inexistente. A pecuária tornou-se o setor mais dinâmico da economia".

Goiás sofreu um grande atraso sociocultural. E, a partir daí a maioria das pessoas foram para zona rural, dedicando-se à agricultura e à criação de gado. Com tais ocorrências, a sociedade goiana foi prejudicada em decorrência do isolamento no qual eles passaram a viver. Palacín (2008, p. 73) ainda afirma que "houve uma desumanização do homem". Neste construto, pode-se notar que houve um grande retrocesso, onde os indivíduos não tiveram a oportunidade de socialização e de escolarização, vivendo isolados por algum tempo. As leituras dos poemas de Cora Coralina nos proporcionam saber sobre esse contexto e das pessoas marginalizadas. Dessa maneira,

> Vê se em Cora que não se fez poetisa para louvar os grandes, os importantes, o poder institucionalizado: Cora se fez poeta para lembrar à sociedade de Goiás que existe uma periferia marginalizada. (...) A crítica social está pulsando nos poemas da escritora denunciando uma sociedade estratificada e injusta. (...) A sua percepção não é a mesma da infância; alteram-se os juízos de valor. Portanto, a memória de Cora está amarrada à memória do grupo, e ela procura soltar essas amarras legitimando os grupos marginalizados da sociedade (Alencastro, 2003, p. 86-87).

Portanto, é de suma importância identificar a memória poética da cidade de Goiás, tendo como viés a história de um povo que foram protagonistas para que Cora Coralina revivesse, através da sua escrita, as mais variadas formas de poetizar a vida interiorana, seus costumes e o universo feminino. Para Machado (2002), a "cidade tem aspectos físicos e uma vida interior, em um mecanismo contínuo que funde a vida com a sua configuração espacial". Desse modo, os aspectos urbanos, deram-lhe argumentos para retratar a cidade e a cultura do seu povo. Quando lemos o poema "Minha cidade", pode-se desenhar esse mundo, ou seja, a de uma mulher de resistência:

> Eu sou o caule
> dessas trepadeiras sem classe,
> nascidas das frinchas das pedras:

> Bravias.
> Renitentes.
> Indomáveis.
> Cortadas.
> Maltratadas.
> Pisadas.
> E renascendo.
>
> (Coralina, 1985, p. 48)

O eu-lírico no poema mostra-se forte a cada verso. É como se permitisse identificar a sua personalidade de mulher que sempre seguiu avante nas suas escritas. Parece-nos que é como se o sujeito pudesse reviver em cada linha lida e, mesmo quando percebia que não conseguia, buscava a sua força interior como no poema "Ofertas de Aninha":

> Eu sou aquela mulher
> a quem o tempo
> muito ensinou.
> Ensinou a amar a vida.
> Não desistir da luta.
> Recomeçar na derrota.
> Renunciar a palavras e pensamentos negativos.
> Acreditar nos valores humanos.
> Ser otimista.
>
> (Coralina, 1985, p.145)

A sua poesia é marcada pelos versos simples, porém carregados de plurissignificações que nos levam para além da vida ao mencionar que "estarei sempre viva nas páginas deste livro, criação mais viva da minha vida interior, em parto solitário" (*Idem*). Esta frase vem ao encontro de Walt Whitman com "Pleno de vida agora" ao dizer que "A ti que ainda não nasceste, me dirijo, procurando-te. Quando leres estes versos, eu, que era visível, invisível me terei tornado" (Whitman, 2012, p. 149). Ambos os autores dão ênfase à vida após a morte ao metaforizar que são os escritos que não morrem. Eles sobrevivem a gerações futuras em prol da visão de mundo e da sociedade. Nesta perspectiva, Ribeiro; Almeida (2020, p. 7) comentam que,

> Todos os acontecimentos com a poetisa foram guardados na sua memória, para posteriormente serem transformados em poemas para servirem de exemplos de vida, de uma pessoa que teve vontade de continuar a sua caminhada, sem raiva ou com ato vingativo. Ela (Cora Coralina), mulher simples de uma expressividade coloquial e que muito agrada a várias gerações, tenho como cunho a sua expressividade lírica que tem esse poder de agradar, pela a sua forma de ser transparente nas suas vozes poéticas que abrangem a várias pessoas.

Cora Coralina, com sua força inspiradora, revela a essência da vida através da escrita. Com sua expressividade lírica, externa uma motivação que vai para as mais variadas idades, já que, no passado, não encontrou ninguém que a inspirasse a escrever ou mostrasse os caminhos que a valorizasse. Sem mágoas, dá uma lição de força a fim de que o ser humano possa seguir avante em prol dos objetivos, transformando tudo o que via em poemas. A poeta teve vários motivos que a pudessem interromper ou prosseguir com as suas escritas, mas a sua forma de pensar e de ver o mundo era diferente das demais pessoas. Ela foi irredutível nos seus registros como se os seus versos a fortalecesse a cada poema construído. Enquanto era repudiada, nunca retrucou verbalmente, porém esbravejava nas suas produções, alcançando um degrau por vez até ser reconhecida. O caminho percorrido por ela foi repleto de entraves, pois a fala da mulher ainda era mascarada na tentativa de se fazer ouvir:

> De acordo com a autora, a mulher foi 'pensada' a partir de parâmetros masculinos; pode-se também dizer que ela é 'marcada' falicamente pelas figuras do pai e do marido. Dentro dessa concepção sócio-simbólica [...] nem seu imaginário e nem sua linguagem encontram um lugar determinado, de onde efetivamente ela pudesse ser considerada como um sujeito de sua própria voz (...). Ao transmitir sua voz em voz viril, por força de um projeto ficcional, a mulher autora estaria tentando sobretudo, articular as marcas de seu sexo feminino no discurso (Engelmann, 1996, p. 18-19, grifos no original).

A integralização da mulher na sociedade e no mercado de trabalho foi difícil. Havia uma falta de reconhecimento do discurso masculino que, na época, era uma voz ativa. A citação nos chama para a reflexão de como as representações de gêneros afetaram a elevação da identidade e da expressão das mulheres em várias esferas sociais. Foram várias lutas para que ela fosse reconhecida e de dar a autonomia enquanto escritora. No Brasil, foi grande o atraso da criação cultural devido ao analfabetismo, principalmente, a das mulheres. Vários contextos históricos não mencionam o poderio feminino que, somente na segunda metade do século XIX que, aos poucos, foi se esbravejando na escrita, buscando o seu lugar na sociedade. Já o século XX foi um marco de significância para o avanço da mulher na literatura. Cora Coralina escreveu sobre o seu tempo e também sobre o futuro, abordou tudo ao seu redor, mas destacou a realidade das mulheres no contexto sociocultural.

3.2. O beco da escola: lugar de lembranças no contexto socioeducacional de Cora Coralina

A literatura tem o poder de libertação e de adquirir conhecimento sistematizado por meio da obra literária. Ademais, é nela que o leitor constrói as suas diferentes perspectivas de

mundo, de novas ideias e de um pensamento crítico que o inter-relaciona com o seu saber. Ler o poema “O beco da escola” é revisitar esse contexto, as suas ruazinhas, o caminho estreito da escola, a cidade de Goiás onde ela viveu grande parte da sua infância e da vida adulta como representado na imagem abaixo:

Figura 8: O Beco da Escola.

Fonte: Google Imagens (2024).

O poema está no livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. O eu lírico menciona, minuciosamente, o bequinho da cidade, lugar de uma vida simples em que rememora algumas professoras da época de infância:

> Um corricho, de passagem,
> um dos muitos vasos comunicantes
> onde circula a vida humilde da cidade.
> Um bequinho de brinquedo, miudinho.
> Chamado no meu tempo de menina
> - beco da escola
>
> Uma braça de largura, mal medida.
> Cinquenta metros de comprido...avaliado
> Bem alinhado .Direitinho.
> Beco da escola...
> Escola de velhos tempos.
> Tempos de velhas mestras.
> Mestra Lili, Mestra Silvina, Mestra Inhola.
> Outras mais, esquecidas mestras de Goiás
>
> (Coralina, 1985, p. 117).

As descrições são feitas com detalhes para metrificar cada uma das palavras no devido lugar. O substantivo “beco” significa uma rua estreita ou curta que, por vezes, é sem saída. Uma ruela enquanto fonte de recordações da infância, onde o eu lírico rememora com especificada,

trazendo à tona a significância de sua vida. Castro *apud* Mohmari et. al. (1985, p. 242) assevera que,

> No estudo do real lírico em Cora Coralina surge a necessidade de uma subdivisão: lírico-social e lírico-psicológico. Por real lírico-social, entende-se a recordação de vivências marcantes da vida exterior do poeta que interiorizadas, agora, servem como matéria de poema; por real lírico-psicológico, nomeia-se a catarse do poeta motivada por recordações em associação. Na construção de poemas destas duas espécies transparece o melhor da vocação, e da perícia, artísticas em Cora Coralina.

Nesse mundo poético emerge as imagens de uma vida simples interiorana regadas do universo de recordações então internalizadas através dos escritos. Assim, regista sua infância, a vida escolar, as educadoras e como se dava a aprendizagem. Na terceira estrofe do poema, conseguimos ratificar o eu lírico, adjetivando a professora Lili, uma pequena mulher, mas que tinha um conjunto de atributos de uma boa docente. É importante identificar que o tempo de escola foi marcado na vida da autora, bem como a sua localização e os bancos compridos sem encosto. As aulas aconteciam, mas não se tratava de um espaço alegre, visto que ali era um local de aprendizagem, de obediência total e sem questionamentos:

> Mestra Lili...o seu perfil:
> Miudinha, magrinha.
> Boa sobretudo. Força moral.
> Energia concentrada. Espírito forte.
> O hábito de ensinar, ralhar, levantar a palmatória,
> afeiçoara-lhe o conjunto
> - enérgico, varonil.
>
> A escola da Mestra Lili
> era mesmo naquela esquina
> Casa velha- ainda hoje a casa é velha.
> Janelas abertas para o beco.
> Sala grande. A mesa da Mestra.
> Bancos compridos, sem encosto.
> Mesa enorme dos meninos escreverem
> lições de escrita.
> De ruas distantes a gente ouvia,
> quartas e sábados, cantada em alto coro
> a velha tabuada
>
> (Coralina, 1985, p. 117)

Cora Coralina traz inúmeros elementos na composição do seu poema para retratar o universo histórico e psicológico da época. Esta junção de itens faz com que o leitor leia seus escritos ao imaginar a professora e a sua didática. Quando se menciona o (beco da escola...), as

reticências nos submetem a várias interpretações como, por exemplo, a tristeza, o esquecimento, a mesmice, o velho e o sujo ao se referir ao tempo difícil das construções das casas. O eu poético vai descrevendo o local e este se remete ao tempo em que ela viveu registrado por sua voz. O seu olhar sobre as coisas estava além de mais uma moça simples que residia no interior de Goiás. Nos versos seguintes, ao mencionar "bequinho da escola", na forma diminutiva, fornece-nos a imagem do seu dia a dia:

> O bequinho da escola
> Lembra mestra Lili
> Lembra mestra Inhola.
>
> Lembra mestra Silvina
> Sá Mônica. Mestra Quina. Mestra Ciriáca.
>
> Esquecidas mestras de Goiás.
> Elas todas - donzelas,
> sem as emoções da juventude.
> Passavam a mocidade esquecidas de casamento,
> atarefadas com crianças.
> Ensinando o bê-a-bá às gerações
>
> (Coralina, 1985, p. 118)

O eu poético recorda das lembranças das professoras que teve as suas vidas de mocidade envolvidas apenas no mundo educacional e sem perspectiva de casamento. Neste contexto, uma moça que se casava era bem notada pelas pessoas. De acordo com Lima (2012, p. 1), "a mulher era negada aos prazeres dos sexos, dos sonhos e das vontades". Assim, elas viviam sob o poder da família, não se divertiam e a vida era regrada. As características abordadas pelo eu poético são de uma vida sufocante, onde a mulher não podia expressar de nenhuma maneira. As donzelas sem as emoções da juventude, deixam-nos explícito que a realidade era privada de sua vontade e de assumir os seus desejos. Logo, essa maneira de reprovação em relação a mulher nos deixa claro que a sua função era apenas a de servir o marido e, se não casasse, iria lecionar, já que era velha demais e ninguém interessava por ela.

O nono verso apresenta a cosmovisão de tudo que vai desde as características da casinha até a observação que faz referente ao lixo. Tudo é metamorfoseado e transmutado em linguagem poética. A expressão de alegria e de vida está nas flores do monturo, parece-nos trazer a imagem do contentamento, visto que as flores são adjetivadas de aventureiras e interessantes. O beco remete-nos das esquecidas professoras, referindo a escrita entre o rememorar e o esquecimento:

O beco da escola é uma transição.
Um lapso urbanístico
entre a Vila Rica e a Rua do Carmo.
Tem janelas.
Uma casinha triste de degraus.
Velhos portões fechados, carcomidos.
Lixo pobre.
Aqui, ali, amparadas no muro,
umas aventureiras e interessantes flores de monturo.

Velhas mestras... velhas infâncias...
Reminiscências vagas...

(Coralina, 1985, p. 118)

No décimo verso, o bequinho é rememorado como um lugar de brincar "O bequinho da escola brinca de esconder". Uma maneira carinhosa de recordar o universo infantil, sua rotina entrecruzando o passado e o presente, respectivamente:

O bequinho da escola brinca de esconder.
Corre da Vila Rica-espia a rua do Carmo.
É um dos mais singulares e autênticos becos de Goiás.
Tem a marca indisfarçada dos séculos
e a pátina escura do Tempo.
Beco recomendado a quem busca o Passado.
Recomendado- sobretudo-
aos poetas existencialistas,
pintores, a frei Nazareno.
Tem portões vestidos de velhice. Tem bueiro.
Tem muros encarquilhados,
rebuçadinhos de telhas.
São de velhas donas credenciadas
de velhas descendências
- guerreiros do Paraguai.
Bem estreito e sujo
como compete a um beco genuíno.
Esquecido e abandonado,
no destino resumido dos becos,
no desamar da gente da cidade

(Coralina, 1985, p. 118-119)

A cosmovisão em relação aos becos, mencionado várias vezes no poema, reafirma que é muito velho e traz marcas dos séculos, constatando a sua cor e a aparência do tempo que ele representa. No que se refere ao beco, também representa o passado e o tempo como aos poetas, pintores e ao Frei Nazareno, dando ênfase denotativo ao vocábulo beco, mostrando que se trata de objeto histórico caracterizado como um lugar sem cuidado e no esquecimento. Na décima

segunda estrofe, podemos observar que o eu lírico constrói e desconstrói o pensamento e, em um dado momento, relembra as imagens da memória coletiva:

> Poetas e pintores
> românticos, surrealistas, concretistas, cubistas,
> eu vos conclamo.
> Vindes todos cantar, rimar em versos,
> bizarros coloridos,
> os becos da minha terra.
> Ao meio dia desce sobre eles,
> vertical,
> um pincel de luz,
> rabiscando de ouro seu lixo pobre,
> criando rimas imprevistas nos seus monturos.
> De noite...noite de quarto,
> a cidade vazia se recolhe
> num silêncio avaro, severo,
> Horas antigas do passado.
> - Concentração.
> Almas penadas doutro mundo.
> Procissão das almas
> vai saindo da porta fechada das igrejas.
> Vem vindo pelas ruas.
> Desaparecem pelas esquinas.
>
> Responsam pelos becos.
> altas viagens: assombração...
> o diabo no corpo...
> Lobisomem...
>
> Simbolismo dos velhos avatares.
>
> (Coralina, 1985, p. 119)

Há a presença de elipse, arcaísmos e coloquialismo. A poeta mostra aqui outra faceta do vocábulo beco, relacionando-o ao místico e ao folclore, onde na magia da noite tudo é possível de se ver como os becos seculares que guardam as histórias e as lendas. A arte vai além do olhar cotidiano. Ela capta o que é fundamental e que perdura pelas imagens. Cora Coralina assumiu a posição de guardiã de uma memória coletiva de seu tempo de escola. Ribeiro (2018, p. 620), afirma que “a leitura mescla e estimula a imaginação, tanto como podemos ver as cenas, sentir os cheiros e admirar a natureza, enquanto o poeta relata suas sensações e fala de seu pensamento com humildade e simplicidade”. Sua poética nos faz transportar à cidade de Goiás, andar pelos becos, ver as casinhas grudadas umas nas outras, os muros, aquelas pessoas simples, onde todos se conhecem, as professoras e a maneira de ministrar as aulas eram sempre da mesma maneira.

Cora Coralina teve uma visão que transcendeu toda uma geração em meados do século XIX e XX. Hoje temos o legado de uma base educacional, onde podemos abstrair e apreender sob o olhar aguçado de uma mulher que abordou as facetas de um povo. Nesse universo escolar, os alunos não podiam expressar seus anseios e tinham que aprender de qualquer forma, uma pedagogia em que os pais acreditavam, extremamente, na palavra do professor o qual tinha um único paradigma de educar. Cambi (1999, p. 208) afirma que,

> À educação como emancipação foi, depois, delegada a formação do indivíduo, do sujeito, como indivíduo, que é o centro motor da modernidade: aquele sujeito livre, autônomo e responsável, mas que se sabe também construtor ativo do próprio mundo e caracterizado pela escolha e pela possibilidade; sujeito que se opõe ao mundo e a sociedade e que se indaga de maneira cada vez mais sutil e crítica (...).

Portanto, a escola, na sociedade vigente, exerce o papel de preparar o sujeito o qual irá decidir que caminho percorrer. Este, por sua vez, tem a liberdade nos mais diversos âmbitos e de se tornar autor da sua própria história. Na época disciplinar em que viveu Cora Coralina, o ensino era destinado a poucos e com regras severas simbolizadas pela palmatória. Em pleno século XXI, esse mesmo tempo prossegue marcado pela diversidade de discursos que não chega a um fim educacional, principalmente, a um modelo de ensino que busca a formação humana dos alunos.

3.3. A escola da mestra Silvina: a educação disciplinar do século XIX

A literatura aproxima-nos de épocas e dos povos que têm a sua importância determinada pelo contexto da história. Ela nos permite conhecer suas crenças, valores e transcriar o mundo através da riqueza do texto literário. Adentrar em cada verso dos poemas é ter o privilégio de aprender e reviver o ensino da época, a obediência, o respeito, os bons costumes, a professora e os colegas de sala de aula retratados por Cora Coralina. O poema "A escola da Mestra Silvina" está presente no livro *Poemas dos becos de Goiás e estória mais*, o qual foi publicado em 1965 pela Editora José Olympio, juntamente, com outras publicações pela Universidade Federal de Goiás (na Coleção Documentos Goianos):

Figura 9: Escola da Mestra Silvina.

Fonte: Google Imagens (2024).

O eu lírico relembra a escola de seu tempo com regras severas que ela impunha ao seu alunado obediente. O poema é apresentado com uma linguagem simples e reflexiva. E que nos transporta para um tempo em que as ordens impostas pelo professor era de cumpri-las, onde não havia interferências dos pais em uma escola. Conforme o discurso foucaultiano, a escola é semelhante aos quartéis, aos exércitos e as fábricas, onde os corpos são objetos de manipulação e poder que os transforma em corpos dóceis, obedientes e submissos. O contexto educacional retratado por Cora Coralina foi um período de escolarização precária, de uma vida difícil, da decadência do ouro e do fim da mão de obra escrava. Época em que a república começou a se desenvolver com várias mudanças. Foucault (1987, p. 164) diz que,

> O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma "anatomia política", que é também igualmente uma "mecânica do poder", está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina.

Nesta perspectiva, o comportamento era um dos quesitos que estava em primeiro lugar. A disciplina escolar foi uma regra severa. Os alunos cumpriam sem nenhum tipo de pergunta. Foi uma época onde se aceitava tudo no contexto escolar. O alunado não se atrevia a expor o seu ponto de vista e, muito menos, se auto defender. A escola coibia o pensamento de seus sujeitos. As ordens deveriam ser cumpridas, já que o domínio era como:

> uma multiplicidade de processos muitas vezes mínimos, de origens diferentes, de localizações esparsas, que se recordam, se repetem, ou se imitam, apoiam se uns sobre os outros, distinguem-se segundo seu campo de aplicação, entram em convergência e esboçam aos poucos a fachada de um método geral. Encontramo-los em funcionamento nos colégios, muito cedo; mais tarde nas escolas primárias; investiram lentamente o espaço hospitalar; e em algumas dezenas de anos reestruturam a organização militar. Circularam às vezes

> muito rápido de um ponto a outro (entre o exército e as escolas técnicas ou os colégios e liceus), às vezes lentamente e de maneira mais discreta (militarização insidiosa das grandes oficinas) (Foucault, 2014, p.136).

A disciplina organizava os lugares, as fileiras e as instituições, criando tanto o ambiente hierarquizado e definido como a garantia da obediência das pessoas. Ademais, foi um tempo em que não se valorizava o ser humano, ou seja, o estudante nunca expressava as suas vontades, deixando explícito a evidência do poder, e a visão humanística ficava em um segundo plano. Freire (1997) menciona que a desumanização do homem está pautada na injustiça, exploração e na violência dos opressores contra os oprimidos. O autor defende o amor, a humanização e a valorização do ser humano como princípio de todas as coisas. Ele tinha um olhar voltado para a educação, preparando o sujeito para a conscientização democrática, rejeitando qualquer tipo de manipulação e tratando do seu enaltecimento em todas as vertentes. O poema "A escola da Mestra Silvina" reflete sobre esse contexto quando diz que,

> Minha escola primária...
> Escola antiga de antiga mestra.
> Repartida em dois períodos para a mesma meninada,
> das 8 às 11, da 1 às 4.
> Nem recreio, nem exames.
> Nem notas, nem férias.
> Sem cânticos, sem merenda...
> Digo mal – sempre havia
> Distribuídos
> alguns bolos de palmatória...
> A granel?
> Não, que a Mestra
> era boa, velha, cansada, aposentada.
> Tinha já ensinado a uma geração
> antes da minha
>
> (Coralina, 1985, p. 75)

Nos primeiros versos do poema, pode-se perceber a recordação da sua infância ("Minha escola primária..."). O eu lírico deixa de mencionar algo a mais. É como se quisesse nos deixar decifrar, recordando o seu cotidiano escolar e a professora idosa, aposentada e cansada, mas o afirma que ela era uma excelente docente. A escola da mestra Silvina era organizada. A divisão do tempo se dava em dois turnos, sendo o primeiro das oito às onze horas e o segundo de uma às quatro horas ministrada sempre pela mesma educadora. Não existia notas, férias e nem o lanche, além de não apresentar nenhum tipo de atrativo para que os alunos pudessem frequentá-la. Entretanto, tinham o maior respeito pela professora e também pela metodologia de ensino,

onde a palmatória se fazia presente como parte da pedagogia disciplinar da instituição. Já no verso, “sem cânticos, sem merenda”, nota-se a falta de um momento para distrair como sair para o recreio e poder conversar ou ficar mais à vontade. A profissão docente era precária. A remuneração não era satisfatória. A mestra Silvina era aposentada e continuava a trabalhar, visto que não havia nem instituição e nem curso superior. Na sociedade atual, ainda encontramos docentes aposentados que continuam a trabalhar na mesma instituição devido à redução salarial.

Na sociedade disciplinar, a organização se dava apenas pelo olhar. A observação era o suficiente para que a obediência acontecesse. Foi um período controlado pelo poder público. Foucault (2014, p. 157) explica que “o poder se articula diretamente sobre o tempo; realiza o controle dele e garante a utilização”. Os alunos e a professora eram disciplinados e controlados pelo método de utilização do tempo, em que tudo era cronometrado e não deixando momentos vagos. Logo, remete-nos que a professora controlava o horário de forma estratégica, onde estava presente a disciplinarização:

> A gente chegava “— Bença, Mestra.”
> Sentava em bancos compridos,
> escorridos, sem encosto.
> Lia alto lições de rotina:
> o velho abecedário,
> lição salteada.
> Aprendia a soletrar.
>
> Vinham depois:
> Primeiro, segundo,
> terceiro e quarto livros
> do erudito pedagogo
> Abílio César Borges —
> Barão de Macaúbas.
> E as máximas sapientes
> do Marquês de Maricá.
>
> Não se usava quadro-negro.
> As contas se faziam
> em pequenas lousas
> Individuais.
>
> (Coralina, 1985, p. 76)

A maneira da professora conduzir a turma era sempre a mesma. Portanto, não tinha como errar. Dava tudo certinho, porque tudo era metrificado. Os alunos tomavam benção, pois foi uma maneira de respeito. A professora era vista como uma mãe. A rotina seguia um dia após o outro e sem novidades. Anos após anos e a mesmice continuava. A educação era destinada à

minoria, por isso, não sendo tão priorizada e nem vista como um direito universal. De acordo com Foucault (2014, p. 152), "a todos normas temporais que deviam ao mesmo tempo acelerar o processo de aprendizagem e ensinar a rapidez como virtude". Assim, percebemos então que as regras eram cumpridas. A metodologia era velha e repetitiva quando ao mencionar que "lia alto lições de rotina: o velho abecedário, lição salteada. Aprendia a soletrar" (Coralina, 1985, p. 75). Cora Coralina recorda dos livros de Abílio César Borges, o "primeiro, segundo, terceiro e quarto livros do erudito pedagogo Abílio César Borges-Barão de Macaúbas" (Coralina, 1985, p. 76). Sousa (2012, p. 660) relata que, no ano de 1866, Abílio César Borges foi um dos pioneiros do livro didático no Brasil, lançando o método Abílio para a educação. Dessa forma,

> Dos cinco livros de leitura de Abílio César Borges, o primeiro é o que possui características mais específicas, distinguindo-se dos demais por ser dirigido ao ensino das primeiras letras, mais propriamente à aquisição da leitura. Apresenta o método a ser seguido, sendo bem didático. Nos demais livros, existem apenas textos, sendo o quarto e o quinto os que possuem textos com conteúdo e linguagem mais complexos.

De acordo com Peres e Borges (2015, p. 45), os livros didáticos de Abílio César Borges contavam com poucas variações em relação à alfabetização, pois os "seus livros mantêm a soletração como base no processo inicial de aprendizagem da leitura". Os alunos resolviam os exercícios múltiplos sistematizados sob o comando da professora Silvina. Nessa circunstância, a professora é detentora do saber e do poder, onde os alunos são sujeitos passivos. Os discentes obedeciam ao que lhe era imposto. Chegavam à aula e cumprimentavam a mestra. Sentavam nos bancos e liam em voz alta o alfabeto e as lições. Para Freire (2010, p. 22), "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção". Nesta perspectiva, podemos perceber que a construção do conhecimento não existia, visto que os métodos de ensino já estavam prontos e seguiam a rotina determinada, seguindo uma conduta padronizada:

> Não havia chamada
> e sim o ritual
> de entradas, compassadas.
> "–Bença, mestra..."
>
> Banco dos meninos.
> Banco das meninas.
> Tudo muito sério.
> Não se brincava.
> Muito respeito.
> Leitura alta.

Soletrava-se.
Cobria-se o debuxo.
Dava-se a lição.
Tinha dia certo de argumento
com a palmatória pedagógica
em cena.
Cantava-se em coro a velha tabuada.

(Coralina, 1985, p. 76)

As ações de obediências faziam parte da educação como processo de aprendizagem, destacando-se o respeito a professora e a normas a serem cumpridas. A separação dos meninos e das meninas era comum nas escolas antigas. Os versos acima mostram a educação tradicional que se baseava no respeito mútuo. Foucault (2014) afirma que o poder disciplinar acontecia de forma discreta. As ações passavam despercebidas no ambiente escolar, onde os atos se tornavam princípios a serem cumpridos, onde tais comportamentos ficavam evidentes pela posição da fila e ao classificar os alunos pelo lugar onde se sentava.

No âmbito educacional no século XXI, as filas estão presentes nas salas, nos corredores e nos pátios. Os alunos são agrupados por idades, divididos por desempenhos e classes sociais. Existe a hierarquização do saber efetivada por notas/méritos. A professora Silvina direcionava os alunos à memorização mecânica dos conteúdos. A educação, nesse sentido, "se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante" (Freire, 2010, p. 80). Na sociedade disciplinar, quanto mais forem os conteúdos para os alunos mais competentes é visto o professor, quanto mais os alunos "se deixam docilmente encher", tanto melhores educandos serão" (Freire, 2010, p. 80).

O eu lírico destaca que "não havia chamada e sim o ritual de entrada, compassada. "- Bença, mestra...". Os alunos entravam na sala com passos organizados. Não é mencionado que a professora era severa, mas nota-se que existia um poder hierárquico pelo comportamento dos alunos. Na entrada, faziam pausa para cumprimentar a professora. Nesta circunstância, percebe-se a influência da Educação Religiosa quanto familiar, onde o mestre é visto como alguém da família. Esta, por sua vez, era a forma de manter o respeito perante o professor. Neste construto, a religião era base familiar e da sociedade da época. Nos versos "Banco dos meninos. Banco das meninas. Tudo muito sério, não se brincava. Leitura alta. Soletrava-se. Cobria-se o debuxo. Dava-se a lição", há a utilização da sequência de ponto final, onde as atividades ministradas pela professora tinham um prazo limite, enquanto os sinais gráficos do poema simbolizam a execução das atividades sem nenhum tipo de interrupção.

Foucault (2014) aborda que é possível com a determinação de lugares individuais o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos, organiza-se a economia de tempo de aprender. Desta forma, a escola é como uma máquina de ensinar, de vigiar, de hierarquizar, de recompensar e punir, pois "tinha dia certo de argumento com a palmatória pedagógica em cena". A palmatória era objeto de um grande valor, pois servia de argumento de aprender e de corrigir, visto que no poema do início ao fim não há palavras da mestra Silvina de humilhação ou em tom alto. Era somente pelo olhar, e os alunos já compreendiam e se mantinham assíduos na sala de aula.

Os lugares das meninas e dos meninos eram estratégicos, ou seja, de fáceis observações. Espaços esses que podiam ver todos em seu "vigor, rapidez, habilidades e constância" (Foucault (2014, p. 140-141). Esses locais foram criados eram úteis, ou seja, serviam também para vigiar. Havia o controle dos corpos nos espaços de acordo com certas características. Na escola da "mestra Silvina", os meninos sentavam separados das meninas, pois era uma determinação da professora. As penalidades serviam para a adaptação dos sujeitos como se pode constatar ainda nas escolas públicas onde há algumas penalidades aos infratores quanto a quebra das normas escolares:

A casa da escola inda é a mesma.
-Quanta saudade quando passo ali!
Rua Direita nº 13.
Porta de rua pesada,
Escorada com a mesma pedra
Da nossa infância.

Porta do meio, sempre fechada.
Corredor de lajes
E um cheirinho de rabugem
dos cachorros de Samélia.
À direita salas de aulas.
Janelas de rótulas
Mesorra escura
Toda manchada de tinta.
Das escritas.
Altos na parede, dois retratos:
Deodoro, Floriano.

Num prego de forja, saliente na parede,
estirava-se a palmatória.
Porta de dentro abrindo
numa alcova escura.
Um velhíssimo armário.
Canastras tacheadas.
Um pote d'água.
Um prato de ferro.

> Uma velha caneca, coletiva,
> enferrujada.
> Minha escola da Mestra Silvina...
> Silvina Ermelinda Xavier de Brito.
> Era todo o nome dela.
>
> (Coralina, 1985, p. 76-77)

O eu poético rememora a casa, a escola e as paredes. O endereço da escola era a Rua Direita, nº 13. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2015), o número treze está ligado ao agouro e ao presságio, mas com o passar dos anos, veio a ter outras interpretações como o poder gerador do bem e do mal. Foucault (2014) reitera que os aparelhos disciplinares como a escola, por exemplo, transcorrem pela qualificação de comportamentos a partir de dois valores opostos, o do bem e do mal e das notas boas e ruins. Desta maneira, elas medem a aprendizagem dos alunos e a circunstância da aprendizagem, enquanto as notas baixas estão relacionadas com algo negativo quanto a aprendizagem que não foi suficiente. A sociedade disciplinar, normalmente, foi criada em ambientes fechados, sempre controlados pelo tempo e a vigilância, uma vez que "cada indivíduo no seu lugar; e cada lugar um indivíduo" (Foucault, 2014, p. 140). Ela controla o alunado em todas as suas circunstâncias, seja pelas presenças e faltas ou no vocabulário estabelecido pela instituição.

Na sociedade vigente, nota-se que a ordem disciplinar permanece nas escolas militares quanto ao horário (para marchar), a uniformização e a maneira de se sentar na sala de aula. O aluno que não foi bem nas atividades terá que voltar para a escola no turno contrário da sua aula, além de serem vigiados pelas as ausências e notas. Caso contrário, o diretor busca o aluno no veículo policial para que este possa retornar à instituição. Para os indisciplinados, existem os castigos que podem ser de lavar o pátio da escola até os banheiros. Percebe-se que a palmatória só mudou de nome, visto que nas instituições militares elas ainda permanecem de outra forma. Yazbec (2015, p. 101-102) esclarece que,

> Foucault não considera a disciplina como uma técnica ou um tipo de exercício do poder que teria sido inteiramente inventada no século XVIII – ao contrário, ela remonta mesmo à Antiguidade. No entanto, até o século XVIII os mecanismos do poder disciplinar existiam em "estado isolado, fragmentado": o que ocorreu desde então foi o seu aperfeiçoamento enquanto "nova técnica de gestão de homens", de controle de uma multiplicidade de indivíduos a fim de "majorar o efeito útil de seu trabalho e de sua atividade" (grifos do autor).

Essas formas de disciplinas ou castigos existem desde a Antiguidade. O que aconteceu foi o aprimoramento das técnicas de controle como maneira de conter os corpos. Dentro deste

contexto, os corpos disciplinados são aqueles que são moldados, adestrados e treinados para desempenhar o que a instituição ou outro órgão lhe impõe. Para facilitar o poder existente, ela é delimitada pelos espaços como a casa, os corredores e as salas de aula. Nota-se que o eu lírico menciona que a porta estava sempre fechada, porque há uma ordem de controle dentro dos espaços fechados. Isso nos remete a um ar de tristeza no momento em que é abordado as características do ambiente, do cheiro, das paredes e janelas sujas. A casa guardava as marcas do poder. As paredes estão marcadas por imagens de duas pessoas (Deodoro e Floriano) em consonância com a palmatória enquanto forma de punição e, justamente, colocada em lugar proposital que todos poderiam ver para não esquecer das penalidades:

> Velhos colegas daquele tempo,
> onde andam vocês?
>
> Sempre que passo pela casa
> Me parece ver a Mestra,
> Nas rótulas.
>
> Mentalmente beijo-lhe a mão.
> "-Bença, Mestra."
> E faço a chamada de saudade
> dos colegas:
> Juca Albernaz, Antônio,
> João de Araújo, Rufo.
> Apulcro de Alencastro,
> Vítor de Carvalho Ramos.
> Hugo das Tropas e Boiadas.
> Benjamim Vieira.
> Antônio Rizzo.
> Leão Caiado, Orestes de Carvalho.
> Natanael Lafaiete Póvoa.
> Marica. Albertina Camargo.
> Breno — "Escuto e tua voz vai
> se apagando com um dolente ciciar
> de prece".
>
> Alberico, Plínio e Dante Camargo.
> Guigui e Minguito
> De Totó dos Anjos.
> Zoilo Remígio.
> Zelma Abrantes.
> Joana e Mariquinha Milamexa.
> Marica. Albertina Camargo.
> Zu, Maria Djanira, Adília.
> Genoveva, Amintas e Teomília.
> Alcides e Magnólia Craveiro.
> Pequetita e Argentina Remígio.
> Olímpia e Clotilde de Bastos.
> Luisita e Fani.
> Nicoleta e Olga Bonsolhos.

> Laura Nunes.
> Adélia Azeredo.
> Minha irmã Helena.
> (Eu era Aninha.)
> Velhos colegas daquele tempo.
> Quantos de vocês respondem
> Esta chamada de saudades
> E se lembram da velha escola?
>
> E a Mestra?...
> Está no Céu.
> Tem nas mãos um grande livro de ouro
> E ensina a soletrar
> Aos anjo.
>
> (Coralina, 1985, p. 78)

Os modelos de disciplinas estavam na memória dos sujeitos. Eles repetiam os atos que vivenciaram. O eu poético recorda o ritual das aulas na escola e, quando beijava a mão da mestra, rememora cada um dos colegas de sala, fazendo a chamada da saudade, repetindo a mesma ação de controle dos corpos para constatar quais de seus colegas estão vivos, pois "E faço a chamada de saudade dos colegas". É o passado vindo à tona, recordando cada colega de sala uns com o nome completo, outros, em forma de apelidos. Essa recordação é compreendida como o tempo passado nutrido de saudades das pessoas que fizeram parte da vida quotidiana.

A mestra Silvina se apresentava como uma professora possuidora do poder e de uma disciplinarização ao dirigir um tom de voz severo aos alunos. Tal conduta era confirmada pela maneira de sentarem na sala de aula e na forma de cumprimentá-la. Era tudo bem compassado. Os alunos chegavam já comportados e com os passos pareciam serem contados, até porque,

> (...) na sociedade atual, pode-se perceber que já não é possível compreender a educação sem a escola, porque a escola é a forma dominante e principal da educação. Assim, para compreender-se as diferentes modalidades de educação, exige-se a compreensão da escola. Em contrapartida, a escola pode ser compreendida independentemente das demais modalidades de educação (Saviani, 2008, p. 102-103).

Partindo-se dessa premissa, a educação se dava através da escola e de forma intencional. O docente atuava como mediador para buscar um conhecimento sistematizado, um sujeito com novo olhar sobre as coisas para construir um mundo melhor e ter um crescimento intelectual, além de que a educação ainda continua sendo um exercício diário entre docente e discente.

3.4. Mestra Silvina: as lembranças de uma educação tradicionalista

O passado guarda algo revelador e sempre guarda os véus da memória. Navegar no passado é buscar a história adormecida que vem através de *insights*, podendo dar compreensão maior a dado acontecimento. Retomá-lo pode ajudar a desvendar segredos e serem compreendidos no presente. Segundo Arendt (2016a, p. 106), "todo pensamento deriva da experiência, mas nenhuma experiência produz significado ou mesmo coerência sem passar pelas operações de imaginação e pensamento". Assim, quando refletimos sobre ele, temos a oportunidade de trazê-lo ao presente para olharmos de outra maneira, ou seja, de uma forma mais interpretativa e com olhar mais aguçado para determinados acontecimentos que, outrora, talvez não conseguíssemos analisá-los. O sujeito é temporal. Lança o seu olhar para o futuro, mas não deixa de manifestar as experiências que o passado lhe proporcionou. O tempo é o agora, "é o portador da vida, do inevitável, do predestinado" (Husserl, 1971, p. 128). Assim, Cora Coralina revisita o passado para se afirmar no presente:

> Vesti a memória com meu mandrião balão.
> Centrei nas mãos meu vintém de cobre.
> Oferta de uma infância pobre, inconsciente, ingênua,
> revivida nestas páginas.
>
> Minha escola primária, fostes meu ponto de partida,
> dei voltas ao mundo.
> Criei meus mundos...
>
> (Coralina, 1987, p. 123)

No poema "Mestra Silvina", o eu lírico faz uma retrospectiva de todo o seu percurso infantil escolar até a idade adulta. Este poema está no livro *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*, publicado em 1987.

Figura 10: Poema "Mestra Silvina"

Fonte: Google Imagens (2024)

A poetisa rememora sempre a escola primária por ser o lugar onde iniciou o caminho das primeiras letras e dos passos de uma vida sem carinho e desacreditada, porém recheada de sonhos. Na segunda estrofe, o eu poético internaliza toda uma saudade do tempo de escola, do que estava acontecendo, da saudade da professora e de onde sentava, ou seja, "no banco das mais atrasadas". O poetar é como se ela reconhecesse tudo o que passou e que, posteriormente, foi reconhecida:

> Minha escola primária. Minha memória reverencia minha velha Mestra.
> Nas minhas festivas noites de autógrafos, minhas colunas de jornais e livros, está sempre presente minha escola primária.
> Eu era menina do banco das mais atrasadas.
>
> (Coralina, 1987, p. 123)

Pode-se constatar que o eu-lírico "reverencia a velha mestra" como se fosse uma forma de agradecimento a todo aprendizado adquirido. Ela retoma o passado para justificar o lugar que chegou. Nesta perspectiva,

> (...) A poetisa tenta recriar pela imaginação, pela ação, uma atmosfera de integração perfeita com todas as idades, onde não há desgaste de tempo, pois o ser se encontra em estado de eternidade. O poema, assim, é um fluxo temporal que, absorvendo o passado, o presente se configura e o futuro é uma ponte para a realização plena (Vellasco, 2023, p. 137).

A autora menciona que no poema há todas as idades. Este não envelhece, e o futuro é visto como concretização perfeita, conectando todas as fases da existência. Essa citação nos convida a pensar as nossas limitações temporais e nos aproximar de uma consciência mais arraigada da vida.

Cora Coralina aborda no poema os três tempos verbais como o passado, o presente e o futuro, além de falar das dificuldades que se afirmam no presente. Agostinho (1994, p. 2) afirma que "o presente é o "agora", mas se permanecesse sempre presente e não se tornasse passado, não seria mais tempo e sim eternidade. Então, se o presente precisa se tornar passado para ser tempo, ele não é, porque o que é não deixa de ser". O autor menciona que existem três tempos na mente humana como: a lembrança presente das coisas passadas, a visão presente das coisas presentes e a esperança presente das coisas futuras. A poeta segue o seu caminhar ao ratificar que "Tantos anos já corridos...tantas voltas deu-me a vida", reafirmando a vida longa e sem fronteiras, pois ela tinha consciência do que falava e, ainda, continua a dizer que,

> Minha escola primária...
> Eu era um casulo feio, informe, inexpressivo.
> E ela me refez, me desencantou.
> Abriu pela paciência e didática da velha mestra,
> cinqüentanos mais do que eu, o meu entendimento ocluso.
>
> A escola da Mestra Silvina...
> Tão pobre ela. Tão pobre a escola...
> Sua pobreza encerrava uma luz que ninguém via.
> Tantos anos já corridos...
> Tantas voltas deu-me a vida...
>
> (Coralina, 1987, p. 124)

Cora Coralina dá ênfase à escola primária talvez por querer afirmar o gostar de estudar ou justificar a sua caminhada árdua sempre desacreditada ao mencionar que tinha dificuldades e por não ser percebida pelos demais. Nunca desistiu de escrever. Sua imaginação foi nutrida pela força motriz das suas escritas. Paul Ricoeur (2000, p. 375) afirma que,

> O sentimento poético, em suas manifestações metafóricas, manifesta a indistinção do interior e do exterior. As texturas poéticas do mundo (alegre ondulação) e os esquemas poéticos da vida interior (lago de gelo), correspondendo-se, manifestam a reciprocidade do dentro e do fora.

Desse modo, a emoção de um poeta é capaz de criar uma ponte entre ele e o leitor que manifesta seus sentimentos para alcançar essa conectividade. Este olhar poético nos convoca a refletir o universo humano, afirmando que o interior e o exterior entrecruzam e se influenciam concomitantemente. Os escritos de Cora Coralina vão além do que está no papel, transformando em cada olhar a manifestação dos diferentes "eus". Ela expõe sua sensibilidade poética de uma maneira bem nítida, exteriorizar tudo o que está guardado como as suas lembranças, tristezas, aprendizagens e a vida árdua. Cora Coralina mergulha no passado, retoma o presente e pensa no futuro. O eu poético, já em fase de reconhecimento da vida de escritora, demonstra que esse reconhecimento chegaria um dia:

> No brilho de minhas noites de autógrafos,
> luzes, mocidade e flores à minha volta, bruscamente a mutação se faz.
> Cala o microfone, a voz da saudação.
> Peça a peça se decompõe a cena,
> retirados os painéis, o quadro se refaz,
> tão pungente, diferente.
>
> (Coralina, 1987, p. 123)

A poética de Cora Coralina é abrangente e valoriza cada detalhe. Quando lemos os seus poemas, é possível visualizar cada cena como se estivesse acontecendo agora. Eliot (1989, p. 47) aborda que "o objetivo do poeta não é descobrir novas emoções, mas utilizar as corriqueiras e, trabalhando-as no elevado nível poético, exprimir sentimentos que não se encontram em absoluto nas emoções como tais". A poeta transformou as experiências em poemas, envolvendo o cotidiano e a natureza, fazendo de sua escrita de cunho humanista e de uma forma peculiar. Nos últimos versos, o eu lírico retorna ao presente e revisita o passado, fazendo uma viagem pelo tempo de escola, mencionando a infância e as adversidades:

> Toda pobreza da minha velha escola
> se impõe e a mestra é iluminada de uma nova dimensão.
> Estão presentes nos seus bancos
> seus livros desusados, suas lousas que ninguém mais vê,
> meus colegas relembrados...
> Queira ou não, vejo-me tão pequena, no banco das
> atrasadas.
> E volto a ser Aninha,
> aquela em que ninguém
> acreditava.
>
> (Coralina, 1987, p. 123)

O eu lírico menciona o tempo de escola em quase todos os versos, visto que foi onde ela começou a ter visão e a descobrir as suas potencialidades da escrita como em "eu era um casulo feio, informe, inexpressivo. E ela me refez, me desencantou". O poema faz a revelação do passado, trazendo a tradução do sentimento em uma viagem pela memória, o da infância (passado), quando afirma que "no brilho de minhas noites de autógrafos, luzes, mocidade e flores à minha volta (...)". Assim, Almeida (2009, p. 242) assevera que "os objetos guardam as lembranças de quem os possui e representam toda uma experiência de vida escolhida para ser conservada, lembranças seletas de momentos preciosos para aquele que guarda, conserva". Cora Coralina abordou todos os acontecimentos, recordando cada item da escola, pois foi o lugar de maior destaque de sua vida.

No poema está a força motriz de sua voz que nunca calou. A expressão do "eu" está em várias dimensões, vivendo cada acontecimento. E agora expondo sob fio condutor da memória, contemplou o percurso escolar e o caminho do reconhecimento, mas nunca deixou de falar suas origens quando menciona que "queira ou não, vejo-me tão pequena, no banco das atrasadas. E volto a ser Aninha, aquela em que ninguém acreditava".

Cora Coralina viveu em um contexto em que quase nada era permitido à mulher. Ela desafiou o seu tempo e enfrentou a todos pela sua escrita poética. Com isso, tornou-se livre e, na atual conjuntura da sociedade, pode-se ver mulheres assumindo vários cargos, inclusive, no contexto educacional. O último Censo Escolar, o de 2021, divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) em 31 de janeiro, mostra que o cenário educacional brasileiro é composto pela maioria de mulheres (nas funções de professores e diretoras) das escolas de educação básica. A primeira etapa da pesquisa estatística contabilizou 2,2 milhões de docentes e 162.796 profissionais em cargos de direção. A maioria expressiva das pessoas que estão na posição de gestor escolar são mulheres (80,7%) com formação superior (89,5%).

O poema "Mestra Silvina" esclarece que a autora deu os primeiros passos rumo ao reconhecimento, foi audaciosa e não teve medo. Exaltou sua aprendizagem com o verso "Minha escola primária", demonstrando a importância da escola na sua vida. Além disso, valorizou o pouco do que frequentou a escola, os colegas e as cartilhas. Todo o envolvimento se transforma em saudades, e o que aprendeu impulsionou para que pudesse ser valorizada. Revisitar os seus poemas é aprender com uma pessoa simples e de uma linguagem contemporânea. Ela conseguiu deixar um legado poético voltado para as coisas interioranas, mas recheado de contemplação para os sujeitos das mais variadas idades.

4. MEMÓRIA, NARRATIVA E ESCOLA: RETOMANDO OS AUTORES

> A vida é um fio, a memória é seu novelo. Enrolo – no novelo da memória – o vivido e o sonhado. Se desenrolo o novelo da memória, não sei se tudo foi real ou não passou de fantasia.
>
> (Queirós, 2011, p. 6)

O presente capítulo aborda os estudos sobre a relação do tempo, da memória e da história com a educação e a literatura a partir da narrativa de Machado de Assis e dos poemas de Cora Coralina ao se tratar da representação histórica dos modelos de ensino e de escola do século XIX e XX. De início, é importante salientar que as lembranças desse passado aqui abordadas não são apenas recordações dos autores, mas se trata da rememoração dos acontecimentos deste período enquanto tempo presente da narrativa. De acordo com Halbwachs (2006, p. 14), "na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho". Assim, os autores apresentam em várias fases dos contos e poemas os momentos da infância, da escola e da vida cotidiana. Estes registros históricos não são só lembranças, mas um tempo histórico ou cronológico que foi reescrito para o tempo do leitor, tomando-se como base o texto fictício ao trazer esses fatos com novos olhares, dando sugestões e/ou mostrando outros mundos a fim de transcriar o tempo presente.

No "Conto de Escola", de Machado de Assis, há a rememoração da preferência de onde o personagem gostaria de estar ao invés de ir para a escola todos os dias, já que "a vontade do garoto Pilar era de brincar com os colegas, pois as aulas não eram motivadoras, ele não faltava às aulas, porque o seu pai o obrigava ir" (Assis, 2004, p. 135). Neste caso, Halbwachs (2006, p. 71) assevera que,

> A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada. Certamente, que se através da memória éramos colocados em contato diretamente com alguma de nossas antigas, impressões a lembrança se distinguiria, por definição, dessas ideias mais ou menos precisas que nossa reflexão, ajudadas pelos relatos, os depoimentos e as confidências dos outros, permite-nos fazer uma ideia do que foi o nosso passado.

Pode-se dizer que as lembranças são reconstruções da memória e que estas fazem parte de um grupo, sendo que a memória individual está em consonância com a do coletivo e que ambas se influenciam. O indivíduo vive em grupo, e a coletividade é um dos construtores de identidade desses sujeitos que precisam uns dos outros para aprender, socializar e construir histórias.

O poema "O beco da escola", de Cora Coralina, é representação da memória do eu-lírico quando se "menciona referente às particularidades de cada mestra e as características também relacionadas a escola da época" (Coralina, 1985, p. 117). O que reafirma a fala de Halbwachs em relação a memória como parte integrante do contexto social. A instituição escolar faz parte da lembrança da maioria dos indivíduos por ser o lugar de socialização. Cada indivíduo traz a sua história da época escolar, e essas lembranças estão no conto machadiano quando Pilar faz referência a escola e, também, no poema "A escola da mestra Silvina", de Cora Coralina, como construção sólida da rotina e das regras severas que o professor impunha aos estudantes. Todos esses eventos históricos estão conservados na memória do sujeito, os quais vieram para o presente com vários questionamentos. Portanto, Nora (1993, p. 30) diz que a memória "é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações".

A vida é um processo de lembranças. Estas, por sua vez, ocorrem pelos *insights* ou em conversas/recordações sobre algo marcante que o sujeito não recordava. Logo, esta capacidade de reviver alguma lembrança é articulada com algum episódio singular da vida da pessoa. É um vínculo associado à recordação do passado e que retorna ao presente com um novo significado. A memória busca o tempo que estava perdido ou esquecido, e que essas cenas vêm fazer parte do presente para reafirmar as experiências do passado vivido, transpondo os acontecimentos em textos literários. Recorrer a Machado de Assis e a Cora Coralina é poder participar de perto das mais diversificadas formas em que os autores observaram seu povo e a cultura, tecendo-os cada elemento histórico em ficção. Ricoeur (1995, p. 130) afirma que "a ficção não apenas conserva o vestígio do mundo prático, do fundo do qual ela se destaca, mas reorienta o olhar para os traços da experiência que "inventa", isto é, ao mesmo tempo que descobre e cria". É nessa conexão que há a liberdade de transcriação do mundo através daquilo que pôde observar e presenciar sobre os determinados eventos como, por exemplo, o do sistema educacional, as escolas e os modelos de ensino dos séculos XIX e XX.

Os contos de Machado de Assis e os poemas de Cora Coralina estão ordenados de forma em que nos fazem compreender que os devidos acontecimentos históricos são representações de um tempo cronológico. A literatura configura esse tempo e espaço no tempo presente do autor e do leitor como marco da sociedade recordada. Nesse sentido, a narrativa machadiana analisada retrata os valores sociais e educacionais dessa época, utilizando-se do texto literário para expressar suas experiências, tropeços, recomeços e resiliências.

4.1. Tempo e história na narrativa escolar de Machado de Assis e Cora Coralina

Partindo da premissa de Paul Ricoeur (1995) que o tempo da narrativa é o tempo narrado pelo autor, logo, podemos pensar que as lembranças dos costumes e das tradições de Machado de Assis e de Cora Coralina são recordações do tempo de suas experiências vivenciais em que a memória não é a matriz da história, mas sim a reapropriação do passado histórico. Os autores constituíram através de seus textos os momentos referenciados através da história da sociedade pelo tempo de escola e da vida cotidiana. Referente a narrativa, Ricoeur (1995, p. 287) diz que "o mundo exibido por qualquer obra narrativa é sempre um mundo temporal e, frequentemente, ele retoma a ideia de que o tempo se torna tempo humano quando articulado de modo narrativo, enquanto a narrativa ganha significação se esboça os traços da experiência temporal". Nota-se, a partir daí, que o processo de tempo ocorrido nas narrativas é o tempo em que o autor viveu, mas que se encontram representados no mundo, na trajetória e no olhar aguçado dos personagens e do eu lírico, ou melhor, no mundo do texto. Desse modo, percebe-se que o sujeito é moldado pelo conhecimento histórico e com a apreensão dos fatos. Assim, é neste contexto humano que as experiências se multiplicam através das narrativas ocorridas ao abordar as riquezas dos fatos.

No "Conto de escola", o tempo passado no presente da narrativa está no trecho em que o personagem, ao lembrar da história, diz que "não esqueçam que estávamos então no fim da Regência, e que era grande a agitação pública. Policarpo tinha decerto algum partido, mas nunca pude averiguar esse ponto" (Assis, 2004, p. 137). Percebe-se que a construção do conto envolvia a fase da política, sendo um momento importante para o professor que estava atento às notícias do jornal. Nesse sentido, Ricoeur (1995, p. 147) assevera que "o mundo contado é o mundo do personagem e é contado pelo narrador", pois o narrador-observador é o aluno Pilar já em fase adulta, relatando tudo o que aconteceu quando criança. Quanto ao poema "A escola da mestra Silvina", de Cora Coralina, o marco temporal é retratado na seguinte passagem:

Velhos colegas daquele tempo...
onde andam vocês?
E faço a chamada de saudade
dos colegas:
Juca Albernaz, Antônio,
João de Araújo, Rufo.
Apulcro de Alencastro,
Vítor de Carvalho Ramos.
Hugo das Tropas e Boiadas.
Benjamim Vieira.
Antônio Rizzo.
Leão Caiado, Orestes de Carvalho.
Natanael Lafaiete Póvoa.
Marica. Albertina Camargo.
Breno — "Escuto e tua voz vai
se apagando com um dolente ciciar
de prece".
A casa da escola inda é a mesma.
-Quanta saudade quando passo ali!
Rua Direita, nº 13.
Porta da rua pesada,
Escorada com a mesma pedra
da nossa infância (...)

(Coralina, 1985, p. 76-77)

O eu lírico aborda o tempo da escola como o marco crucial na sua vida ao retratar o nome de cada um dos colegas de sala, salientando que, sem as devidas mudanças, a escola ainda permanecia no mesmo lugar. Em relação ao tempo, ele é essa movimentação de infinitas faces, aspectos e dos ritmos, rememorando os velhos tempos com nostalgia e conexão com o passado no presente, isto é, no tempo de escrita do poema. Segundo Neves (1995, p. 1), “cada tempo tem o seu substrato e cada substrato temporal inclui em si singularidade e multiplicidade”. Nesta perspectiva, a essência do ser humano é a marca do seu tempo, é revelado pelas ações, valores e através da imaginação ao corresponder o tempo em que aconteceram os fatos com a narrativa de Machado de Assis e a leitura dos poemas de Cora Coralina. Essa sucessão de elementos e de suas variedades constituem o momento presente de quem os leem.

A história cronológica do século XIX e XX se torna na reconstrução desse passado em um tempo momento único, a do presente do leitor. Logo, esses dados acontecimentos com datas específicas fazem referências aos fatos obtidos a partir da investigação ou de sua representação no texto literário. Le Goff (1984, p. 169) afirma que “a contradição mais flagrante da História é sem dúvida o fato de seu objeto ser singular, um acontecimento, uma série de acontecimentos, de personagens que só existem uma vez, enquanto que seu objetivo, como o de todas as ciências é atingir o universal, o geral, o regular”. Assim, a história não muda os fatos, visto que é fruto

do registro impessoal de cada episódio. Já em relação a memória, é a lembrança que se modifica em uma história que foi vivida e que continuará sempre viva a cada recordação, porque a lembrança não é estática. Os acontecimentos se renovam a cada geração ao serem recontados como histórias ou memórias. A lembrança não se dá em um único acontecimento, mas no tempo de um contexto social. Para Ricoeur (1994, p. 142),

> Primeiro, a história só é conhecimento pela relação que estabelece entre o passado vivido pelos homens de outrora e o historiador de hoje. O conjunto dos procedimentos da história fez parte da equação do conhecimento. Daí resulta que o passado realmente vivido pela humanidade só pode ser postulado, tal como o número kantiano, na origem do fenômeno empiricamente conhecido. Ademais, se o vivido passado fosse-nos acessível, não seria objeto de conhecimento porque, quando era presente, esse passado era como nosso presente, confuso, multiforme, ininteligível. Ora, a história visa a um saber, a uma visão ordenada, estabelecida sobre cadeias de relações causais ou finalistas, sobre significados e valores.

O conhecimento histórico é uma construção. O passado não está disponível, mas ele é reestruturado a partir de vestígios e interpretações. Ele reflete a complexidade da memória coletiva e da narrativa histórica. A história procura criar uma apreensão organizada dos fatos passados em períodos e atos, pois o "tempo torna-se humano precisamente quando é organizado à maneira de uma narrativa, e a narrativa extrai o seu sentido exatamente da possibilidade de retratar os aspectos da experiência temporal. Temporalidade e narratividade reforçam-se reciprocamente". Portanto, a narrativa se constrói no tempo em que ela foi escrita, ou seja, o olhar do poeta daquela época está inserido no tempo e no mundo decodificado pelo leitor.

A narrativa adquire significado com a designação das características da experiência temporal (*expérience temporelle*). Assim, a temporalidade do homem mostra que ela depende da narratividade, porque "o tempo torna-se tempo humano (*temps humain*) na medida em que está articulado de modo narrativo" (Ricoeur, 1986, p. 15). Pode-se então afirmar que os contos de Machado de Assis e os poemas de Cora Coralina são explicações da vivência do passado, mas que ainda estão presentes do tempo de quem os leem, contribuindo com os registros das experiências em formas de narrativas que muitos colaboram para a compreensão da escola e do ensino na atualidade.

4.2. Memória e história: a imagem da escola pela escrita literária

Recordar é trazer vários contextos históricos para o tempo presente. A memória revisita o presente sob nova perspectiva, portanto, recordar algum momento se baseia no convívio social

do qual pertenceu. Não haveria passado se não houvesse memória, pois ela é a representação da história e da identidade de um povo. Esses registros reconstituem um grupo social, mostrando como era e sob um novo olhar do leitor. No conto "Teoria do Medalhão", de Machado de Assis, essa representação de memória é perceptível na medida em que,

> Nenhum me parece mais útil e cabido que o de medalhão. Ser medalhão foi o sonho da minha mocidade; faltaram-me, porém, as instruções de um pai, e acabo como vês, sem outra consolação e relevo moral, além das esperanças que deposito em ti. Ouve-me bem, meu querido filho, ouve-me e atende. És moço, tens naturalmente o ardor, a exuberância, os improvisos da idade (Assis, 2011, p. 18).

Nesta passagem, o pai de Janjão está conversando com o filho, aconselhando-o e, ainda, recordando o seu tempo de mocidade, salientando que ele não teve a mesma oportunidade de ser aconselhado e ressalta toda a sua confiança que deposita nele. Em relação ao poema "Mestra Silvina", de Cora Coralina, pode-se averiguar essa representação da memória:

> Vesti a memória com meu mandrião balão.
> Centrei nas mãos meu vintém de cobre.
> Oferta de uma infância pobre, inconsciente, ingênua,
> revivida nestas páginas.
> Minha escola primária, fostes meu ponto de partida,
> dei voltas ao mundo.
> Criei meus mundos...
> Minha escola primária. Minha memória reverencia minha
> velha Mestra.
> Nas minhas festivas noites de autógrafos, minhas colunas de
> jornais e livros, está sempre presente minha escola primária.
>
> (Coralina,1987, p. 123)

Na estrofe acima, é perceptível ver essa retomada do tempo passado. A infância outrora inconsciente é retornada sob um novo direcionamento. Logo, tudo o que o eu lírico viveu e as adversidades estão no presente por ser a força motriz de sua resiliência. A poeta dá ênfase em um ponto marcante a essa representação da escola primária, algo crucial na sua vida, visto que é o lugar ou a espacialidade de onde tudo começou.

Em Roma, a memória era vista como essencial e imprescindível, haja vista que o orador, de acordo com as regras da retórica, não poderia recorrer ao discurso escrito. Deveria, portanto, ter uma boa memória sob pena de perder a credibilidade e, até mesmo, o seu ofício, porque se valorizava a memória enquanto meio de conservar informações. Dessa forma, "o poeta Cícero explicou a memória fazendo uma analogia às marcas deixadas na cera pelos homens" (Kessel,

2008, p. 1). Nesse mesmo contexto, a pessoa que tinha boa memória garantia a sua credibilidade perante as pessoas, sendo valorizada tanto na área jurídica como na educação. O sujeito que rememora com facilidade já exercia um grande poder mediante a sociedade. A memória foi considerada um ser supremo na Antiguidade, permitindo que as informações e conhecimentos fossem disseminados e preservados ao longo dos anos.

Sob esta perspectiva, podemos dizer que "a memória é a possibilidade de recolocação das situações escondidas que habitam na sociedade profunda, na sensibilidade" (Halbwachs, 2006, p. 67-68). O autor defende que a renovação permanente das lembranças evidencia as diferenças entre a memória e a história pelo modo como ambas se relacionam com o tempo. Para que ela exista, é preciso que haja um sentimento de continuidade ao retê-la, pois jamais se desunirá do passado no presente. Assim, ele complementa que,

> A memória não faz corte ou ruptura entre passado e presente porque retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. Por definição, ela não ultrapassa os limites deste grupo. Quando um período deixa de interessar ao período seguinte, não é um mesmo grupo que esquece uma parte de seu passado: há, na realidade, dois grupos que se sucedem. A história divide a sequência dos séculos em períodos, como se distribui o conteúdo de uma tragédia em vários atos. Porém, enquanto em uma peça de um ato para outro a mesma ação prossegue com os mesmos personagens que permanecem até o desenlace de acordo com seus papéis, e cujos sentimentos e paixões progridem num movimento ininterrupto, na história se tem a impressão de que, de um período a outro, tudo é renovado, interesses em jogo, orientação dos espíritos, maneiras de ver os homens e os acontecimentos, tradições também e perspectivas para o futuro, e que se, aparentemente reaparecem os mesmos grupos, é porque as divisões exteriores, que resultam dos lugares, dos nomes e também da natureza geral das sociedades, subsistem. Mas os conjuntos de homens que constituem um mesmo grupo em dois períodos sucessivos são como duas barras em contato por suas extremidades opostas, mas que não se juntam de outro modo, e não formam realmente um mesmo corpo (Halbwachs, 2006, p. 81).

A memória autor busca os momentos mais marcantes da vida, da família, da casa, da escola e dos hábitos que fizeram parte de um momento da história. É a rememoração de um tempo que se faz presente com uma nova perspectiva reflexional. Desse modo, as lembranças do sujeito são entrelaçadas com diferentes grupos do qual ele faz parte e é influenciado. Nessa perspectiva, o indivíduo é participante de dois grupos, sendo eles o individual e o coletivo como se pode constatar no conto "Um cão de lata ao rabo":

> Meus rapazes disseram ele. Chegou a ocasião de brilhar e mostrar que podem fazer alguma coisa. Abro o concurso e dou quinze dias aos concorrentes. No

> fim dos quinze dias, quero ter em minha mão os trabalhos de todos; escolherei um júri para os examinar, comparar e premiar.
> — Mas o assunto? Perguntaram os rapazes batendo palmas de alegria.
> — Podia dar-lhes um assunto histórico; mas seria fácil, e eu quero experimentar a aptidão de cada um. Dou-lhes um assunto simples, aparentemente vulgar, mas profundamente filosófico.
> — Diga, diga.
> — O assunto é este: — UM CÃO DE LATA AO RABO. Quero vê-los brilhar com opulências de linguagem e atrevimentos de ideia. Rapazes, à obra! Claro é que cada um pode apreciá-lo conforme o entender (Assis, 2005, p. 207).

Nesta passagem do conto, é notório a recordação da fase escolar em que o narrador também participa da história. Observa-se então o agir da rememoração coletiva e individual em que, num dado momento da aula, o professor passa as instruções para a produção das redações. Na memória coletiva inclui também a memória individual num processo de lembrança. Assim, Halbwachs (2013, p. 72) aborda que,

> Ela não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transportar a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente.

O ambiente escolar do conto "Um cão de lata ao rabo" e do poema "A escola da mestra Silvina" acontece na sala de aula, constituindo a memória coletiva acoplada a individual, pois uma depende da outra para que as lembranças se concretizem em uma rememoração. Em Cora Coralina, podemos constatar essas lembranças do eu lírico quando,

> A gente chegava "-- Bença, Mestra."
> Sentava em bancos compridos,
> escorridos, sem encosto.
> Lia alto lições de rotina:
> o velho abecedário,
> lição salteada.
> Aprendia a soletrar.
>
> Vinham depois:
> Primeiro, segundo,
> terceiro e quarto livros
> do erudito pedagogo
> Abílio César Borges –
> Barão de Macaúbas.
> E as máximas sapientes
> do Marquês de Maricá.
>
> (Coralina,1985, p. 75)

Nos dois versos, o sujeito poético recorda o tempo em que estudava, vindo a memória cada um dos itens que compunham a sala de aula, descrevendo de forma peculiar os bancos que não eram confortáveis para estudar. É perceptível a lembrança do coletivo na passagem “a gente chegava”, evidenciando que, ao recordar, se lembra da turma. É um movimento em que se dá a lembrança da sala de aula. Esse exercício de lembrar amplia, compreende e submete-a a autora ao seu passado repleto de uma pluralidade humana. Logo, a pessoa que recorda sempre tem grupos de referências. A memória é desenvolvida com as lembranças desses grupos, até porque elas “permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós” (Halbwachs, 2013, p. 30). Cada uma delas é decorrência do convívio coletivo, que esteve inserido em determinado contexto social e que, a dado momento, o sujeito recorda do grupo do qual fez parte. Ninguém recorda sem a participação do outro, pois não se vive o tempo, inteiramente, isolado.

4.3. Cultura escolar: presente e passado

A cultura é um elemento ativo na vida do sujeito. O indivíduo é propagador de variada sabedoria. É na escola que esse componente nutre o processo educacional, proporcionando a formação do sujeito enquanto questionador desses movimentos e contradições. Candau (2003, p. 160) afirma que “a escola é sem dúvida uma instituição cultural”. Portanto, pode-se perceber que é nela que se mais acontece a multiculturalidade ou a certificação da diversidade das raízes formadoras de grupos sociais e da sua relação com a sala de aula. Para Viñao Frago (1998, p. 68-69),

> A cultura escolar é vista como um conjunto de teorias, princípios ou critérios, normas e práticas sedimentadas ao longo do tempo no seio das instituições educativas. Trata-se de modos de pensar e atuar que proporcionam estratégias e pautas para organizar e levar a classe, interatuar com os companheiros e com outros membros da comunidade educativa e integrar-se à vida cotidiana do centro docente. Tais jeitos de pensar e atuar constituem ocasionalmente rituais e mitos, mas sempre se estruturam em forma de discursos e ações que, junto com a experiência e formação do professor, lhe servem para levar a cabo sua tarefa cotidiana.

Deste modo, a cultura escolar é relacionada a cada época, visto que uma organização educacional não é estagnada. Ela sempre está em processo mudança. O professor de outrora não é o de hoje, podendo ser constatado no “Conto de escola” e no poema “ A escola da mestra

Silvina", onde as regras severas e a escola aconteciam nas residências e de forma improvisada. Assim, não haviam escolas e nem professores suficientes:

> Entrou com o andar manso do costume, em chinelas de cordovão, com a jaqueta de brim lavada e desbotada, calça branca e tesa e grande colarinho caído. Chamava-se Policarpo e tinha perto de cinquenta anos ou mais. Uma vez sentado, extraiu da jaqueta a boceta de rapé e o lenço vermelho, pô-los na gaveta; depois relanceou os olhos pela sala. Os meninos, que se conservaram de pé durante a entrada dele, tornaram a sentar-se. Tudo estava em ordem; começaram os trabalhos (Assis, 2004, p. 136).

Percebe-se nestas linhas a obediência dos alunos em relação ao professor daquela época ao seguir a mesma rotina e as lições. O docente na segunda metade do século XVIII tinha todo apoio da família. Era, totalmente, acreditado por ela como uma pessoa de respeito e de um vasto saber. Os alunos não faltavam à aula, porque a escola era vista pelos pais como a maneira de se tornar importante e ter uma grande posição comercial como o aluno Pilar. Já na passagem do poema, pode-se verificar o cumprimento das regras ao pé da letra de como funcionava a escola:

> Banco dos meninos.
> Banco das meninas.
> Tudo muito sério.
> Não se brincava.
> Muito respeito.
> Leitura alta.
> Soletrava-se.
> Cobria-se o debuxo.
> Dava-se a lição.
> Tinha dia certo de argumento
> com a palmatória pedagógica
> em cena.
> Cantava-se em coro a velha tabuada.
>
> (Coralina,1985, p. 76)

O eu-lírico menciona como era a escola de seu tempo. Tudo seguia em um mesmo ritual, muita obediência às regras e sem brincadeiras. As crianças levavam muito a sério as aulas sem nenhum atrativo e, mesmo assim, frequentavam a escola. Rememora-se o lugar onde sentava, de como era feito a leitura e da presença da palmatória. Esse poema vem de encontro ao "Conto de Escola" em relação ao respeito mútuo pelo docente, do cumprimento das regras da escola e do objeto inibidor pendurado à vista de todos. Nesse sentido, Almeida (2009, p. 242) menciona que "os objetos guardam as lembranças de quem os possui e representam toda uma experiência de vida escolhida para ser conservada, lembranças seletas de momentos preciosos para aquele

que guarda, conserva". Nessas recordações, emerge todo um vínculo do qual a pessoa fazia parte, pois é na sala de aula que havia a separação dos meninos e das meninas para estudarem.

A família dava suporte a aprendizagem dos alunos ao estarem presentes na vida escolar dos filhos e depositavam toda a confiança no professor por ser bem-conceituado na sociedade. Para Ghiraldelli (2015, p. 275) era um "um trabalho que conferia um prestígio significativo na comunidade. As pessoas mais pobres respeitam aqueles que se fazem notar por serem professores". O respeito ao professor ocorria em toda a sociedade por ser uma das profissões admiradas, prevalecendo até meados do século XIX, já que esse laço de admiração pela parte da família se entrelaçava com a profissão docente.

Com o passar do tempo, o cenário educacional teve várias modificações. A escola não é mais aquela isolada do século XIX e XX com os seus valores arcaicos e culturais os quais se disseminavam de uma geração a outra. Teixeira (2007, p. 101) afirma que "a escola não pode ficar no seu estagnado destino de perpetuadora da vida social presente. Precisa transformar-se no instrumento consciente, inteligente do aperfeiçoamento social". A escola realiza uma função primordial na formação do sujeito, pelas práticas pedagógicas na relação entre educação, cultura e sociedade. E esse contato diário com os estudantes é relevante, pois é um processo formativo contínuo que, a cada dia, acompanha o movimento da sociedade e vice-versa. Nesse sentido, Cambi (1999, p.203) menciona que,

> Duas instituições educativas, em particular, sofrem profunda redefinição e reorganização na Modernidade: a educação e a escola, que se tornam cada vez mais centrais na experiência formativa dos indivíduos e na própria reprodução (cultural, ideológica e profissional) da sociedade. A ambas é delegado um papel cada vez mais definido e mais incisivo, de tal modo que elas se carregam cada vez mais de uma identidade educativa, de uma função não só ligada ao cuidado e ao crescimento do sujeito em idade evolutiva ou à instrução formal, mas também à formação pessoal e social ao mesmo tempo.

A educação da modernidade não é aquela do passado enquanto um processo de instrução formal. A escola de hoje ensina conteúdos e também preocupa com o desenvolvimento pessoal, social e cultural do sujeito. As aulas acontecem em vários contextos como a relação da família e com as interações sociais. Sua função é preparar o aluno para transformar a sociedade. A chegada da pós-modernidade trouxe mudanças relevantes no âmbito educacional também, e o que é mais instigante disso é porque desafia o docente a repensar a práxis educacional e adaptar as essas exigências do mundo contemporâneo.

O professor precisa se qualificar e ficar atento aos novos sujeitos que chegam à escola. A nova família não é mais aquela que procura a instituição escolar para inibir o seu filho pela

disciplina, mas a que busca a formação enquanto cidadão para fazer parte de uma nova geração, ou seja, dar oportunidade de estudar já que não tiveram em seu tempo. Esta, por sua vez, está voltando à escola porque, mesmo sendo pais e mães adolescentes, vê a oportunidade de estudar como forma de necessidade para se inserir no mercado de trabalho. Portanto, Cambi (1999, p. 206) aborda que,

> A época contemporânea propôs também – em pedagogia – um face a face mais explícito e radical entre instrução e trabalho, que se afirmaram como momentos centrais da ação pedagógica e da projeção educativa. A instrução afirmou-se como direito universal e como tarefa social. O trabalho é bem verdade que se impôs como dever social, mas, antes ainda, como atividade específica do homem. As duas frentes se interligaram, mas dialeticamente, dando lugar a uma série de problemas que resultam típicos da contemporaneidade.

Nesse contexto social e educacional, podemos perceber esse novo sujeito que trabalha, estuda e que, muitas das vezes, constituiu família cedo. Essa junção de trabalhar e estudar são desafios da sociedade vigente. Antigamente, essas duas áreas eram separadas, pois o pai tirava os filhos para ajudarem nas atividades laborais, e a escola ficava em um segundo plano. No período Imperial (1822-1889), o estado era responsável pelas atribuições da educação, porém o significado da educação pública não tinha sentido de educação popular. Não era vista como meio necessário para disseminação dos conhecimentos essenciais e na formação da cidadania e da constituição da nacionalidade. Os filhos da classe baixa não tinham essa oportunidade, visto que eram úteis nas lavouras, enquanto os da alta burguesia possuíam professores particulares em suas residências.

É essencial destacar que a “educação não é instrução apenas. Condições de vida e não condições de ensino somente. Mas nem por isso a escola substitui integralmente o lar. Esse continuará e, para continuar, deve também ser refundido em suas bases intelectuais e sociais, como já o foi nas suas bases econômicas (Teixeira, 1997, p. 65). Assim, a educação não é limitada somente de conteúdo, mas está, intimamente, associada a circunstância de vida e ao ambiente familiar do aluno. O autor reforça que o lar não deve ser, totalmente, substituído pela escola, mas ser complementado por ela. A educação atual mantém esse elo entre a educação e a família que juntas lutam por um ensino além do cotidiano escolar. No contexto do século XIX e meados do século XX, a educação não era destinada a todos da sociedade, mas a partir desse marco e com passos lentos, os alunos começaram a frequentar a escola devido as Reformas educacionais, uma vez que:

> A "escola nova" deve ser uma "comunidade em miniatura", e como em toda comunidade "as atividades manuais, motoras ou construtoras constituem as funções predominantes da vida", seria "natural" a iniciação dos alunos nestas atividades. Os alunos, então, entram em contato com o "ambiente e com a vida ativa que os rodeiam, para que possam possuí-la, senti-la e apreciá-la de acordo com as aptidões e possibilidades". E como a sociedade se modifica em função da sua economia, e a energia individual e coletiva se manifesta pela sua produção material, então a "escola nova" tem de "obedecer a esta lei" e se organizar mantendo o trabalho como seu "elemento formador"[9] (Ghiraldelli, 2015, p. 57-58).

A nova escola veio assolar a sociedade ao dar ênfase à participação ativa dos alunos, integrando-os, sobretudo, ao novo ambiente escolar. Essa nova perspectiva desempenhou papel significante na vida do estudante, além de organizar o trabalho como elemento formador. Esse novo alunado teve a liberdade de expressão. O professor passou a ser aquele motivador, fazendo com que a sala de aula se tornasse mais participativo, pois não é mais aquela escola do tempo da palmatória retratado no "Conto de escola" de Machado de Assis e nem da mestra Silvina, onde os alunos não tinham liberdade de se expressarem. Ainda em relação a educação, Cambi (1999, p. 634) aborda que,

> A educação contemporânea, também e sobretudo por causa dos *mass media*, é profundamente diferente daquela do passado e vem colocar problemas novos à reflexão (...), problemas de vinculação com outros agentes educativos, de reorientação segundo finalidades formativas (culturais e intelectuais), de integração com outras formas de comunicação (como os textos escritos, a comunicação verbal, a socialização afetiva).

O novo contexto educacional mudou-se, significativamente, com a presença dos meios de comunicação em massa, avançando em todas as esferas da sociedade. Com isso, transformou também o pensamento do sujeito em relação à educação, trazendo consigo novos desafios como por exemplo, os objetivos formativos educacionais e as novas maneiras de interação com esses meios. É a inovação chegando no espaço escolar, e o docente também deve se adaptar a essas novas mentalidades quanto ao ensino aprendizagem. Essa mudança integra essa educação pós-moderna do sujeito, já que a transformação se dá através da escola, do discente e da sociedade. Nesta conjuntura educacional, há ainda o desinteresse pelos estudos e muitos outros obstáculos que, segundo Saviani (1997, p. 20),

> Um amplo movimento de reforma cuja expressão mais típica ficou conhecida sob o nome de 'escolanovismo' (grifo do autor). Tal movimento tem como

[9] Grifos do autor.

> ponto de partida a escola tradicional já implantada segundo as diretrizes consubstanciadas na teoria da educação que ficou conhecida como pedagogia tradicional. A pedagogia nova começa, pois, por efetuar a crítica da pedagogia tradicional, esboçando uma nova maneira de interpretar a educação e ensaiando implantá-la, primeiro, através de experiências restritas; depois, advogando sua generalização no âmbito dos sistemas escolares.

Esse movimento educacional é conhecido como escolanovismo que procurou significar uma mudança no método pedagógico do passado, ou seja, é uma crítica aos moldes e uma nova maneira de educação a ser implementada na sociedade moderna. Essa nova mentalidade vai em busca do passado e esta faz parte do presente pelo fato de ser a base do sistema educacional. A história da sociedade passada serve de alicerce para que a moderna se instaure. Como destaca Neves (1995) sobre a importância de identificar a singularidade e a multiplicidade em diversos períodos históricos. No que se refere a construção dos contos machadianos e dos poemas de Cora Coralina, podemos dizer que a recordação dos momentos da infância com sua diversidade de detalhes é retornada ao presente pela memória do seguinte modo:

> Vou recitar um hino que aprendi de cor. Antes de principiar, a minha expectativa estende-se a todo ele. Porém, logo que o começar, a minha memória dilata-se, colhendo tudo o que se passa de expectação para o pretérito. A vida deste ato divide-se em *memória*, por causa do que já recitei, e em *expectação*, por causa do que hei de recitar. A minha atenção está presente e por ela passa o que era futuro para se tornar pretérito. Quanto mais o hino se aproxima do fim, tanto mais a memória se alonga e a expectação se abrevia, até que esta fica totalmente consumida, quando a ação, já toda acabada, passar inteiramente para o domínio da memória. (Agostinho, 1994, p. 337).

Na concepção agostiniana, a recordação não faz parte do passado. Quando Machado de Assis e Cora Coralina relembram os acontecimentos do passado, estes ocorrem no presente do que foi vivenciado com outra significação, porque o recordar não é o mesmo de outrora, mas de um novo tempo com uma nova criticidade. Deste modo, percebe-se que o tempo é uma marca da eternidade. Compreender tais conceitos é explorar a existência e sua natureza. Agostinho (1994, p. 61) refere mais sobre a aprendizagem ao dizer que “conservo todas estas coisas na memória e conservo-as na memória como as aprendi”. Dessa forma, a educação é a ocorrência, intrinsicamente, associada à trajetória desses sujeitos no passado, moldando-os pelos múltiplos contextos históricos. Logo, quando se faz uma retrospectiva do tempo, é capaz de compreender todas as transformações que aconteceram no processo educativo e fora dele. Bosi (1979, p. 20) também assevera que “lembrar não é reviver, mas re-fazer. É reflexão, compreensão do agora, a partir do outrora; é sentimento, reaparição do feito e do ido, não sua mera repetição”. Portanto,

quando a recordação emerge, a lembrança se dá em uma nova perspectiva como demonstrado em Machado de Assis e Cora Coralina. As construções dos contos e dos poemas entrecruzam o passado com o presente sob essa nova dimensão, já que os autores, ao rememorar, passam a representar a educação de seu tempo.

É relevante salientar que, tanto em relação aos contos analisados quantos aos poemas, observa-se a passividade, o medo e a insegurança do alunado em relação ao professor. Assim, a rememoração do docente é criada pela imagem daquele que ditava as regras e os discentes apenas acatavam o que lhe eram designados sem direito a questionamentos. Estes alunos eram obedientes também em relação à educação dos pais que lhe davam, ou seja, foi um tempo em que a palavra do professor era lei. Esse modelo de educação veio ressignificar de forma gradativa.

Com a evolução do modelo educacional brasileiro iniciada com as reformas pombalinas em meados do século XVIII e sob influência dos iluministas, o ensino teve como principal preocupação a modernização da administração pública (Fonseca, 2011). Com tais mudanças, a educação no Brasil, até meados do século XIX, era ministrada nas residências das famílias por um capelão ou mestre particular. Em algumas "casas-grandes" existiam salas de aula em que se ensinava a ler e a escrever, contar e a rezar aos criados (Santos, 2016). Assim, a educação tinha como foco a formação do indivíduo para se integrar, adequadamente, a vida em sociedade (Fonseca, 2011). Estas mudanças iniciaram no século XVIII e se ampliaram no século XIX por meio da industrialização, a qual modificou, de maneira drástica, a vida da sociedade (Mormul; Machado, 2013).

Nestas reformas, o professor passaria a assumir um novo papel, aquele que daria aula e incorporaria a sua metodologia de ensino. O profissional passaria a ser um representante de suma importância através dos estatutos instituídos pela reforma pombalina. Essa reforma se deu de maneira lenta. Esse novo modelo revelou as faces da educação brasileira que veio arrastando até a educação da contemporaneidade, refletindo nas atuais práticas educacionais. De acordo com Cambi (1999), a escola pública renovada deveria tentar atingir o jovem por uma formação profissional, moral e uma educação social. A educação tradicional não era vista como um saber totalmente produtivo, pois esta não era destinada a todos integralmente. Cambi (1999, p. 525) ainda assevera que,

> O movimento das "escolas novas" foi acompanhado e sustentado, ao longo de toda sua fase de desenvolvimento, por um intenso trabalho de teorização, destinado a trazer à luz os fundamentos filosóficos e científicos dessa ampla renovação da pedagogia, bem como os objetivos educativos básicos que ele

> vinha afirmando em nítida oposição à escola e à pedagogia tradicional, acusadas de uma falsa concepção da natureza infantil (por desvalorizarem seus aspectos ativos e produtivos), de uma visão "separada" do ensino (como momento que se diferencia nitidamente da experiência vivida das crianças e a ela se opõe) e de uma interpretação do trabalho mental em chave predominantemente mecânico-repetitiva e nem um pouco criativa (grifos do autor).

Este período foi um movimento em prol da renovação do ensino que veio a questionar os moldes tradicionais de educação. Os fundadores do movimento, como John Dewey e Maria Montessori, acreditavam que a educação deveria ser centrada no indivíduo, respeitando a sua individualidade e promovendo uma aprendizagem ativa e criativa. É importante ressaltar que as primeiras escolas novas surgiram na Europa e na América por volta de 1889 e 1900. A educação estava se desenvolvendo em prol do aluno, logo, é relevante frisar que ela continua hoje, sendo debatida em várias instâncias. Ela é complexa, visto que não se fecha em um único projeto dos que trabalham em razão de uma educação de qualidade. Ela caminha junto com o desenvolvimento da sociedade. Em favor do ensino, essa pedagogia foi, ainda é e sempre será um refazer em benefício do sujeito autônomo capaz de prepará-lo para esse mercado de trabalho tão competitivo, dado que as cobranças pelas qualificações são cada vez maiores.

Em síntese, pensar em educação compreende relembrar as suas múltiplas significações que se refletem tanto no ambiente intraescolar quanto nos fatores extraescolares. Assim, a escola de qualidade é aquela que deve pensar o contexto histórico, político, econômico e cultural de seus alunos, pois ela precisa ser receptiva e deve atender as necessidades de todos os discentes, independentemente, de seu contexto ou origem. A junção dos educadores com a família e a comunidade é primordial para alcançar tais propósitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> A literatura como uma e própria, presença imediata, valor eterno e universal; a tradição histórica encara a obra como outra, na distância de seu tempo e de seu lugar.
>
> (Compagnon, 2009, p. 14)

A pesquisa realizada com a temática "Educação, Literatura e Memória: Narrativas sobre a educação e a escola a partir do olhar de Machado de Assis e Cora Coralina" teve como objetivo refletir a educação, a escola e o ensino com base nas narrativas e nos poemas do século XIX e XX. De acordo com Compagnon (2009, p. 26), "a literatura responde a um projeto de conhecimento do homem e do mundo", pois através da escrita literária, pôde-se constatar como era a forma de ensinar desse período e quais características ainda permaneceram no mundo pós-moderno. A literatura abre caminhos para que o sujeito tenha a oportunidade de conhecer o mundo o qual os autores representaram através de registros históricos e das denúncias dessa sociedade. Neste mesmo sentido, Antonio Cândido (2004, p. 182) assevera que,

> A eficácia humana é função da eficácia estética, e, portanto, o que na literatura age como força humanizadora é a própria literatura, ou seja, a capacidade de criar formas pertinentes. Isso não quer dizer que só serve a obra perfeita. A obra de menor qualidade também atua, e em geral um movimento literário é constituído por textos de qualidade alta e textos de qualidade modesta, formando no conjunto uma massa de significados que influi em nosso conhecimento e nos nossos sentimentos.

A literatura envolve todo o universo da escrita ao buscar a representação do real e o papel significativo do sujeito na sociedade. Percebe-se que este movimento de vozes impacta o ser humano e contribui para o desenvolvimento de si e em relação ao outro. Nesta perspectiva, foi pesquisado o estilo clássico com a escrita rebuscada de Machado de Assis, pertencente ao Realismo brasileiro e, ainda, a poetisa Cora Coralina com uma escrita mais simples inserida na modernidade, mas ambos abordam a temática da educação sob diversas vertentes com o olhar criterioso e de maneiras diferentes de pensamentos. Assim é a literatura, de uma linguagem ora simples ora complexa, mas que tem uma infinidade de características e funções de favorecer a humanização do sujeito em seus mais variados contextos.

A tese foi construída em quatro capítulos. O primeiro abordou a história e o papel da literatura na escola para a construção do conhecimento e da formação humanística do sujeito,

além de demonstrar o modo como ela explica o contexto histórico educacional e a sua função na capacitação de leitores críticos. Assim, ela promove a abertura de caminhos, de tirar dúvidas e de educar ao visar a transformação do indivíduo pelo seu objeto artístico, o da criação fictícia. Vasconcelos (2015, p. 114) menciona que "a literatura busca a realidade, interpreta e anuncia fatos sobre a sociedade sem que, para isso, precise ser o espelho do objeto social que representa o sobre o qual interfere". Nesse sentido, o texto literário abraça todo o universo do ser humano e sua função sempre será de aprendizagem. O sujeito que aprende com a leitura literária sob os mais diversos vieses e quando debruça o olhar sobre a sociedade nunca será o mesmo, porque ela é essa movimentação de novos olhares para a transformação das pessoas e do mundo.

O segundo capítulo foi referente a Machado de Assis. Neste, abordou-se a sua vida e a metodologia educacional do século XIX a partir da análise de três contos, sendo eles o "Conto de escola", "Teoria do medalhão" e "Um cão de lata ao rabo". O estudo dos contos foi pertinente para compreender a sociedade, o contexto escolar e a educação da época. Para isso, foi preciso ler e reler várias vezes, pois a sua escrita é muito complexa assim como a sua crítica feita sobre os métodos de ensino que se baseavam na oratória e na retórica enquanto formas de aprender e educar os alunos. Além de tudo, proporcionou-nos aprender um pouco sobre esse autor ao comparar o sistema educacional no período realista com o do mundo atual. Eco (1991, p. 69) assevera que "em toda expressão de um poeta, em toda criatura de sua fantasia, está inteiro o destino humano, todas as esperanças, todas as ilusões". Assim, a linguagem machadiana, por meio de sua criatividade poética, conseguiu captar e mostrar a devida sociedade, mas também de provocar, através da palavra, os aspectos mais relevantes da condição humana por uma forma/gênero literário significativo.

Machado de Assis observou a sociedade do século XIX, representando, por meio de sua narrativa, o âmbito educacional, o espaço da escola com regras severas e o ensino através de redações baseadas na retórica grega. Nota-se que, em vários momentos dos contos, segue numa vertente de mentor do leitor de maneira, segundo aponta Vasconcelos (2015, p. 113), "rígida, séria, expondo seu ponto de vista sem impor, uma vez que leva o leitor a uma possível interação, induzindo-o conhecer determinadas situações e comportamentos discutidos". Logo, ao analisá-los trouxeram aprendizagens infinitas, visto que a sua escrita nos instiga a refazer a leitura, pois sempre descobrimos fatos/acontecimentos novos ainda presente na contemporaneidade. Os contos machadianos possuem uma escrita ainda viva, retratando esse passado no presente ao discutir a sociedade pela política, a economia, a cultura e a educação do país.

Em se tratando de Cora Coralina, já no terceiro capítulo, buscamos revisar sua biografia e o contexto histórico dos três poemas trabalhados como "O beco da escola", "A escola da

mestra Silvina" e "Mestra Silvina". A poeta possui uma escrita poética de maneira simples, mas enriquecedora ao abordar a escola do século XX e o comportamento do ser humano por uma visão aguçada sobre tudo aquilo que a rodeava dentro do contexto da Cidade de Goiás, ou seja, de um município interiorano da sociedade brasileira. Assim, retratou a temática da infância, da fidelidade às suas raízes, das lembranças do tempo de escola e dos amigos então mergulhados no contexto histórico interiorano e por um universo cultural afetivo. O comportamento da sua mestra assim como do professor no conto machadiano simbolizava as formas de educação e de aprendizagem dos alunos, uma vez que eles os tinham como modelo para se portar e apresentar diante da sociedade.

Os poemas de Cora Coralina são detentores de uma linguagem peculiar voltada à poesia didática, a de instruir o leitor a uma aprendizagem seja pela imagem poética construída sobre a escola, seja através da nostalgia da infância. Em "Aninha", ela exalta o professor ao afirmar que "sois o sal da terra e a luz do mundo. Sem vós tudo seria baço e a terra escura", enaltecendo a profissão docente e a importância de estudar e aprender com os mais velhos, pois estes sempre têm algo a ensinar. Sobre a escrita poética, Castro (2022, p. 132) menciona que "a linguagem é uma atividade criadora e possibilita outras construções, até porque esta é uma das razões do poema em inclinar para a zona convergente de adquirir uma estrutura dinâmica". A partir dessa afirmação, é possível se pensar na plurissignificação das palavras dentro do texto poético, já que escondem suas faces mais secretas, aguardando serem investigadas pelos leitores quantas vezes forem necessárias. A linguagem nunca está concluída, mas disposta a ser interpretada em um tempo e espaço.

O quarto capítulo retoma os autores sob a perspectiva filosófica da memória, do tempo e da história como elementos configuradores da narrativa de Machado de Assis e dos poemas de Cora Coralina sobre o sistema educacional e a escola. A partir daí, pôde-se observar que a educação sofreu algumas mudanças, mas que ainda precisa ser olhada como prioridade para um ensino de qualidade e não tradicional com punições e regras que intimidem a aprendizagem. É importante destacar aqui que as recordações do passado pelos autores não estão configuradas nos textos enquanto tempo cronológico, mas sim no tempo da narrativa e do texto poético. Isso quer dizer que o processo de criação literária transformou a história em si, ou melhor, o passado no tempo presente dos personagens e do leitor. Assim, pesquisar sobre os autores foi reverberar as escritas de cada um com a sua forma única de ver como era o contexto escolar daquela época, ver como a educação se transformou ao longo dos tempos. Os contos e os poemas registram a história e as experiências, o universo educacional e social pela representação, isto é, através do mundo do texto, mostrando que a humanidade está em movimento.

Em suma, esta jornada da pesquisa sobre Machado de Assis e Cora Coralina mostrou-nos que não só houve apenas as transformações nos métodos e nas estruturas educacionais, mas conjuntamente, no comportamento humano mediante as persistentes interrogações e desafios que permeiam todo o âmbito educacional. Compreender estas raízes históricas concedeu-nos uma base sólida para enfrentar os problemas e modelar um futuro educacional mais abrangente sem discriminação, com mais dinamismo e que atenda às necessidades do sujeito. A educação do século XIX e XX contribuíram para o ensino atual, mas o uso do poder do castigo sobre o corpo do aluno (no caso, o uso da palmatória) não buscou uma aprendizagem vital na construção do conhecimento e sim favorecer um comportamento operante.

Para chegar aos resultados aqui apresentados, este estudo se centrou em várias fontes de pesquisa acerca de Machado de Assis e de Cora Coralina, principalmente, com o olhar voltado à escola, ao asseveramento do professor e a ação comportamental dos alunos como um espaço, (des)apropriado, já que eles não deixavam de frequentar as aulas. A escrita literária jamais se fecha em si. Ela nos proporciona várias leituras e interpretações, pois a obra artística é aberta a outras compreensões, dando oportunidade ao leitor de sempre revisitá-la e trazer sempre um novo olhar. Seja uma escrita rebuscada como a dos contos machadianos ou de vocabulários simples e claros como a de Cora Coralina, a linguagem poética sempre nos oferecerá novos olhares sob a história, a educação e a sociedade.

Os autores deixaram registrada a representação de uma sociedade sob os mais variados temas como o do cotidiano e o da educação como parte do princípio da vida do ser humano. Portanto, Antonio Candido (2004, p. 180), enfatiza que “a literatura nos proporciona conhecer os sentimentos e a sociedade, ajudando-nos a tomar posição em face deles”. Em consonância com o autor, a obra literária nunca está finalizada, até porque ela sempre dá a oportunidade de uma nova contemplação ao ser compartilhada com o leitor o mundo e o seu ponto de vista ali configurado no texto. É, por isso, que a literatura é infindável, e deve estar ao alcance de todos para que se possa descobrir e transformar o mundo e as pessoas.

Deste modo, pode-se dizer que a literatura é completa é acientífica como se fosse um espelho a refletir a vida de outrem. Ela mobiliza o nosso hoje das mais variadas maneiras de transformação, mostrando os medos, os desejos, as alegrias e as tristezas que todo ser humano pode sentir.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Abril Cultural, 1994.

AGUIAR. Luís Antonio. **O mínimo e o escondido**: crônicas de Machado de Assis. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2015.

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura**: a formação do leitor: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

AGUIAR, Vera Lucia. (Orgs). **Escolarização da leitura literária*:*** o jogo do livro infantil e juvenil. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 268.

ALMEIDA, Maria Zeneide Carneiro Magalhães de. **Educação e memória**: velhos mestres de Minas Gerais (1924-1944). 311 f. Tese de Doutorado em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da UNB. Brasília-DF, 2009.

ALMEIDA, Maria Zeneide Carneiro Magalhães de. RIBEIRO, Rosângela Soares de Almeida. **Cora Coralina e Machado de Assis**: Educação, Vida e Obra. Revista Científica da FacMais.

ALMEIDA, J. A. **Virgílio e a poesia épica**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ALMEIDA, José Ricardo Pires de. **Instrução pública no Brasil (1500-1889**). Tradução de Antonio Chizzoti e Maria do Carmo Guedes. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2000.

ALENCASTRO, Jane. Memórias de Aninha. In: SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima; CAMARGO, Goiandira Ortiz de; MAMEDE, Maria Goreth F. (Orgs.). **Leitura**: teorias e práticas. Goiânia: Editora Vieira, 2003.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia:** Geral e do Brasil. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro.** 6. ed. Tradução de Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ARENDT, Hannah. **A condição humana.** Tradução de Roberto Raposo. 13. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016a.

ARISTÓTELES. **A poética**. Tradução de Eudoro de Sousa. Porto Alegre: Globo, 1966.

ARISTÓTELES. HORÁCIO. LONGINO. **A poética clássica**. Tradução de Roberto de Oliveira Brandão. São Paulo: Cultrix, 1997.

ASSIS, Machado de. A simpatia é o meu léxico. **Gazeta de Notícias**, 12 mar. 1893.

ASSIS, Machado de. Disponível em: http://www.dominiopublico.com.br. Acesso em: 15 jul. 2024.

ASSIS, Machado de. **Os melhores contos de Machado de Assis**. 15. ed. São Paulo: Global, 2004.

ASSIS, Machado de. **Obra completa.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985.

ATIK, Maria Luiza Guarnieri. O mestre e a providência. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla (Org.). **O Ateneu**: retórica e paixão. São Paulo: Brasiliense/Edusp, 1988.

AZEVEDO. Fernando de. **A Cultura Brasileira**. Estante Virtual, 1963.

BARRETO FILHO. **Introdução a Machado de Assis.** Rio de Janeiro: Agir, 1947.

BAKHTIN, M. Apontamentos de 1970-1971 In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 359-362.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de P. Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. Formação do leitor. In BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura**: a formação do leitor - alternativas metodológicas. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993, p. 9-17.

BORGES**,** Valdeci Rezende**. Revista Brasileira de História Métricas do periódico**, Jun. 2006, Volume 26, n°. 51, p. 89-114.

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: algumas Considerações. **Revista de Teoria da História**, Ano 1, nº 3, jun. 2010. Universidade Federal de Goiás. Disponível em: Acesso em: 06 mai. 2024.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BOSI, Alfredo. **Machado de Assis**: O enigma do olhar. São Paulo: Ática, 2007.

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979.

BRANDÃO, Roberto de Oliveira. Os manuais de retórica brasileiros do século XIX. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla (Org.). **O Ateneu**: retórica e paixão. São Paulo: Brasiliense/Edusp, 1988.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Ninguém escapa da educação.** São Paulo: Ática, 1985.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação** nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: Acesso em: 20 jul. 2023.

CALVINO, Ítalo. **Assunto encerrado**: discurso sobre literatura e sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os Clássicos**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CAMBI, Franco, **História da Pedagogia.** São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CAMÕES, Luís Vaz de. **Lírica**: redondilhas e sonetos. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Manual de expressão oral e escrita.** 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

CANDAU, Vera Maria. **Educação escolar e cultura(s)**: construindo caminhos. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura**.** In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CANDIDO, Antonio. **O método crítico de Sílvio Romero.** São Paulo: EdUSP, 1988.

CANDIDO, Antonio. **Direitos humanos e literatura.** In.: FESTER, A. C. Ribeiro e outros. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011, p. 15-33.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro, 2006.

CASTRO, Junior César Ferreira de. **Poesia e imagem**: a teoria da forma e a visualidade da palavra na poética de Gerardo Mello Mourão. 2022. 337 f. Tese (Doutorado em Literatura). Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2022.

CASTRO, Mohmari (et. al). **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais.** 7. ed. São Paulo: Global, 1985.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CHARAUDEAU, Patrick. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES E.; MACHADO I. L. (org.). **As emoções no discurso**. Campinas: Mercado das Letras, 2007.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 29. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CORALINA, Cora. Cora Coralina, de Goiás. In CORALINA, Cora. **Vintém de cobre; meias confissões de Aninha.** 4. ed. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1987, p. 21-22.

CORREIA, Eliane Andrade da Silva**. A importância do ensino da literatura e da leitura de obras literárias no Ensino Médio.** 2018. 41 f. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2018.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário.** São Paulo: Contexto, 2019.

COUTINHO, Afrânio. **Da crítica e da nova crítica.** 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

DAVI, Tânia Nunes. **Subterrâneos do autoritarismo em Memórias do Cárcere**. Uberlândia: EDUFU, 2007.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

DURÃO, Fábio Akcelrud. **Metodologia de pesquisa em literatura.** 1 ed. São Paulo: Parábola, 2020.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ECO, Umberto. **Obra Aberta**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ECO, Umberto. **Interpretação e Superinterpretação.** São Paulo: Martins Fontes. 1993.

ELIOT, T. S. **Ensaios**. São Paulo: Art, 1989.

ENGELMANN, A. **A mulher e a linguagem**: a construção da identidade feminina. Florianópolis: UFSC, 1996.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'Água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

FAORO, Raymundo. **Machado de Assis**: a pirâmide e o trapézio. São Paulo: Globo, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a Liberdade e outros escritos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. **As Reformas Pombalinas no Brasil.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GHIRALDELLI Junior, Paulo. **História da Educação Brasileira**. São Paulo: Cortez, 2006.

GIMENES. Alessandra Maria Moreira**. Machado de Assis e a crítica à escola de seu tempo:** uma ideia de formação nos contos "Um cão de lata ao rabo", "O programa", e o "Conto de escola". 2014. 162 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

GLEDSON, John. **Por um novo Machado de Assis**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOMES, Marta Bonach. **Mulher prodigiosa**: na história literária de Goiás e na expressividade lírica e poética. Goiânia: Kelps, 2021.

GOTLIB, Nádia Batella. **Teoria do conto.** São Paulo: Ática, 1985.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. **Machado de Assis, o escritor que nos lê**. 1 ed. São Paulo. Editora Unesp. 2017.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HUSSERL, E. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1971.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia**: ensinamentos das formas de arte do século XX. Tradução de Tereza Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1985.

KESSEL, Zilda. **Memória e memória coletiva**. Disponível em: Acesso em: 29 jul. 2024.

KLOSS, M. V.; SANTOS, P. B.; UMBACH, R. **A Corrupção em Conto de escola**. Ano I, n. 04, maio de 2002, Maringá-PR.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, R. (Org.). **Leitura em crise na escola**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

LAJOLO, M. Literatura: **leitores e leitura.** São Paulo: Moderna, 2001b.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1984.

LIMA, Luiz Costa. **O chão da mente**: a pergunta pela ficção. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

LIMA, Oliveira. **Dom João VI no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

LUCAS, Fábio. **O núcleo e a periferia de Machado de Assis**. Barueri: Manole, 2009.

MACHADO, Madalena. **Olhar a vida, escrever literatura: questão de arte**. Pontes e Lacerda: UNEMAT Editora, 2020.

MACHADO, Maria Cristina Teixeira**. Lima Barreto**: um pensador social na primeira República. Goiânia: UFG, 2002.
MAIA, J. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. Tradução de A. Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In MOTTA, A. R., SALGADO, L. (orgs.) **Ethos discursivo**. Tradução de Luciana Salgado. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MARTINS, J. S. **O poder do atraso**. Ensaios de sociologia da justiça lenta. São Paulo: Hucitec, 1994.

MONTELLO, Josué. **Memórias Póstumas de Machado de Assis.** 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MORMUL, Najla Mehanna; MACHADO, Maria Cristina Gomes. Rui Barbosa e a educação: os pareceres de 1882. **Cadernos de História da Educação.** Uberlândia, v. 12, n. 1, p. 277-294, jan./jun. 2013.

NEVES, Lucília de Almeida. Nacionalismo: substrato da marca de um tempo. In: **Anais do VI seminário sobre economia mineira**. Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR, 1995.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: NORA, Pierre. **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, p. 07-28, dezembro de 1993.

OLIVEIRA, Rose; BELLEZI. João Clenir **Linguagens**: estrutura e arte. São Paulo: Moderna, 1999.

OLIVEIRA, A. A. O professor mediador das leituras literárias. In: PAIVA, A.; MACIEL, F.; COSSON, R (Orgs). **Literatura**: ensino fundamental. Vol. 20. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

OLIVEIRA, Elisa Rezende. Violência doméstica e familiar contra a mulher: um cenário de subjugação do gênero feminino. 2012. **Revista do Laboratório de Estudos da Violência** da UNESP. Marília, 9, ed. p. 150-165. Disponível em: http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/levs/article/view/2283/1880. Acesso em 23 jul. 2024.

PALACÍN, Luís. **História de Goiás (1722-1972**). 7. ed.- Goiânia: UCG, 2008.

PERES, Eliane Teresinha; BORGES, Francieli. Relações entre história e literatura: a obra de Cora Coralina e as questões do ensino e dos processos de escolarização no final do século XIX e início do século XX. **Revista Brasileira de História da Educação**. Maringá-PR, v. 15, n. 2 (38), p. 23-53, maio/ago, 2015. Disponível em: http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38923/pdf_66. Acesso em: 30 jul. 2024.

PERISSÉ, Gabriel. **Introdução à Filosofia da Educação.** 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PERISSÉ, Gabriel. **Literatura e Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. A criação do texto literário. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Flores na escrivaninha**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 100- 110.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Texto, crítica, escritura.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & literatura**: uma velha-nova história. São Paulo: Débats, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O Mundo como texto: leituras da História e da Literatura. **História da Educação**, Pelotas, p. 31 - 45, 01 set. 2003. História & História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, Disponível em: http://nuevomundo.revues.org/index1560.html. Acesso em: 09 ago. 2024.

PETRILLI, Susan. **Uma leitura inclassificável de uma escritura inclassificável:** a abordagem bakhtiniana da literatura. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (Orgs.). **Círculo de Bakhtin**: teoria inclassificável. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010.

PIGLIA. Ricardo. **Formas breves**. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

PROENÇA FILHO, Domício. Permanência e atualidade da ficção machadiana. In: PROENÇA FILHO, Domício. **Melhores contos Machado de Assis**. São Paulo: Global, 2001.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Movimento por um Brasil Literário**. Disponível em: https://sinapse.gife.org.br/download/manifesto-brasil-literario. Acesso em: 03 ago. 2024.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Vermelho amargo.** São Paulo: Cosac Naify, 2011.

REYES. Yolanda. **O lugar da literatura na educação.** São Paulo: Pulo do gato, 2012.

RIBEIRO, Rosângela Soares de Almeida. **Aspectos da transcriação na poesia de Walt Whitman e Carlos Drummond de Andrade**. 2018. 87 f. Dissertação (mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras, Goiânia, 2018.

RIBEIRO, Rosângela Soares de Almeida. PINTO. Divino José. **Aspectos da transcrição na poesia de Walt Whitman e Carlos Drummond de Andrade**. Congresso Internacional 2018. Circulação, Tramas & Sentidos na Literatura. ABRALIC.

RIBEIRO, Rosângela Soares de Almeida. ALMEIDA, Maria Zeneide Carneiro Magalhães de. Revista Plurais, vol. 10, n. 3. Set. /Dez. 2020, p. 421.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Tomo I. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Tomo II. Campinas: Papirus, 1995.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Tomo III. Campinas: Papirus, 1994.

RICOEUR, Paul. **Do texto à ação**: ensaios de hermenêutica II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

RICOEUR, Paul. **A Metáfora Viva**. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa.** Tradução de Claudia Berliner São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

RÓNAI. **Revista de estudos clássicos e tradutórios**. Juiz de fora: UFJF, p. 49-60.

SÁBATO, Ernesto. **O escritor e seus fantasmas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTOS, Vera Maria dos. **A mulher de posses e a instrução dos órfãos menores na Capitania de Sergipe Del Rey no Século XVIII**. Fortaleza: Imprece, 2016.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 31. ed. Campinas: Autores Associados, 1997.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica:** primeiras aproximações. 10. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 5. ed. São Paulo: Autores Associados, 1995.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Criticidade e leitura: ensaios**. São Paulo: Global, 2009.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.

SOARES, Magda Becker. Português na escola, história de uma disciplina curricular. In: BAGNO, Marcos (Org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2004.

STEINER, George. O carteiro. **Jornal Folha de São Paulo**, São Paulo, 18 jan. 2009, p. 4-5.

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa**.** Formação docente e didática transdisciplinar: aventura humana pela aventura do conhecimento. In: SUANNO, Marilza V. R.; LIBÂNEO, José Carlos; LIMONTA, Sandra Valéria (Orgs**.). Concepções e práticas de ensino num mundo em mudança**: diferentes olhares para a didática. Goiânia: CEPED, 2011.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação para a democracia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

TEIXEIRA, Anísio**. Pequena introdução à filosofia da educação**: a escola progressiva ou a transformação da escola. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

TELES, Gilberto Mendonça. **A escrituração da escrita**: teoria e prática do texto literário. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

VASCONCELOS, Beatriz Avila. **Ciência do dizer bem:** a concepção de retórica de Quintiliano em Instituto oratória II. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

VASCONCELOS, Maria Luiza Gomes. **Machado de Assis e a educação**. 205 f. Tese (doutorado). Goiânia, 2015.

VEIGA, Cynthia Greive. Elaboração de hábitos civilizados na constituição das relações entre professores e alunos (1827-1927). **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 21, p. 218, set.-dez. 2009.

VEIGA, Cynthia Greive. Sentimentos de vergonha e embaraço: novos procedimentos disciplinares no processo de escolarização da infância em Minas Gerais no século XIX. In: **Congresso de História da Educação de Minas Gerais**, 2003, Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, 2003. Disponível em: Acesso em: 8 mai. 2021.

VELLASCO. Marlene Gomes. Cora Coralina. In: CAMARGO, Goiandira Ortiz de; GUIMARÃES, Maria Severina Batista; CURADO, Bento Alves Araújo Jayme Fleury. (org.). **GOIÁS+300**: Reflexão e Ressignificação, V. 5. Goiânia: Goiás+300, 2023.

VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira**: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). 4. ed. Brasília: UNB, 1993.

VIÑAO FRAGO, A**.** Por una historia de la cultura escolar: enfoques, cuestiones, fuentes. *In*: ALMUIÑA FERNÁNDEZ, C.; ARBAT, T.C.; ARTOLA, M.; MARTÍN, J.A.M.; MOLINA, M.G.; TAVERA, S.; VILLARES, R.; VIÑAO FRAGO, A.; BERAMENDI, J.G.; GUEREÑA, J.-L.; SERRANO, C.S. (Orgs.). **Culturas y civilizaciones:** III Congreso de la Asociación de Historia Contemporánea. Valladolid: Universidad de Valladolid, 1998.

WHITMAN, Walt. **Folhas de Relva**. 2. ed. Martin Claret: Madras, 2012.

XAVIER, Maria do Carmo. **Educação e Política no Brasil Imperial**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

YASBEC, L. **Sociedade disciplinar e biopoder**: uma análise a partir de Michel Foucault. São Paulo, 2015.

ZILBERMAN, Regina. **O papel da literatura na escola.** Via Atlântica, n. 14, dez. 2008. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376. Acesso em: 03 ago. 2024.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 1988.

ANEXOS

CONTOS E POEMAS DE MACHADO DE ASSIS E CORA CORALINA.

Conto de Escola

Várias Histórias Texto-fonte: ***Obra Completa, Machado de Assis,*** *vol. II, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Publicado originalmente por Laemmert & C. Editores, Rio de Janeiro em 1896.*

A escola era na Rua do Costa, um sobradinho de grade de pau. O ano era de 1840. Naquele dia — uma segunda-feira, do mês de maio — deixei-me estar alguns instantes na Rua da Princesa a ver onde iria brincar a manhã. Hesitava entre o morro de S. Diogo e o Campo de Sant'Ana, que não era então esse parque atual, construção de gentleman, mas um espaço rústico, mais ou menos infinito, alastrado de lavadeiras, capim e burros soltos. Morro ou campo? Tal era o problema. De repente disse comigo que o melhor era a escola. E guiei para a escola. Aqui vai a razão.

Na semana anterior tinha feito dois suetos, e, descoberto o caso, recebi o pagamento das mãos de meu pai, que me deu uma sova de vara de marmeleiro. As sovas de meu pai doíam por muito tempo. Era um velho empregado do Arsenal de Guerra, ríspido e intolerante. Sonhava para mim uma grande posição comercial, e tinha ânsia de me ver com os elementos mercantis, ler, escrever e contar, para me meter de caixeiro. Citava-me nomes de capitalistas que tinham começado ao balcão. Ora, foi a lembrança do último castigo que me levou naquela manhã para o colégio. Não era um menino de virtudes.

Subi a escada com cautela, para não ser ouvido do mestre, e cheguei a tempo; ele entrou na sala três ou quatro minutos depois. Entrou com o andar manso do costume, em chinelas de cordovão, com a jaqueta de brim lavada e desbotada, calça branca e tesa e grande colarinho caído. Chamava-se Policarpo e tinha perto de cinqüenta anos ou mais. Uma vez sentado, extraiu da jaqueta a boceta de rapé e o lenço vermelho, pô-los na gaveta; depois relanceou os olhos pela sala. Os meninos, que se conservaram de pé durante a entrada dele, tornaram a sentar-se. Tudo estava em ordem; começaram os trabalhos.

— Seu Pilar, eu preciso falar com você, disse-me baixinho o filho do mestre.

Chamava-se Raimundo este pequeno, e era mole, aplicado, inteligência tarda. Raimundo gastava duas horas em reter aquilo que a outros levava apenas trinta ou cinqüenta minutos; vencia com o tempo o que não podia fazer logo com o cérebro. Reunia a isso um grande medo ao pai. Era uma criança fina, pálida, cara doente; raramente estava alegre. Entrava na escola depois do pai e retirava-se antes. O mestre era mais severo com ele do que conosco.

— O que é que você quer?

— Logo, respondeu ele com voz trêmula.

Começou a lição de escrita. Custa-me dizer que eu era dos mais adiantados da escola; mas era. Não digo também que era dos mais inteligentes, por um escrúpulo fácil de entender e de excelente efeito no estilo, mas não tenho outra convicção. Note-se que não era pálido nem mofino: tinha boas cores e músculos de ferro. Na lição de escrita, por exemplo, acabava sempre antes de todos, mas deixava-me estar a recortar narizes no papel ou na tábua, ocupação sem nobreza nem espiritualidade, mas em todo caso ingênua.

Naquele dia foi a mesma coisa; tão depressa acabei, como entrei a reproduzir o nariz do mestre, dando-lhe cinco ou seis atitudes diferentes, das quais recordo a interrogativa, a admirativa, a dubitativa e a cogitativa. Não lhes punha esses nomes, pobre estudante de primeiras letras que era; mas, instintivamente, dava-lhes essas expressões. Os outros foram acabando; não tive remédio senão acabar também, entregar a escrita, e voltar para o meu lugar.

Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano. Para cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do Morro do Livramento, um papagaio de papel, alto e largo, preso de uma corda imensa, que bojava no ar, uma coisa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos.

— Fui um bobo em vir, disse eu ao Raimundo.

— Não diga isso, murmurou ele.

Olhei para ele; estava mais pálido. Então lembrou-me outra vez que queria pedir-me alguma coisa, e perguntei-lhe o que era. Raimundo estremeceu de novo, e, rápido, disse-me que esperasse um pouco; era uma coisa particular.

— Seu Pilar… murmurou ele daí a alguns minutos.

— Que é?

— Você…

— Você quê?

Ele deitou os olhos ao pai, e depois a alguns outros meninos. Um destes, o Curvelo, olhava para ele, desconfiado, e o Raimundo, notando-me essa circunstância, pediu alguns minutos mais de espera. Confesso que começava a arder de curiosidade. Olhei para o Curvelo, e vi que parecia atento; podia ser uma simples curiosidade vaga, natural indiscrição; mas podia ser também alguma coisa entre eles. Esse Curvelo era um pouco levado do diabo. Tinha onze anos, era mais velho que nós.

Que me quereria o Raimundo? Continuei inquieto, remexendo-me muito, falando-lhe baixo, com instância, que me dissesse o que era, que ninguém cuidava dele nem de mim. Ou então, de tarde…

— De tarde, não, interrompeu-me ele; não pode ser de tarde.

— Então agora…

— Papai está olhando.

Na verdade, o mestre fitava-nos. Como era mais severo para o filho, buscava-o muitas vezes com os olhos, para trazê-lo mais aperreado. Mas nós também éramos finos; metemos o nariz no livro, e continuamos a ler. Afinal cansou e tomou as folhas do dia, três ou quatro, que ele lia devagar, mastigando as ideias e as paixões. Não esqueçam que estávamos então no fim da Regência, e que era grande a agitação pública. Policarpo tinha decerto algum partido, mas nunca pude averiguar esse ponto. O pior que ele podia ter, para nós, era a palmatória. E essa lá estava, pendurada do portal da janela, à direita, com os seus cinco olhos do diabo. Era só

levantar a mão, despendurá-la e brandi-la, com a força do costume, que não era pouca. E daí, pode ser que alguma vez as paixões políticas dominassem nele a ponto de poupar-nos uma ou outra correção. Naquele dia, ao menos, pareceu-me que lia as folhas com muito interesse; levantava os olhos de quando em quando, ou tomava uma pitada, mas tornava logo aos jornais, e lia a valer.

No fim de algum tempo — dez ou doze minutos — Raimundo meteu a mão no bolso das calças e olhou para mim.

— Sabe o que tenho aqui?

— Não.

— Uma pratinha que mamãe me deu.

— Hoje?

— Não, no outro dia, quando fiz anos…

— Pratinha de verdade?

— De verdade.

Tirou-a vagarosamente, e mostrou-me de longe. Era uma moeda do tempo do rei, cuido que doze vinténs ou dois tostões, não me lembro; mas era uma moeda, e tal moeda que me fez pular o sangue no coração. Raimundo revolveu em mim o olhar pálido; depois perguntou-me se a queria para mim. Respondi-lhe que estava caçoando, mas ele jurou que não.

— Mas então você fica sem ela?

— Mamãe depois me arranja outra. Ela tem muitas que vovô lhe deixou, numa caixinha; algumas são de ouro. Você quer esta?

Minha resposta foi estender-lhe a mão disfarçadamente, depois de olhar para a mesa do mestre. Raimundo recuou a mão dele e deu à boca um gesto amarelo, que queria sorrir. Em seguida propôs-me um negócio, uma troca de serviços; ele me daria a moeda, eu lhe explicaria

um ponto da lição de sintaxe. Não conseguira reter nada do livro, e estava com medo do pai. E concluía a proposta esfregando a pratinha nos joelhos…

Tive uma sensação esquisita. Não é que eu possuísse da virtude uma idéia antes própria de homem; não é também que não fosse fácil em empregar uma ou outra mentira de criança. Sabíamos ambos enganar ao mestre. A novidade estava nos termos da proposta, na troca de lição e dinheiro, compra franca, positiva, toma lá, dá cá; tal foi a causa da sensação. Fiquei a olhar para ele, à toa, sem poder dizer nada.

Compreende-se que o ponto da lição era difícil, e que o Raimundo, não o tendo aprendido, recorria a um meio que lhe pareceu útil para escapar ao castigo do pai. Se me tem pedido a coisa por favor, alcançá-la-ia do mesmo modo, como de outras vezes; mas parece que era a lembrança das outras vezes, o medo de achar a minha vontade frouxa ou cansada, e não aprender como queria, — e pode ser mesmo que em alguma ocasião lhe tivesse ensinado mal, — parece que tal foi a causa da proposta. O pobre-diabo contava com o favor, — mas queria assegurar-lhe a eficácia, e daí recorreu à moeda que a mãe lhe dera e que ele guardava como relíquia ou brinquedo; pegou dela e veio esfregá-la nos joelhos, à minha vista, como uma tentação… Realmente, era bonita, fina, branca, muito branca; e para mim, que só trazia cobre no bolso, quando trazia alguma coisa, um cobre feio, grosso, azinhavrado…

Não queria recebê-la, e custava-me recusá-la. Olhei para o mestre, que continuava a ler, com tal interesse, que lhe pingava o rapé do nariz. — Ande, tome, dizia-me baixinho o filho. E a pratinha fuzilava-lhe entre os dedos, como se fora diamante… Em verdade, se o mestre não visse nada, que mal havia? E ele não podia ver nada, estava agarrado aos jornais lendo com fogo, com indignação…

— Tome, tome…

Relancei os olhos pela sala, e dei com os do Curvelo em nós; disse ao Raimundo que esperasse. Pareceu-me que o outro nos observava, então dissimulei; mas daí a pouco deitei-lhe outra vez o olho, e — tanto se ilude à vontade! — Não lhe vi mais nada. Então cobrei ânimo.

— Dê cá…

Raimundo deu-me a pratinha, sorrateiramente; eu meti-a na algibeira das calças, com um alvoroço que não posso definir. Cá estava ela comigo, pegadinha à perna. Restava prestar o

serviço, ensinar a lição e não me demorei em fazê-lo, nem o fiz mal, ao menos conscientemente; passava-lhe a explicação em um retalho de papel que ele recebeu com cautela e cheio de atenção. Sentia-se que despendia um esforço cinco ou seis vezes maior para aprender um nada; mas contanto que ele escapasse ao castigo, tudo iria bem.

De repente, olhei para o Curvelo e estremeci; tinha os olhos em nós, com um riso que me pareceu mau. Disfarcei; mas daí a pouco, voltando-me outra vez para ele, achei-o do mesmo modo, com o mesmo ar, acrescendo que entrava a remexer-se no banco, impaciente. Sorri para ele e ele não sorriu; ao contrário, franziu a testa, o que lhe deu um aspecto ameaçador. O coração bateu-me muito.

— Precisamos muito cuidado, disse eu ao Raimundo.

— Diga-me isto só, murmurou ele.

Fiz-lhe sinal que se calasse; mas ele instava, e a moeda, cá no bolso, lembrava-me o contrato feito. Ensinei-lhe o que era, disfarçando muito; depois, tornei a olhar para o Curvelo, que me pareceu ainda mais inquieto, e o riso, dantes mau, estava agora pior. Não é preciso dizer que também eu ficara em brasas, ansioso que a aula acabasse; mas nem o relógio andava como das outras vezes, nem o mestre fazia caso da escola; este lia os jornais, artigo por artigo, pontuando-os com exclamações, com gestos de ombros, com uma ou duas pancadinhas na mesa. E lá fora, no céu azul, por cima do morro, o mesmo eterno papagaio, guinando a um lado e outro, como se me chamasse a ir ter com ele. Imaginei-me ali com os livros e a pedra embaixo da mangueira, e a pratinha no bolso das calças, que eu não daria a ninguém, nem que me serrassem; guardá-la-ia em casa, dizendo a mamãe que a tinha achado na rua. Para que me não fugisse, ia apalpando, roçando-lhe os dedos pelo cunho, quase lendo pelo tato a inscrição, com uma grande vontade de espiá-la.

— Oh! seu Pilar! bradou o mestre com voz de trovão.

Estremeci como se acordasse de um sonho, e levantei-me às pressas. Dei com o mestre, olhando para mim, cara fechada, jornais dispersos, e ao pé da mesa, em pé, o Curvelo. Pareceu-me adivinhar tudo.

— Venha cá! bradou o mestre.

Fui e parei diante dele. Ele enterrou-me pela consciência dentro um par de olhos pontudos; depois chamou o filho. Toda a escola tinha parado; ninguém mais lia, ninguém fazia um só movimento. Eu, conquanto não tirasse os olhos do mestre, sentia no ar a curiosidade e o pavor de todos.

— Então o senhor recebe dinheiro para ensinar as lições aos outros? disse-me o Policarpo.

— Eu…

— Dê cá a moeda que este seu colega lhe deu! clamou.

Não obedeci logo, mas não pude negar nada. Continuei a tremer muito. Policarpo bradou de novo que lhe desse a moeda, e eu não resisti mais, meti a mão no bolso, vagarosamente, saquei-a e entreguei-la. Ele examinou-a de um e outro lado, bufando de raiva; depois estendeu o braço e atirou-a à rua. E então disse-nos uma porção de coisas duras, que tanto o filho como eu acabávamos de praticar uma ação feia, indigna, baixa, uma vilania, e para emenda e exemplo íamos ser castigados. Aqui pegou da palmatória.

— Perdão, seu mestre… solucei eu.

— Não há perdão! Dê cá a mão! dê cá! vamos! sem-vergonha! dê cá a mão!

— Mas, seu mestre…

— Olhe que é pior!

Estendi-lhe a mão direita, depois a esquerda, e fui recebendo os bolos uns por cima dos outros, até completar doze, que me deixaram as palmas vermelhas e inchadas. Chegou a vez do filho, e foi a mesma coisa; não lhe poupou nada, dois, quatro, oito, doze bolos. Acabou, pregou-nos outro sermão. Chamou-nos sem-vergonhas, desaforados, e jurou que se repetíssemos o negócio, apanharíamos tal castigo que nos havia de lembrar para todo o sempre. E exclamava: Porcalhões! tratantes! faltos de brio!

Eu, por mim, tinha a cara no chão. Não ousava fitar ninguém, sentia todos os olhos em nós. Recolhi-me ao banco, soluçando, fustigado pelos impropérios do mestre. Na sala arquejava o terror; posso dizer que naquele dia ninguém faria igual negócio. Creio que o próprio Curvelo

enfiara de medo. Não olhei logo para ele, cá dentro de mim jurava quebrar-lhe a cara, na rua, logo que saíssemos, tão certo como três e dois serem cinco.

Daí a algum tempo olhei para ele; ele também olhava para mim, mas desviou a cara, e penso que empalideceu. Compôs-se e entrou a ler em voz alta; estava com medo. Começou a variar de atitude, agitando-se à toa, coçando os joelhos, o nariz. Pode ser até que se arrependesse de nos ter denunciado; e na verdade, por que denunciar-nos? Em que é que lhe tirávamos alguma coisa?

"Tu me pagas! tão duro como osso!" dizia eu comigo.

Veio a hora de sair, e saímos; ele foi adiante, apressado, e eu não queria brigar ali mesmo, na Rua do Costa, perto do colégio; havia de ser na Rua Larga de S. Joaquim. Quando, porém, cheguei à esquina, já o não vi; provavelmente escondera-se em algum corredor ou loja; entrei numa botica, espiei em outras casas, perguntei por ele a algumas pessoas, ninguém me deu notícia. De tarde faltou à escola.

Em casa não contei nada, é claro; mas para explicar as mãos inchadas, menti a minha mãe, disse-lhe que não tinha sabido a lição. Dormi nessa noite, mandando ao diabo os dois meninos, tanto o da denúncia como o da moeda. E sonhei com a moeda; sonhei que, ao tornar à escola, no dia seguinte, dera com ela na rua, e a apanhara, sem medo nem escrúpulos…

De manhã, acordei cedo. A idéia de ir procurar a moeda fez-me vestir depressa. O dia estava esplêndido, um dia de maio, sol magnífico, ar brando, sem contar as calças novas que minha mãe me deu, por sinal que eram amarelas. Tudo isso, e a pratinha… Saí de casa, como se fosse trepar ao trono de Jerusalém. Piquei o passo para que ninguém chegasse antes de mim à escola; ainda assim não andei tão depressa que amarrotasse as calças. Não, que elas eram bonitas! Mirava-as, fugia aos encontros, ao lixo da rua…

Na rua encontrei uma companhia do batalhão de fuzileiros, tambor à frente, rufando. Não podia ouvir isto quieto. Os soldados vinham batendo o pé rápido, igual, direita, esquerda, ao som do rufo; vinham, passaram por mim, e foram andando. Eu senti uma comichão nos pés, e tive ímpeto de ir atrás deles. Já lhes disse: o dia estava lindo, e depois o tambor… Olhei para um e outro lado; afinal, não sei como foi, entrei a marchar também ao som do rufo, creio que cantarolando alguma coisa: Rato na casaca… Não fui à escola, acompanhei os fuzileiros, depois

enfiei pela Saúde, e acabei a manhã na Praia da Gamboa. Voltei para casa com as calças enxovalhadas, sem pratinha no bolso nem ressentimento na alma. E contudo a pratinha era bonita e foram eles, Raimundo e Curvelo, que me deram o primeiro conhecimento, um da corrupção, outro da delação; mas o diabo do tambor…

CONTO-TEORIA DO MEDALHÃO

DIÁLOGO

— Estás com sono?

— Não, senhor.

— Nem eu; conversemos um pouco. Abre a janela. Que horas são?

— Onze.

— Saiu o último conviva do nosso modesto jantar. Com que, meu peralta, chegaste aos teus vinte e um anos. Há vinte e um anos, no dia 5 de agosto de 1854, vinhas tu à luz, um pirralho de nada, e estás homem, longos bigodes, alguns namoros…

— Papai…

— Não te ponhas com denguices, e falemos como dois amigos sérios. Fecha aquela porta; vou dizer-te coisas importantes. Senta-te e conversemos. Vinte e um anos, algumas apólices, um diploma, podes entrar no parlamento, na magistratura, na imprensa, na lavoura, na indústria, no comércio, nas letras ou nas artes. Há infinitas carreiras diante de ti. Vinte e um anos, meu rapaz, formam apenas a primeira sílaba do nosso destino. Os mesmos Pitt e Napoleão, apesar de precoces, não foram tudo aos vinte e um anos. Mas, qualquer que seja a profissão da tua escolha, o meu desejo é que te faças grande e ilustre, ou pelo menos notável, que te levantes acima da obscuridade comum. A vida, Janjão, é uma enorme loteria; os prêmios são poucos, os malogrados inúmeros, e com os suspiros de uma geração é que se amassam as esperanças de outra. Isto é a vida; não há planger, nem imprecar, mas aceitar as coisas integralmente, com seus ônus e percalços, glórias e desdouros, e ir por diante.

— Sim, senhor.

— Entretanto, assim como é de boa economia guardar um pão para a velhice, assim também é de boa prática social acautelar um ofício para a hipótese de que os outros falhem, ou não indenizem suficientemente o esforço da nossa ambição. É isto o que te aconselho hoje, dia da tua maioridade.

— Creia que lhe agradeço; mas que ofício, não me dirá?

— Nenhum me parece mais útil e cabido que o de medalhão. Ser medalhão foi o sonho da minha mocidade; faltaram-me, porém, as instruções de um pai, e acabo como vês, sem outra consolação e relevo moral, além das esperanças que deposito em ti. Ouve-me bem, meu querido filho, ouve-me e entende. És moço, tens naturalmente o ardor, a exuberância, os improvisos da idade; não os rejeites, mas modera-os de modo que aos quarenta e cinco anos possas entrar francamente no regímen do aprumo e do compasso. O sábio que disse: "a gravidade é um mistério do corpo", definiu a compostura do medalhão. Não confundas essa gravidade com aquela outra que, embora resida no aspecto, é um puro reflexo ou emanação do espírito; essa é do corpo, tão-somente do corpo, um sinal da natureza ou um jeito da vida. Quanto à idade de quarenta e cinco anos…

— É verdade, por que quarenta e cinco anos?

— Não é, como podes supor, um limite arbitrário, filho do puro capricho; é a data normal do fenômeno. Geralmente, o verdadeiro medalhão começa a manifestar-se entre os quarenta e cinco e cinqüenta anos, conquanto alguns exemplos se dêem entre os cinqüenta e cinco e os sessenta; mas estes são raros. Há-os também de quarenta anos, e outros mais precoces, de trinta e cinco e de trinta; não são, todavia, vulgares. Não falo dos de vinte e cinco anos: esse madrugar é privilégio do gênio.

— Entendo.

— Venhamos ao principal. Uma vez entrado na carreira, deves pôr todo o cuidado nas idéias que houveres de nutrir para uso alheio e próprio. O melhor será não as ter absolutamente; coisa que entenderás bem, imaginando, por exemplo, um ator defraudado do uso de um braço. Ele pode, por um milagre de artifício, dissimular o defeito aos olhos da platéia; mas era muito melhor dispor dos dois. O mesmo se dá com as idéias; pode-se, com violência, abafá-las,

escondê-las até à morte; mas nem essa habilidade é comum, nem tão constante esforço conviria ao exercício da vida.

— Mas quem lhe diz que eu…

— Tu, meu filho, se me não engano, pareces dotado da perfeita inópia mental, conveniente ao uso deste nobre ofício. Não me refiro tanto à fidelidade com que repetes numa sala as opiniões ouvidas numa esquina, e vice-versa, porque esse fato, posto indique certa carência de idéias, ainda assim pode não passar de uma traição da memória. Não; refiro-me ao gesto correto e perfilado com que usas expender francamente as tuas simpatias ou antipatias acerca do corte de um colete, das dimensões de um chapéu, do ranger ou calar das botas novas. Eis aí um sintoma eloqüente, eis aí uma esperança. No entanto, podendo acontecer que, com a idade, venhas a ser afligido de algumas idéias próprias, urge aparelhar fortemente o espírito. As idéias são de sua natureza espontâneas e súbitas; por mais que as sofremos, elas irrompem e precipitam-se. Daí a certeza com que o vulgo, cujo faro é extremamente delicado, distingue o medalhão completo do medalhão incompleto.

— Creio que assim seja; mas um tal obstáculo é invencível.

— Não é; há um meio; é lançar mão de um regímen debilitante, ler compêndios de retórica, ouvir certos discursos, etc. O voltarete, o dominó e o whist são remédios aprovados. O whist tem até a rara vantagem de acostumar ao silêncio, que é a forma mais acentuada da circunspecção. Não digo o mesmo da natação, da equitação e da ginástica, embora elas façam repousar o cérebro; mas por isso mesmo que o fazem repousar, restituem-lhe as forças e a atividade perdidas. O bilhar é excelente.

— Como assim, se também é um exercício corporal?

— Não digo que não, mas há coisas em que a observação desmente a teoria. Se te aconselho excepcionalmente o bilhar é porque as estatísticas mais escrupulosas mostram que três quartas partes dos habituados do taco partilham as opiniões do mesmo taco. O passeio nas ruas, mormente nas de recreio e parada é utilíssimo, com a condição de não andares desacompanhado, porque a solidão é oficina de idéias, e o espírito deixado a si mesmo, embora no meio da multidão, pode adquirir uma tal ou qual atividade.

— Mas se eu não tiver à mão um amigo apto e disposto a ir comigo?

— Não faz mal; tens o valente recurso de mesclar-te aos pasmatórios, em que toda a poeira da solidão se dissipa. As livrarias, ou por causa da atmosfera do lugar, ou por qualquer outra razão que me escapa, não são propícias ao nosso fim; e, não obstante, há grande conveniência em entrar por elas, de quando em quando, não digo às ocultas, mas às escâncaras. Podes resolver a dificuldade de um modo simples: vai ali falar do boato do dia, da anedota da semana, de um contrabando, de uma calúnia, de um cometa, de qualquer coisa, quando não prefiras interrogar diretamente os leitores habituais das belas crônicas de Mazade; 75 por cento desses estimáveis cavalheiros repetir-te-ão as mesmas opiniões, e uma tal monotonia é grandemente saudável. Com este regímen, durante oito, dez, dezoito meses — suponhamos dois anos, — reduzes o intelecto, por mais pródigo que seja, à sobriedade, à disciplina, ao equilíbrio comum. Não trato do vocabulário, porque ele está subentendido no uso das idéias; há de ser naturalmente simples, tíbio, apoucado, sem notas vermelhas, sem cores de clarim…

— Isto é o diabo! Não poder adornar o estilo, de quando em quando…

— Podes; podes empregar umas quantas figuras expressivas, a hidra de Lerna, por exemplo, a cabeça de Medusa, o tonel das Danaides, as asas de Ícaro, e outras, que românticos, clássicos e realistas empregam sem desar, quando precisam delas. Sentenças latinas, ditos históricos, versos célebres, brocardos jurídicos, máximas, é de bom aviso trazê-los contigo para os discursos de sobremesa, de felicitação, ou de agradecimento. Caveant, consules é um excelente fecho de artigo político; o mesmo direi do Si vis pacem para bellum. Alguns costumam renovar o sabor de uma citação intercalando-a numa frase nova, original e bela, mas não te aconselho esse artifício; seria desnaturar-lhe as graças vetustas. Melhor do que tudo isso, porém, que afinal não passa de mero adorno, são as frases feitas, as locuções convencionais, as fórmulas consagradas pelos anos, incrustadas na memória individual e pública. Essas fórmulas têm a vantagem de não obrigar os outros a um esforço inútil. Não as relaciono agora, mas fá-lo-ei por escrito. De resto, o mesmo ofício te irá ensinando os elementos dessa arte difícil de pensar o pensado. Quanto à utilidade de um tal sistema, basta figurar uma hipótese. Faz-se uma lei, executa-se, não produz efeito, subsiste o mal. Eis aí uma questão que pode aguçar as curiosidades vadias, dar ensejo a um inquérito pedantesco, a uma coleta fastidiosa de documentos e observações, análise das causas prováveis, causas certas, causas possíveis, um estudo infinito das aptidões do sujeito reformado, da natureza do mal, da manipulação do remédio, das circunstâncias da aplicação; matéria, enfim, para todo um andaime de palavras, conceitos, e desvarios. Tu poupas aos teus semelhantes todo esse imenso aranzel, tu dizes

simplesmente: Antes das leis, reformemos os costumes! — E esta frase sintética, transparente, límpida, tirada ao pecúlio comum, resolve mais depressa o problema, entra pelos espíritos como um jorro súbito de sol.

— Vejo por aí que vosmecê condena toda e qualquer aplicação de processos modernos.

— Entendamo-nos. Condeno a aplicação, louvo a denominação. O mesmo direi de toda a recente terminologia científica; deves decorá-la. Conquanto o rasgo peculiar do medalhão seja uma certa atitude de deus Término, e as ciências sejam obra do movimento humano, como tens de ser medalhão mais tarde, convém tomar as armas do teu tempo. E de duas uma: — ou elas estarão usadas e divulgadas daqui a trinta anos, ou conservar-se-ão novas: no primeiro caso, pertencem-te de foro próprio; no segundo, podes ter a coquetice de as trazer, para mostrar que também és pintor. De oitiva, com o tempo, irás sabendo a que leis, casos e fenômenos respondem toda essa terminologia; porque o método de interrogar os próprios mestres e oficiais da ciência, nos seus livros, estudos e memórias, além de tedioso e cansativo, traz o perigo de inocular idéias novas, e é radicalmente falso. Acresce que no dia em que viesses a assenhorear-te do espírito daquelas leis e fórmulas, serias provavelmente levado a empregá-las com um tal ou qual comedimento, como a costureira — esperta e afreguesada, — que, segundo um poeta clássico,

Quanto mais pano tem, mais poupa o corte, Menos monte alardeia de retalhos; e este fenômeno, tratando-se de um medalhão, é que não seria científico.

— Upa! que a profissão é difícil.

— E ainda não chegamos ao cabo.

— Vamos a ele.

— Não te falei ainda dos benefícios da publicidade. A publicidade é uma dona loureira e senhoril, que tu deves requestar à força de pequenos mimos, confeitos, almofadinhas, coisas miúdas, que antes exprimem a constância do afeto do que o atrevimento e a ambição. Que D. Quixote solicite os favores dela mediante ações heróicas ou custosas é um sestro próprio desse ilustre lunático. O verdadeiro medalhão tem outra política. Longe de inventar um Tratado Científico da Criação dos Carneiros, compra um carneiro e dá-o aos amigos sob a forma de um jantar, cuja notícia não pode ser indiferente aos seus concidadãos. Uma notícia traz outra; cinco,

dez, vinte vezes põe o teu nome ante os olhos do mundo. Comissões ou deputações para felicitar um agraciado, um benemérito, um forasteiro, têm singulares merecimentos, e assim as irmandades e associações diversas, sejam mitológicas, cinegéticas ou coreográficas. Os sucessos de certa ordem, embora de pouca monta, podem ser trazidos a lume, contanto que ponham em relevo a tua pessoa. Explico-me. Se caíres de um carro, sem outro dano, além do susto, é útil mandá-lo dizer aos quatro ventos, não pelo fato em si, que é insignificante, mas pelo efeito de recordar um nome caro às afeições gerais. Percebeste?

— Percebi.

— Essa é publicidade constante, barata, fácil, de todos os dias; mas há outra. Qualquer que seja a teoria das artes, é fora de dúvida que o sentimento da família, a amizade pessoal e a estima pública instigam à reprodução das feições de um homem amado ou benemérito. Nada obsta a que sejas objeto de uma tal distinção, principalmente se a sagacidade dos amigos não achar em ti repugnância. Em semelhante caso, não só as regras da mais vulgar polidez mandam aceitar o retrato ou o busto, como seria desazado impedir que os amigos o expusessem em qualquer casa pública. Dessa maneira o nome fica ligado à pessoa; os que houverem lido o teu recente discurso (suponhamos) na sessão inaugural da União dos Cabeleireiros, reconhecerão na compostura das feições o autor dessa obra grave, em que a "alavanca do progresso" e o "suor do trabalho" vencem as "fauces hiantes" da miséria. No caso de que uma comissão te leve à casa o retrato, deves agradecer-lhe o obséquio com um discurso cheio de gratidão e um copo d'água: é uso antigo, razoável e honesto. Convidarás então os melhores amigos, os parentes, e, se for possível, uma ou duas pessoas de representação. Mais. Se esse dia é um dia de glória ou regozijo, não vejo que possas, decentemente, recusar um lugar à mesa aos reporters dos jornais. Em todo o caso, se as obrigações desses cidadãos os retiverem noutra parte, podes ajudá-los de certa maneira, redigindo tu mesmo a notícia da festa; e, dado que por um tal ou qual escrúpulo, aliás desculpável, não queiras com a própria mão anexar ao teu nome os qualificativos dignos dele, incumbe a notícia a algum amigo ou parente.

— Digo-lhe que o que vosmecê me ensina não é nada fácil.

— Nem eu te digo outra coisa. É difícil, come tempo, muito tempo, leva anos, paciência, trabalho, e felizes os que chegam a entrar na terra prometida! Os que lá não penetram, engole-os a obscuridade. Mas os que triunfam! E tu triunfarás, crê-me. Verás cair as muralhas de Jericó ao som das trompas sagradas. Só então poderás dizer que estás fixado. Começa nesse dia a tua

fase de ornamento indispensável, de figura obrigada, de rótulo. Acabou-se a necessidade de farejar ocasiões, comissões, irmandades; elas virão ter contigo, com o seu ar pesadão e cru de substantivos desadjetivados, e tu serás o adjetivo dessas orações opacas, o odorífero das flores, o anilado dos céus, o prestimoso dos cidadãos, o noticioso e suculento dos relatórios. E ser isso é o principal, porque o adjetivo é a alma do idioma, a sua porção idealista e metafísica. O substantivo é a realidade nua e crua, é o naturalismo do vocabulário.

— E parece-lhe que todo esse ofício é apenas um sobressalente para os deficits da vida?

— Decerto; não fica excluída nenhuma outra atividade.

— Nem política?

— Nem política. Toda a questão é não infringir as regras e obrigações capitais. Podes pertencer a qualquer partido, liberal ou conservador, republicano ou ultramontano, com a cláusula única de não ligar nenhuma idéia especial a esses vocábulos, e reconhecer-lhe somente a utilidade do scibboleth bíblico.

— Se for ao parlamento, posso ocupar a tribuna?

— Podes e deves; é um modo de convocar a atenção pública. Quanto à matéria dos discursos, tens à escolha: — ou os negócios miúdos, ou a metafísica política, mas prefere a metafísica. Os negócios miúdos, força é confessá-lo, não desdizem daquela chateza de bom-tom, própria de um medalhão acabado; mas, se puderes, adota a metafísica; — é mais fácil e mais atraente. Supõe que deseja saber por que motivo a 7ª companhia de infantaria foi transferida de Uruguaiana para Canguçu; serás ouvido tão-somente pelo Ministro da Guerra, que te explicará em dez minutos as razões desse ato. Não assim a metafísica. Um discurso de metafísica política apaixona naturalmente os partidos e o público, chama os apartes e as respostas. E depois não obriga a pensar e descobrir. Nesse ramo dos conhecimentos humanos tudo está achado, formulado, rotulado, encaixotado; é só prover os alforjes da memória. Em todo caso, não transcendas nunca os limites de uma invejável vulgaridade.

— Farei o que puder. Nenhuma imaginação?

— Nenhuma; antes faze correr o boato de que um tal dom é ínfimo.

— Nenhuma filosofia?

— Entendamo-nos: no papel e na língua alguma, na realidade nada. “Filosofia da história”, por exemplo, é uma locução que deves empregar com freqüência, mas proíbo-te que chegues a outras conclusões que não sejam as já achadas por outros. Foge a tudo que possa cheirar a reflexão, originalidade, etc., etc.

— Também ao riso?

— Como ao riso?

— Ficar sério, muito sério…

— Conforme. Tens um gênio folgazão, prazenteiro, não hás de sofreá-lo nem eliminá-lo; podes brincar e rir alguma vez. Medalhão não quer dizer melancólico. Um grave pode ter seus momentos de expansão alegre. Somente, — e este ponto é melindroso…

— Diga.

— Somente não deves empregar a ironia, esse movimento ao canto da boca, cheio de mistérios, inventado por algum grego da decadência, contraído por Luciano, transmitido a Swift e Voltaire, feição própria dos céticos e desabusados. Não. Usa antes a chalaça, a nossa boa chalaça amiga, gorducha, redonda, franca, sem biocos, nem véus, que se mete pela cara dos outros, estala como uma palmada, faz pular o sangue nas veias, e arrebentar de riso os suspensórios. Usa a chalaça. Que é isto?

— Meia-noite.

— Meia-noite? Entras nos teus vinte e dois anos, meu peralta; estás definitivamente maior. Vamos dormir, que é tarde. Rumina bem o que te disse, meu filho. Guardadas as proporções, a conversa desta noite vale o Príncipe de Machiavelli. Vamos dormir.

CONTO- UM CÃO DE LATA AO RABO

Obra de referência

Assis. Machado de. Um cão de lata ao rabo. In_____. **Páginas recolhidas.** São Paulo: W.M. Jackson Editores, 1955. Pág. 173-184. Obras completas de Machado de Assis.

Era uma vez um mestre-escola, residente em Chapéu d'Uvas, que se lembrou de abrir entre os alunos um torneio de composição e de estilo; ideia útil, que não somente afiou e desafiou as mais diversas ambições literárias, como produziu páginas de verdadeiro e raro merecimento.

— Meus rapazes disse ele. Chegou a ocasião de brilhar e mostrar que podem fazer alguma coisa. Abro o concurso e dou quinze dias aos concorrentes. No fim dos quinze dias, quero ter em minha mão os trabalhos de todos; escolherei um júri para os examinar, comparar e premiar.

— Mas o assunto? perguntaram os rapazes batendo palmas de alegria.

— Podia dar-lhes um assunto histórico; mas seria fácil, e eu quero experimentar a aptidão de cada um. Dou-lhes um assunto simples, aparentemente vulgar, mas profundamente filosófico.

— Diga, diga.

— O assunto é este: — UM CÃO DE LATA AO RABO. Quero vê-los brilhar com opulências de linguagem e atrevimentos de idéia. Rapazes, à obra! Claro é que cada um pode apreciá-lo conforme o entender.

O mestre-escola nomeou um júri, de que eu fiz parte. Sete escritos foram submetidos ao nosso exame. Eram geralmente bons; mas três, sobretudo, mereceram a palma e encheram de pasmo o júri e o mestre, tais eram — neste o arrojo do pensamento e a novidade do estilo — naquele a pureza da linguagem e a solenidade acadêmica — naquele outro a erudição rebuscada e técnica — tudo novidade, ao menos em Chapéu d'Uvas. Nós os classificamos pela ordem do mérito e do estilo. Assim, temos:

1ºEstilo antitético e asmático.
2º Estilo ab ovo.
3º Estilo largo e clássico.

Para que o leitor fluminense julgue por si mesmo de tais méritos, vou dar adiante os referidos trabalhos, até agora inéditos, mas já agora sujeitos ao apreço público.

I

ESTILO ANTITÉTICO E ASMÁTICO

O cão atirou-se com ímpeto. Fisicamente, o cão tem pés, quatro; moralmente, tem asas, duas. Pés: ligeireza na linha reta. Asas: ligeireza na linha ascensional. Duas forças, duas funções. Espádua de anjo no dorso de uma locomotiva.

Um menino atara a lata ao rabo do cão. Que é rabo? Um prolongamento e um deslumbramento. Esse apêndice, que é carne, é também um clarão. Di-lo a filosofia? Não; di-lo a etimologia. Rabo, rabino: duas idéias e uma só raiz.

A etimologia é a chave do passado, como a filosofia é a chave do futuro.

O cão ia pela rua fora, a dar com a lata nas pedras. A pedra faiscava, a lata retinia, o cão voava. Ia como o raio, como o vento, como a idéia. Era a revolução, que transtorna, o temporal que derruba, o incêndio que devora. O cão devorava. Que devorava o cão? O espaço. O espaço é comida. O céu pôs esse transparente manjar ao alcance dos impetuosos. Quando uns jantam e outros jejuam; quando, em oposição às toalhas da casa nobre, há os andrajos da casa do pobre; quando em cima as garrafas choram lacrimachristi, e embaixo os olhos choram lágrimas de sangue, Deus inventou um banquete para a alma. Chamou-lhe espaço. Esse imenso azul, que está entre a criatura e o criador, é o caldeirão dos grandes famintos. Caldeirão azul: antinomia, unidade.

O cão ia. A lata saltava como os guizos do arlequim. De caminho envolveu-se nas pernas de um homem. O homem parou; o cão parou: pararam diante um do outro. Contemplação única! Homo, canis. Um parecia dizer: — Liberta-me! O outro parecia dizer: — Afasta-te! Após alguns instantes, recuaram ambos; o quadrúpede deslaçou-se do bípede. Canis levou a sua lata; homo levou a sua vergonha. Divisão eqüitativa. A vergonha é a lata ao rabo do caráter.

Então, ao longe, muito longe, troou alguma coisa funesta e misteriosa. Era o vento, era o furacão que sacudia as algemas do infinito e rugia como uma imensa pantera. Após o rugido, o movimento, o ímpeto, a vertigem. O furacão vibrou, uivou, grunhiu. O mar calou o seu tumulto, a terra calou a sua orquestra. O furacão vinha retorcendo as árvores, essas torres da natureza, vinha abatendo as torres, essas árvores da arte; e rolava tudo, e aturdia tudo, e ensurdecia tudo. A natureza parecia atônita de si mesma. O condor, que é o colibri dos Andes, tremia de terror, como o colibri, que é o condor das rosas. O furacão igualava o píncaro e a base. Diante dele o

máximo e o mínimo eram uma só coisa: nada. Alçou o dedo e apagou o sol. A poeira cercava-o todo; trazia poeira adiante, atrás, à esquerda, à direita; poeira em cima, poeira embaixo. Era o redomoinho, a convulsão, o arrasamento.

O cão, ao sentir o furacão, estacou. O pequeno parecia desafiar o grande. O finito encarava o infinito, não com pasmo, não com medo; — com desdém. Essa espera do cão tinha alguma coisa de sublime. Há no cão que espera uma expressão semelhante à tranqüilidade do leão ou à fixidez do deserto. Parando o cão, parou a lata. O furacão viu de longe esse inimigo quieto; achou-o sublime e desprezível. Quem era ele para o afrontar? A um quilômetro de distância, o cão investiu para o adversário. Um e outro entraram a devorar o espaço, o tempo, a luz. O cão levava a lata, o furacão trazia a poeira. Entre eles, e em redor deles, a natureza ficaria extática, absorta, atônita.

Súbito grudaram-se. A poeira redomoinhou, a lata retiniu com o fragor das armas de Aquiles. Cão e furacão envolveram-se um no outro; era a raiva, a ambição, a loucura, o desvario; eram todas as forças, todas as doenças; era o azul, que dizia ao pó: és baixo; era o pó, que dizia ao azul: és orgulhoso. Ouvia-se o rugir, o latir, o retinir; e por cima de tudo isso, uma testemunha impassível, o Destino; e por baixo de tudo, uma testemunha risível, o Homem.

As horas voavam como folhas num temporal. O duelo prosseguia sem misericórdia nem interrupção. Tinha a continuidade das grandes cóleras. Tinha a persistência das pequenas vaidades. Quando o furacão abria as largas asas, o cão arreganhava os dentes agudos. Arma por arma; afronta por afronta; morte por morte. Um dente vale uma asa. A asa buscava o pulmão para sufocá-lo; o dente buscava a asa para destruí-la. Cada uma dessas duas espadas implacáveis trazia a morte na ponta.

De repente, ouviu-se um estouro, um gemido, um grito de triunfo. A poeira subiu, o ar clareou, e o terreno do duelo apareceu aos olhos do homem estupefato. O cão devorara o furacão. O pó vencera o azul. O mínimo derrubara o máximo. Na fronte do vencedor havia uma aurora; na do vencido negrejava uma sombra. Entre ambas jazia, inútil, uma coisa: a lata.

II

ESTILO AB OVO

Um cão saiu de lata ao rabo. Vejamos primeiramente o que é o cão, o barbante e a lata; e vejamos se é possível saber a origem do uso de pôr uma lata ao rabo do cão.

O cão nasceu no sexto dia. Com efeito, achamos no Gênese, cap. I, v. 24 e 25, que, tendo criado na véspera os peixes e as aves, Deus criou naqueles dias as bestas da terra e os animais domésticos, entre os quais figura o de que ora trato.

Não se pode dizer com acerto a data do barbante e da lata. Sobre o primeiro, encontramos no Êxodo, cap. XXVII, v. 1, estas palavras de Jeová: "Farás dez cortinas de linho retorcido", de onde se pode inferir que já se torcia o linho, e por conseguinte se usava o cordel. Da lata as induções são mais vagas. No mesmo livro do Êxodo, cap. XXVII, v. 3, fala o profeta em caldeiras; mas logo adiante recomenda que sejam de cobre. O que não é o nosso caso.

Seja como for, temos a existência do cão, provada pelo Gênese, e a do barbante citada com verossimilhança no Êxodo. Não havendo prova cabal da lata, podemos crer, sem absurdo, que existe, visto o uso que dela fazemos.

Agora: — de onde vem o uso de atar uma lata ao rabo do cão? Sobre este ponto a história dos povos semíticos é tão obscura como a dos povos arianos. O que se pode afiançar é que os Hebreus não o tiveram. Quando Davi (Reis, cap. V, v. 16) entrou na cidade a bailar defronte da arca, Micol, a filha de Saul, que o viu, ficou fazendo má idéia dele, por motivo dessa expansão coreográfica. Concluo que era um povo triste. Dos Babilônios suponho a mesma coisa, e a mesma dos Cananeus, dos Jabuseus, dos Amorreus, dos Filisteus, dos Fariseus, dos Heteus e dos Heveus.

Nem admira que esses povos desconhecessem o uso de que se trata. As guerras que traziam não davam lugar à criação o município, que é de data relativamente moderna; e o uso de atar a lata ao cão, há fundamento para crer que é contemporâneo do município, porquanto nada menos é que a primeira das liberdades municipais.

O município é o verdadeiro alicerce da sociedade, do mesmo modo que a família o é do município. Sobre este ponto estão de acordo os mestres da ciência. Daí vem que as sociedades remotíssimas, se bem tivessem o elemento da família e o uso do cão, não tinham nem podiam ter o de atar a lata ao rabo desse digno companheiro do homem, por isso que lhe faltava o município e as liberdades correlatas.

Na Ilíada não há episódio algum que mostre o uso da lata atada ao cão. O mesmo direi dos Vedas, do Popol-Vuh e dos livros de Confúcio. Num hino a Varuna (Rig-Veda, cap. I v. 2), fala-se em um "cordel atado embaixo". Mas não sendo as palavras postas na boca do cão, e sim na do homem, é absolutamente impossível ligar esse texto ao uso moderno.

Que os meninos antigos brincavam, e de modo vário, é ponto incontroverso, em presença dos autores. Varrão, Cícero, Aquiles, Aulo Gélio, Suetônio, Higino, Propércio, Marcila falam de diferentes objetos com que as crianças se entretinham, ou fossem bonecos, ou espadas de pau, ou bolas, ou análogos artifícios. Nenhum deles, entretanto, diz uma só palavra do cão de lata ao rabo. Será crível que, se tal gênero de divertimento houvera entre romanos e gregos, nenhum autor nos desse dele alguma notícia, quando o fator de haver Alcibíades cortado a cauda de um cão seu é citado solenemente livro de Plutarco?

Assim explorada a origem do uso, entrarei no exame do assunto que… (Não houvera tempo para concluir).

III

ESTILO LARGO E CLÁSSICO

Larga messe de louros se oferece às inteligências altíloquas, que, no prélio agora encetado, têm de terçar armas temperadas e finais, ante o ilustre mestre e guia de nossos trabalhos; e porquanto os apoucamentos do meu espírito me não permitem justar com glória, e quiçá me condenam a pronto desbaratamento, contento-me em seguir de longe a trilha dos vencedores, dando-lhes as palmas da admiração.

Manha foi sempre puerícia atar uma lata ao apêndice posterior do cão: e essa manha, não por certo louvável, é quase certo que a tiveram os párvulos de Atenas, não obstante ser a abelha-mestra da antigüidade, cujo mel ainda hoje gosta o paladar dos sabedores.

Tinham alguns infantes, por brinco e gala, atado uma lata a um cão, dando assim folga a aborrecimentos e enfados de suas tarefas escolares. Sentindo a mortificação do barbante, que

lhe prendia a lata, e assustado com o soar da lata nos seixos do caminho, o cão ia tão cego e desvairado, que a nenhuma coisa ou pessoa parecia atender.

Movidos da curiosidade, acudiam os vizinhos às portas de suas vivendas, e, longe de sentirem a compaixão natural do homem quando vê padecer outra criatura, dobravam os agastamentos do cão com surriadas e vaias. O cão perlustrou as ruas, saiu aos campos, aos andurriais, até entestar com uma montanha, em cujos alcantilados píncaros desmaiava o sol, e ao pé de cuja base um mancebo apascoava o seu gado.

Quis o Supremo Opífice que este mancebo fosse mais compassivo que os da cidade, e fizesse acabar o suplício do cão. Gentil era ele de olhos brandos e não somenos em graça aos da mais formosa donzela. Com o cajado ao ombro, e sentado num pedaço de rochedo, manuseava um tomo de Virgílio, seguindo com o pensamento a trilha daquele caudal engenho. Apropinquando-se o cão do mancebo, este lhe lançou as mãos e o deteve. O mancebo varreu logo da memória o poeta e o gado, tratou de desvincular a lata do cão e o fez em poucos minutos, com mor destreza e paciência.

O cão, aliás vultoso, parecia haver desmedrado fortemente, depois que a malícia dos meninos o pusera em tão apertadas andanças. Livre da lata, lambeu as mãos do mancebo, que o tomou para si, dizendo: — De ora avante, me acompanharás ao pasto.

Folgareis certamente com o caso que deixo narrado, embora não possa o apoucado e rude estilo do vosso condiscípulo dar ao quadro os adequados toques. Feracíssimo é o campo para engenhos de mais alto quilate; e, embora abastado de urzes, e porventura coberto de trevas, a imaginação dará o fio de Ariadne com que sói vencer os mais complicados labirintos.

Entranhado anelo me enche de antecipado gosto, por ler os produtos de vossas inteligências, que serão em tudo dignos do nosso digno mestre, e que desafiarão a foice da morte colhendo vasta seara de louros imarcescíveis com que engrinaldareis as fontes imortais.

Tais são os três escritos; dando-os ao prelo, fico tranquilo com a minha consciência; revelei três escritores.

POEMAS DA CORA CORALINA

BECO DA ESCOLA

Um corricho, de passagem,
um dos muitos vasos comunicantes
onde circula a vida humilde da cidade.
Um bequinho de brinquedo, miudinho.
Chamado no meu tempo de menina
- beco da escola.

Uma braça de largura, mal medida.
Cinquenta metros de comprido...avaliado
Bem alinhado. Direitinho.
Beco da escola...
Escola de velhos tempos.

Tempos de velhas mestras.
Mestra Lili, Mestra Silvina, Mestra Inhola.
Outras mais, esquecidas mestras de Goiás.

Mestra Lili...o seu perfil:
Miudinha, magrinha.
Boa sobretudo. Força moral.
Energia concentrada. Espírito forte.
O hábito de ensinar, ralhar, levantar a palmatória,
afeiçoara-lhe o conjunto
- enérgico, varonil.

A escola da Mestra Lili
era mesmo naquela esquina
Casa velha- ainda hoje a casa é velha.
Janelas abertas para o beco.
Sala grande. A mesa da Mestra.
Bancos compridos, sem encosto.
Mesa enorme dos meninos escreverem
lições de escrita.
De ruas distantes a gente ouvia,
quartas e sábados, cantada em alto coro
a velha tabuada.

O bequinho da escola
Lembra mestra Lili
Lembra mestra Inhola.

Lembra mestra Silvina
Sá Mônica. Mestra Quina. Mestra Ciriáca.

Esquecidas mestras de Goiás.
Elas todas - donzelas,
sem as emoções da juventude.
Passavam a mocidade esquecidas de casamento,
atarefadas com crianças.
Ensinando o bê-a-bá às gerações.

O beco da escola é uma transição.
Um lapso urbanístico
entre a Vila Rica e a Rua do Carmo.
Tem janelas.
Uma casinha triste de degraus.
Velhos portões fechados, carcomidos.
Lixo pobre.
Aqui, ali, amparadas no muro,
umas aventureiras e interessantes flores de monturo.

Velhas mestras... velhas infâncias...
Reminiscências vagas...

O bequinho da escola brinca de esconder.
Corre da Vila Rica-espia a rua do Carmo.
É um dos mais singulares e autênticos becos de Goiás.
Tem a marca indisfarçada dos séculos
e a pátina escura do Tempo.
Beco recomendado a quem busca o Passado.
Recomendado- sobretudo-
aos poetas existencialistas,
pintores, a frei Nazareno.
Tem portões vestidos de velhice. Tem bueiro.
Tem muros encarquilhados,
rebuçadinhos de telhas.
São de velhas donas credenciadas
de velhas descendências
- guerreiros do Paraguai.
Bem estreito e sujo
como compete a um beco genuíno.
Esquecido e abandonado,
no destino resumido dos becos,
no desamar da gente da cidade.

Poetas e pintores
românticos, surrealistas, concretistas, cubistas,
eu vos conclamo.
Vindes todos cantar, rimar em versos,
bizarros coloridos,
os becos da minha terra.
Ao meio dia desce sobre eles,
vertical,
um pincel de luz,
rabiscando de ouro seu lixo pobre,
criando rimas imprevistas nos seus monturos.

De noite...noite de quarto,
a cidade vazia se recolhe
num silêncio avaro, severo,
Horas antigas do passado.
- Concentração.
Almas penadas doutro mundo.

Procissão das almas
vai saindo da porta fechada das igrejas.
Vem vindo pelas ruas.
Desaparecem pelas esquinas.

Responsam pelos becos.
altas viagens: assombração...
o diabo no corpo...
Lobisomem...

Simbolismo dos velhos avatares.

A ESCOLA DA MESTRE SILVINA

Minha escola primária...
Escola antiga de antiga mestra.
Repartida em dois períodos
para a mesma meninada,
das 8 às 11, da 1 às 4.
Nem recreio, nem exames.
Nem notas, nem férias.
Sem cânticos, sem merenda...
Digo mal — sempre havia
distribuídos
alguns bolos de palmatória...
A granel?
Não, que a Mestra
era boa, velha, cansada, aposentada.
Tinha já ensinado a uma geração
antes da minha.

A gente chegava "— Bença, Mestra."
Sentava em bancos compridos,
escorridos, sem encosto.
Lia alto lições de rotina:
o velho abecedário,
lição salteada.
Aprendia a soletrar.

Vinham depois:
Primeiro, segundo,
terceiro e quarto livros
do erudito pedagogo
Abílio César Borges —
Barão de Macaúbas.
E as máximas sapientes
do Marquês de Maricá.

(...)

Num prego de forja, saliente na parede,
estirava-se a palmatória.
Porta de dentro abrindo
numa alcova escura.
Um velhíssimo armário.
Canastras tacheadas.
Um pote d'água.
Um prato de ferro.
Uma velha caneca, coletiva,
enferrujada.
Minha escola da Mestra Silvina...

Silvina Ermelinda Xavier de Brito.
Era todo o nome dela.

Velhos colegas daquele tempo,
onde andam vocês?

(...)

E faço a chamada de saudade
dos colegas:
Juca Albernaz, Antônio,
João de Araújo, Rufo.
Apulcro de Alencastro,
Vítor de Carvalho Ramos.
Hugo das Tropas e Boiadas.
Benjamim Vieira.
Antônio Rizzo.
Leão Caiado, Orestes de Carvalho.
Natanael Lafaiete Póvoa.
Marica. Albertina Camargo.
Breno — "Escuto e tua voz vai
se apagando com um dolente ciciar
de prece".

(...)

E a Mestra?...
Está no Céu.

MESTRA SILVINA

Vesti a memória com meu mandrião balão.
Centrei nas mãos meu vintém de cobre.
Oferta de uma infância pobre, inconsciente, ingênua,
revivida nestas páginas.
Minha escola primária, fostes meu ponto de partida,
dei voltas ao mundo.
Criei meus mundos...
Minha escola primária. Minha memória reverencia
minha velha Mestra.
Nas minhas festivas noites de autógrafos, minhas
colunas de jornais
e livros, está sempre presente minha escola primária.
Eu era menina do banco das mais atrasadas.

Minha escola primária...
Eu era um casulo feio, informe, inexpressivo.
E ela me refez, me desencantou.
Abriu pela paciência e didática da velha mestra,
Cinquentanos mais do que eu, o meu entendimento ocluso.

A escola da mestre Silvina...
Tão pobre ela. Tão pobre a escola...
Sua pobreza encerrava uma luz que ninguém via.
Tantos anos já corridos...
Tantas voltas deu-me a vida...

No brilho de minhas noites de autógrafos,
Luzes, mocidade e flores à minha volta, bruscamente a mutação se faz.
Cala o microfone, a voz da saudação.

Peça a peça se decompõe a cena,
Retirados os painéis, o quadro se refaz,
Tão pungente, diferente.

Toda pobreza da minha velha escola
Se impõe e a mestra é iluminada de uma nova dimensão.

Estão presentes nos seus bancos
Seus livros desusados, suas lousas que ninguém mais vê,
Meus colegas relembrados.
Queira ou não, vejo-me tão pequena, no banco das atrasadas.
E volto a ser Aninha,
Aquela em que ninguém acreditava.